

A 859,614

PROPERTY OF  
*University of  
Michigan  
Libraries*

1817



---

ARTES SCIENTIA VERITAS

---









DR. F. FERRAZ DE MACEDO

---

00.00

Dr.  
J.C.R.

# DESABAFO PATRIOTICO

BO

TRICENTENARIO DE CAMÕES

NO

RIO DE JANEIRO

---

Estudo critico e documentado, ou  
a « censura » feita aos promotores e orador-official  
do tricentenario, escripto este dado a lume  
com antecedencia ao acto.

Defender os patrios lares  
Dar a vida pelo Rei  
He dos Luzos valorosos  
Character, costume e lei.

*Bocage, rithmas.*

Guerra um libro tiene siempre  
Por mas armado que vaya  
De discrecion. Valor tiene,  
Si es que vence a la ignorancia.

*J. Owen, agudezas.*

OFFERTA GRATUITA

---

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA ACADEMICA—RUA SETE DE SETEMBRO N. 73

1880

869.8  
C180  
F38



17785

# DESABAFO PATRIOTICO

E O

TRICENTENARIO DE CAMÕES

NO

RIO DE JANEIRO

Estudo critico e documentado, ou  
a "censura,, feita aos promotores e ora-  
dor-official do tricentenario,

C O N T E N D O :

a deturpação dos elementos característicos do acto pelos seus  
promotores do Gabinete Portuguez de Leitura, e a incon-  
gruencia, incompatibilidade e insufficiencia (relativas)  
do seu illustrado orador-official, o illm. exm.  
sr. (dr.) Joaquim Nabuco, escripto este  
apresentado com antecedencia  
ao mesmo acto.

P E L O

DR. FRANCISCO FERRAZ DE MACEDO.



Amigo dr. Theophylo Braga.

Jamais offertei ao meu amigo o valor de uma cellula, no emtanto que recebi do amigo o valor de um infinito: uma amisade leal e sincera, favor bem raro na vida, ou quasi impossivel.

Se eu possuísse systemas planetarios, não mundos só, que era pouco, offertal-os-hia ao amigo, que não valeriam como retribuição nem a sombra projectada do que recebi.

Peza-me não ter mais, senão nas mãos do amigo seria posto.

Este escripto teve a genese e criou corpo no curto espaço de 14 a 16 dias \*, e sob o peso de fortes e desagradaveis impressões physicas e moraes; não é, pois, extraordinario que seja afogado naquelle rio fatidico da fabula em mais curto espaço de tempo. Elle tambem nada mais merecerá.

Sirva elle momentaneamente como homenagem ao tricentenario do nosso creador da epopea moderna, Luiz de Camões, e terá satisfeito o seu fim, porque as homenagens perduraveis terá muitos que lh'as façam; attingido esse desejo, ainda que por um modo indirecto, ficará contente por o haver offertado ao amigo o

dr. F. Ferraz de Macedo.

Rio, 9 de Maio de 1880.

---

\* Além disso, estou sem livros, sem recursos nenhuns auxiliares e valiosos para illustrarem o ponto que pretendo desenvolver. Acontece-me isso porque estou fóra da cidade, não como se diz *no campo*, mas *n'um morro* dos arrabaldes da Corte, reconstituindo-me dos destroços de uma *febre perniciosa* que me elegeu e á minha pobre filhinha para operar as suas horrendas evoluções.

Portanto, o amigo, attendendo a que nem tenho presentemente casa, nem livros, porque os tenho em malas, e estas empilhadas a um canto na casa de um cliente, espero aceitará a minha offerta, não obstante estar pobre de dicção e dos elementos que caracterisam os eruditos.

O proprietario desta obra em Portugal é o dr. Theophylo  
Braga.

**Aos Portuguezes verdadeiros**

**DEDICA**

*O Autor.*

Os exemplares que não levarem a minha assignatura serão considerados falsos, e perseguidos com o rigor das leis os seus factores.

Ao illm. <sup>sr.</sup> sr.

José Feliz da Costa.

offerta especialmente este trabalho mo-  
mentoso, e dada a lume como homena-  
gem aos males de Luiz de Camões no  
dia do seu tricentenário, a to de Junho  
de 1880, a

dr. F. Ferrar de Macedo.

Rio de Janeiro, de de 1880.

1

## Justificação e prevenção

Lavro aqui uma satisfação publica aos interessados e implicados neste meu escripto, feito ao correr da penna, e cujo objecto é por mim tocado de relance ou, se eu fosse francez diria, *à vol d'oiseau*, sem tempo para correcção, para revisão, e para ampliações, talvez bem necessarias em alguns pontos; lavro na testeira deste livro, digo, publica satisfação sobre os pontos seguintes:

Em nenhuma das minhas palavras se lance o veneno de affronta pessoal;

Em nenhuma o de prejuizo patrio;

Em nenhuma o de azedume de familia;

Em nenhuma o de ingratição;

Em nenhuma o de malevolencia;

Em nenhuma o de proprio optimismo;

Em nenhuma o de subversão;

Em nenhuma o de sedição;

Antes em todas o amargor da necessidade imperiosa e indeclinavel de as dizer.



# PROEMIO

---

Não sey por certo, Senhor Autor, se attribua a temeridade, ou a serdes demasiado republico tomarles empreza tam arriscada, como escreverdes os males, e defeitos do tempo de agora : porque per huma daes occasião (conforme a Tullio) que vos tenham por ignorante, e pela outra (segundo a Policia) vos mostraes mais zeloso do bem commum do que vossa mediocridade pede; pelo que sou de parecer que mudeis do que levacs, se he que desejaes viver em paz.

( *Tempo de agora*, por B. José de Souza Farinha. Lisboa, 1783, vol. 1.º, prologo pag. 3.)

Nunca em minha vida me lembrou de tratar de assumptos que tivessem relação com patriotismo, e muito menos taes ideias me dominavam, especialmente estando tão longe da terra em que pela primeira vez inspirei.

O terceiro centenario, como simples commemorativo da morte do homem extraordinario e portuguez, Luiz de Camões, que se vai celebrar nesta Cidade, onde no presente me encontro, em muito pouco ou mesmo em nada teria influencia em meu espirito para o abalar; suspeitas

de algumas complicações futuras, em relação à dignidade do povo em que eu nasci, complicações que se podem originar dos elementos com que o celebram, vieram agitar o meu coração que descançava.

E' tendo em mira unicamente a salvaguarda de *pequenas cousas*, para as quaes algumas pessoas não pensam ser necessario chamar a preciosa attenção, mas que nellas realmente está implantada a polpa do amor patrio verdadeiro, que me entrego a este trabalho cheio de espinhos e talvez amarguroso para mim, se por infelicidade os interessados não fizerem recta justiça aos sentimentos que me conduzem.

O grandioso e a natureza do assumpto, pois, que servem de motor agora ao meu espirito e por intermedio deste que dirigem a minha frouxa penna, é preciso que o diga sem demora de um momento, perderiam todos os seus elementos de pureza se estes seus agentes fossem movidos por algum *premio, folgado, suborno, prejuizo, ira, vingança*, ou mesmo da desprezivel *altivez*. Nenhuma destas maculas tisna nem o espirito nem a materia daquelle que sómente vai conduzido pela torrente sagrada do dever.

Se, entretanto, pôde ser posto em duvida o que avancei, então seja-me licito perguntar a quem vacilla:

---

1.º Que recompensa julgaes necessario para desviar qualquer da vereda desse principio que rege a humanidade—o dever—? e, por consequencia, que recompensa será bastante que possa fazer esquecer a familia, a patria, a gratidão, o merito, etc. ?... Incontestavelmente que o dinheiro é por demais mineral e tanto que só poderá corromper ao inorganico qual elle é, ou quando não áquelle espirito que seja como elle mineralizado; o amor da gloria? quando é verdadeiro, é incapaz de levar á corrupção, porque tem como pilastra á sua effigie a familia, a patria, a homenagem ao merecimento, etc.; as distincções sociaes, manifestadas pelas condecorações e os titulos de nobreza? são por todos os motivos insufficientes para a corruptibilidade da familia, da patria, emfim de todos os principios do dever, e são insufficientes em razão de converterem, como por encanto, em monstros hediondos os indignos que pretenderem esmagar as bases genuinas em que repousam as suas proprias prerogativas, os seus titulos ou os seus brazões.

Por aqui se vê que o premio não é capaz de me mover neste proposito.

2.º Nas reuniões familiares, nos passeios recreativos, nas palestras passageiras e nos jogos de passa-tempo, convenho em que o gracejo, a

chacota tenha seu cabimento, e esse mesmo de limites circumscriptos, porém em assumpto da ordem de que me occupo poder julgar-se que se me abalanço nelle é por brinquedo (?), só por gracejo de quem o disser e de nenhuma outra fôrma se deve conceber.

E' facto demonstrado, seja dado como exemplo, que as mais fugaces proposições emittidas por qualquer sobre familia, ou sobre patriotismo, quer proprios quer alheios, mas que os gestos, as fallas, as proposições levem ligeira penumbra de zombaria, é bastante para fazer pollular chofrudos que o escutem, ou então fazer acordar, como que estremunhados, espiritos de extrema vulnerabilidade domestica ou patriótica, dando taes imprudencias algumas occasiões origem a lastimosos conflictos. Por estes motivos, quaesquer palavras, quaesquer apreciações externadas em ar de motejo a respeito da patria ou da familia, proprias ou alheias, jamais deixarão de ser um estultiloquio, e nunca serão productos oriundos da sensatez.

E' pois claro que o folguedo não é capaz de me mover neste proposito.

3.º O premio é um congenere do suborno, só tem por differença que este é realisado e aquelle é *sub conditione*; isto é, promette-se recompensa ao individuo que levar a effeito uma determi-

---

nada acção, gratifica-se previamente ao individuo para que elle ponha em execução uma convencionada cousa : no primeiro caso será um premio, o qual poderá vir a ser satisfeito debaixo de diversas formas — pelo ouro ou pelos seus effeitos, pela elevação á fama, pelas distincções sociaes — ; no segundo caso qualquer destas recompensas ha de ser outorgada anticipadamente ao factor da acção, ou de nenhum resultado ficará a promessa por elle feita. Por estas discriminações vê-se que o suborno é compra realisada, e que o premio ou recompensa é suspeita ou desejos de posse.

Mas, dizei-me, quem vende os direitos do dever em troca de um pedaço de metal, de mentirosas ovações, ou de inutilizados pergaminhos, acompanhados de rosetas de pedras finas ? Muitos ! direis vós. Porém muitos, quem ? sómente o fazem os facinoras, os vilões, ou aquelles que teem na frente o estygmoso emblema do poltrão !

Antes a morte, vos affirmo, do que vêr-me uma só vez movido por essa forma em outras determinações, quanto mais neste meu proposito.

4.º O aguilhão mais ponteagudo com que os acoimadores do seculo actual ferem os censurados, seja qual fôr o motivo por que o são, é fornecido pela fabrica dos juizos anticipados, que

vem tambem a servir de moldes basicos de todas as armas para as porvindouras controversias.

Por causa dos juizos prévios e infundados, bem entendido, é que parte da sociedade é ás vezes revolvida, manietada, presa e morta. O prejuizo é um dos maiores flagellos da humanidade; se elle por acaso chega a impar, então por seu intermedio algumas occasiões acende-se a guerra, suspende-se o commercio, intercepta-se a navegação, para a industria, desfinha a sciencia e degola-se a paz domestica! Póde-se lhe applicar bem o pre-nome de *ma'dito*.

O juizo prévio, hoje, pelo commum, origina-se nas baixas classes sociaes, porém baixas na perfeita extensão da palavra — nos libertinos e ociosos —; toma corpo nas classes medias, onde felizmente faz os menores destroços e ás vezes morre por ahi; fôrma vulto nas classes superiores, mas quando lá chega os seus estragos são inevitaveis, seja qual fôr a causa a que se refira.

Antigamente, os prejuizos tinham por genese as classes superiores, e portanto os seus danos eram mais promptos e decisivos, em virtude quer das posições aulicas donde emanavam, quer das scientificas, ecclesias, ou mesmo monetarias donde provinham: os aulicos e mone-

---

tarios impunham-nos ás outras classes pelo temor, pelo castigo, ou pela força; os scientificos e ecclesios impunham-nos pelo respeito e pela veneração. Dahi comprehende-se o sacrificio inevitavel que redundava para as classes inferiores. Com prazer digamos que para a nossa geração a corrente dos prejuizos segue a ordem inversa aos nossos antepassados; como não leva, pois, o sello da imposição, nem o da obediencia cega, perde-se ou estafa-se caminhando para as classes elevadas, ou se lá chega vai modificada na sua aspereza e afinal desprezada, por causa dos absurdos que encerra e por causa da sua origem.

A superstição é companheira quasi inseparavel do prejuizo, embora de essencia muito diferente, e é por esse motivo que o povo pouco illustrado, de uma educação cheia de maculas e de uma civilização atrasada, dá couto e serve de viveiro a tão desarrazoadas e destruidoras creações. E' sabido que os papeis genesicos destes elementos de desharmonia humana estavam invertidos; a fonte opposta delles no presente é que acarreta para a sociedade a concordia, o socego: é o caso de fluidos iguaes e de pontos oppostos que se repellem no choque.

A independencia plebèa, em presença dos mandatos aulicos, aureos e ecclesios, está princi-

piando a fixar galhardamente uma posição autonómica digna de respeito, accrescendo que, á medida que vai ganhando terreno, vai tambem pouco a pouco sacudindo de si a submissão ao poder coercitivo que sobre elle exerciam os supra-mencionados, mas que o exerciam á maneira de quem punha em movimento automatós e não seres da mesma constituição physica, moral e intellectual. De modo que o ponto, ainda que pequeno, occupado já pela massa plebèa, dá-lhe certa força e mesmo hombridade tal a ponto de o levar a indicar, de sobr'olho meio carregado, o *porqué* das ordenações baixadas, e de o levar a sustentar mesmo a negação, e ainda mais a fazer retirar aquellas ordenações que lhe não convem, dando outras de sua lavra para as substituir. Por outro lado, os mandatarios vingam-se da massa plebèa, refutando ou não aceitando os seus pedidos e reformas.

Ora, eis ahí está uma guerra, mas uma guerra que traz, no maior vigor, a harmonia de um povo, de uma nação, ou mesmo o equilibrio de todo o genero humano.

Presentemente, os prejuizos quasi todos teem como ponto de partida a plebe, já o disse; de sorte que quando esses prejuizos chegam á classe illustrada, se lá galgam, essa não os aceita por absurdos e inconsequentes. Logo, d'aqui

---

se deduz que os prejuizos no tempo hodierno são creações abortivas e ridiculas, que nenhuma importancia devem merecer ao homem illustrado e de bom-senso, a menos que faça o contrario por birra.

Eu, que não conheço a contumacia e muito menos a contumelia, como poderei ser movido pelo prejuizo, especialmente em assumpto patrio, cuja gravidade é illimitada?

Pelo que deixo exposto me parece impossivel ser até lembrado, em relação a este meu proposito, semelhante crime, a não ser que venha originado de um cerebro doentio, inculto ou mal intencionado; porém, é verdade que em qualquer um destes casos, pouco ou nenhum valor terá para os sensatos.

No correr deste mais do que repentino escripto ficará patente, conforme as minhas forças o permittirem, que o meu *tentamen* é apresentar um elemento venefico com que se possam aniquilar milhares de viveiros de ruinosos prejuizos, havendo por especial intenção preparar um instrumento pacifico a incanzinações que possam futuramente sobrevir. Se for infeliz no primeiro caso, ainda haverá recorrencia para o segundo; e se este, emfim, não for bem talhado, original na forma, bem polido e facilmente

maneavel, será antes falta de aptidão do que de desejos, que são multiplicados e são.

5.º Pelo remanso em que vogo, desde o começo deste escripto, tendes já uma prova de que não é a agitação ou a super-abundancia de viveza que me conduz ao meu designio, antes deveis notar que appetço o brando e o suave para me transportar ao ponto desejado.

Conheço que é insufficiente esta prova para abranger o meu fim justificativo, e por isso tentarei buscar outras que o façam.

Se o asqueroso de um objecto pessoal estivesse a enlamear ou a denegrir a pureza do objecto geral que me demove, por certo que possibilidade poderia haver da ira me dominar, ainda que fosse por um momento, pois que então levaria em mente vencer pelo impeto o meu adversario, o qual, se cedesse, cederia nesse caso pelo terror, cousa que talvez eu não conseguisse pela brandura e serenidade; porém o objecto, longe de ser parcial, é tão generico e tão complicado que, se eu assim procedesse, seria uma obra de misericordia enclausurar-me, como se faz a um desvairado ou inconsequente, visto que nesses casos eu pretendia sósinho arcar com a resistencia de milhões de semelhantes que neste objecto estão compromettidos.

Se, por outra forma, o fundo das palavras, a

---

logica das phrases, o alcance dos periodos de um escripto qualquer não encerram decôro, gravidade, prudencia e coordenação, pôde-se desde logo principiar a suspeitar que esse escriptor vai conduzido irosamente; se, obstinado, persiste nos mesmos preceitos maculados seguidamente, pôde-se ter mais do que suspeita de que vai levado pela mão da ira; mas se, além de tudo isto, o virmos passar de repente do objectivo ao subjectivo, do geral ao particular, dando em suas conclusões o todo pela parte e reciprocamente, pôde-se affirmar que o individuo em questão está dominado pela ira, ou, ainda mais, pela raiva e mesmo que está ardendo em colera. Ora taes aberrações, ou taes infelicidades cerebraes, julgo não transpirarem nestes meus escriptos; o que podem ser, sim, é serem imponderaveis, rachiticos, descomsubstanciados bastante para serem dignos do intento que os domina; porém, desarazoados me parecem que não são.

Os disparates multiplicados, a intempestividade e incongruencia de phrases e epithetos chulos são, pela maior parte das vezes, uma prova de que um individuo vai arrastado pela irascibilidade, muito embora queira encobrir a dôr do verme que o morde profundamente, indo

buscar o recurso de um refugio no charco da ridicula zombaria.

A vaidade, o despeito, o amor proprio, a pretensão, o enfatuamento e outras mazellas moraes, que infelizmente algumas occasiões se alastram pelo espirito dos individuos, estejam elles collocados em qualquer posição — alta ou baixa —, chamam, como que por sympathia, a sua congengere e quasi inseparavel companheira — a ira —; mas nunca a junção desta com qualquer daquellas se faz sem que d'ahi provenha uma explosão verbal inconsequente: semelha-se essa junção á combinação dos dois fluidos electricos differentes, que nunca se combinam sem faisca e estampido, relativos á tensão que a produz e ao vacuo por ella formado.

Eu poderia multiplicar exemplos da origem da ira e das suas manifestações; julgo, entretanto, os apontados por demais sufficientes para mostrar que não é ella que me move neste meu proposito. Demais, no correr deste escripto vereis que eu não falto á verdade e á prudente serenidade.

6.º Quando a creatura se determina a castigar, physica ou moralmente, a outra ou outras, pode-o fazer de dois modos, e por dois motivos: — 1º, ou violentamente movido pela justiça, ou violentamente levado pela crueldade; — 2º, ou

---

com calma reflectida manipulando um odio implacavel justo ou injusto, ou com calma reflectida alimentando mais do que é necessario os limites da correcção.

Em qualquer um destes casos o acto não passa de uma vingança, e segundo Otwey e Mme. de Puissieux, tanto mais é perfeita e segura, quanto mais se reveste com as apparencias de justiça, onde a raiva se sustenta e augmenta farta e progressivamente.

As novas e quasi generalisadas correntes de ideias scientificas que atravessam os povos deste seculo, vão decependo de geração em geração esse abutre carniceiro, que em tempos idos devorava as mais importantes faculdades e deveres do homem. Desde Voltaire a Dupuis e deste a Augusto Comte, que a orientação cerebral vai sendo profundamente modificada a respeito do sentimento e alimentação da vingança, e a reforma é tão importante que leva vantagem para vencer aquella hydra. Mas, como os seculos são para a evolução da humanidade muito menos do que os quintos chronographicos são para a existencia do homem, póde-se dizer que, para o aniquilamento completo do sentimento da vingança, o que até hoje se tem feito não passa de uma tentativa, que ainda póde muito facilmente abortar; e para isso basta que os ele-

mentos beneficos, tendentes a esse *desideratum*, faltem ou se desequilibrem por um momento nos instantes seculares da criação.

O odio, cuja origem causal se vai perder no infinito dos successos humanos, é tão longo e tão teimoso que La Bruyère dizia que quando o homem, que o alimenta, se quer reconciliar, essa reconciliação é o signal quasi invariavel da morte; mas, sendo o odio o maior numero das vezes o casulo da vingança, concebe-se as transformações e reformas por que tem de passar a criação, para se arredar ou desquitar de tão negro sentimento.

A educação e a illustração, harmoniosamente propinadas e combinadas, parecem operar com beneficio no ente humano a respeito do vicio terrivel do odio; pelo contrario, se algum destes precedentes falta no homem, em qualquer posição que esteja collocado, o elemento venenoso do odio infiltra-se-lhe n'alma em maior ou menor porção. Por isso todo aquelle, desde o soberano ao plebeu, que incorra em alguma falta supra-mencionada, ha de claudicar portanto na culpa do odio, cujas consequencias devastadoras, manifestadas pela vingança, estão na razão directa do poderio de quem a põe em pratica.

A dissolução dos costumes, a ociosidade, a politica, a espoliação ou insulto de bens ou fa-

milia ou patria ou amores ou posição, parecem operar como agentes de primeira ordem na formação do odio, e por consequencia, como motores da vingança; as offensas phisicas, a implantação da discordia no lar domestico, a violação da amizade, e outras causas, parecem pertencer aos segundos agentes, pela intensidade, no odio e na vingança.

Ora, eu analysando-me a mim proprio, mas analysando-me esclarecido pela luz da consciencia, descubro que agente nenhum daquelles que acabo de enumerar tolda o cêo da minha existencia; e pois como suppôr que sou conduzido aqui pela corrente ensanguentada daquella fêra?

Já vêdes que de modo algum a vingança é que me move neste proposito.

7.º A venenosa ferrugem d'alma — o amor proprio — costuma nos seus primeiros insultos a manifestar-se pela arrogancia, pela imponencia, pela má creação; depois é que se modifica, á proporção que de suas proprias explosões se alimenta: transforma-se em odio, em miseria, em podridão, em crime.

A vaidade, não acobertada pelo manto da hypocrisia, mas sustentando com vigor os erros commettidos por quem é seu receptaculo, tambem costuma ter o character arrogante como um

impio, soberbo como um Tiberio, audaz como um facinora.

A ignorancia junta ao crime, a cobardia lisonjeada, a infamia acariciada, e outras maculas moraes, teem por norma invariavel desenvolver-se em imponencia insupportavel, quando se desprezam a tempo os meios infalliveis de as combater.

O arrogante, o altivo é por natureza inconveniente em suas quarellas e argucias; porque nunca o pôde supportar quem o escuta, a menos que este não tenha convivio e adopte preceitos homogeneos, e não oppostos ao seu interlocutor. O primeiro esbulha todos os seus semelhantes, de tudo quanto lhe apraz, licito ou illicito, referindo-o incontinente a si; e se alguém lhe vai á mão nos mais patentes absurdos, em que elle emphaticamente se narcisa, pôde contar, como inevitavel, com o mais poderoso dos insultos que elabore o cerebro do insurgido arrogante. Eis a razão por que são considerados como creaturas incapazes de sociedade honesta e criteriosa.

A bondade, a brandura, a fidelidade, a modestia, a decencia, a honradez, a independencia de character, fazem do arrogante um tigre; a cobardia, a vileza, a impostura, o poltronismo, a insensibilidade, deleitam-no; o crime, a rebelião, o prescitismo, a guerra, emfim, se fosse

---

possivel, um cataclysmo universal, transportam-no de alegria, ferozmente manifestada. O arrogante é uma especie de despota, manejando sem treguas e sem cansar as leis da tyrannia: imaginai-o lá n'um throno, n'uma thiara, n'um pulpito..... felizmente que, para as sociedades porvindouras, me parece que o throno está livre delles pelo nascimento, e a thiara e o pulpito pela inutilidade.

Os productos recolhidos da philosophia moderna, ou por outra, os productos das sciencias, cuja alavanca é a razão, tem mostrado a inconveniência no respeito que cegamente se votava aos preceitos regulamentares basicos e primitivos, pelos quaes se devia guiar a sociedade; e por isso esta tem lutado, luta e ha de lutar para atalhar o louco phrenesi de obediencia tola a principios caducos, crivados de absurdos e de insultos ás leis, que regem o ser pensante, pelo modo mais grave e calamitoso.

Pela actividade das sciencias, e pelos seus rapidos progressos, podemos estar convencidos que terão em breve tempo cerceado os talos mais elevados e perniciosos da arrogancia, e que esses mesmos talos se hão de transformar em afiados instrumentos, para decepar os que ficarem e os novos que forem rebentando.

Agora dizei-me: quem falla assim da arrogan-



cia póde usar ou aceitar alguma das suas pragmaticas?... Julgo que não.

Já vedes, pois, que não é a altivez que me moove neste proposito.

»

Prevenidos alguns pontos, que eu tinha receio de mal intencionados os darem por identificados comigo e por mim acariciados, é do meu dever agora orientar-vos do assumpto e dar-vos conta do meu proposito.

E' o que tentarei fazer nos quatro capitulos seguintes.

---

## CAPITULO I

### ORIENTAÇÃO FUNDAMENTAL DO ASSUMPTO

#### § 1.º

E' em virtude de não possuirem principios,  
que se deixam deslumbrar pelos sophismas.

(CLEMENTE XIV.)

Por meio de uma persistencia de 3 seculos e mais de 3 quartos de um, teem conseguido os portuguezes marcar no Brazil, em relação a si, 3 epochas distinctas declinantes em sentido autonomico e com um caracter ideal metamorphotico: no principio de sua assistencia tinham o caracter de pais; depois passaram a ter o caracter de preceptores; hoje teem o caracter de irmãos, debaixo de todas as leis da mais severa hospitalidade reciproca.

Em relação a estes 3 estados decrescentes seja-me permitido omittir narrações e factos historicos, e seja-me concedido isso em virtude de serem por demais sabidos, visto que circulam, abundantemente pelo mundo, impressos, desde os volumosos infolios, até aos maneaveis epithomes.

Tudo, porém, se vem a reduzir no seguinte: posse e dominio portuguezes primitivos; manutenção e evolução portuguezas do Brazil; respeito e amisade reciproca entre brasileiros e portuguezes. Se os portuguezes claudicaram em algum destes preceitos como pais e como preceptores, é

do dever do historiador philosopho, e não do simples enumerador de factos e datas, averigual-o; se peccam ou se são virtuosos ambos como irmãos. é do dever dos chronistas modernos deixar desinteressadamente impressos, e livres de prejuizos e preconceitos, os factos taes quaes se vão passando, para servirem de base ao verdadeiro juizo do historiador philosopho porvindouro <sup>1</sup>.

---

1 A Historia é uma das provas, com que a vaidade allega, e de que mais se serve na authenticidade da Nobreza: prova incerta, duvidosa, fingida, e tambem algumas vezes falsa: nella se vem muitos successos famosos, acções, combates, victorias, inuitos nomes a quem essas mesmas acções ennobreceram, illustraram. Mas de quantas acções fará menção a historia, que jamais se viram? De quantos successos, que nunca foram? De quantos combates que nunca se deram? De quantas victorias, que nunca se alcançaram? e de quantos nomes, que nunca houveram? Não é facil, que pelas narrações da historia se possa descobrir a verdade dos successos; ella communmente se escreve, depois de serem passados alguns, ou muitos seculos, de que se segue, que a mesma antiguidade é uma nuvem escura, e impenetravel, donde a verdade se perde e esconde. Se a historia se escrevesse ainda em vida dos Heroes, o temor, a inveja, e a lisonja bastam para corromper, diminuir, ou acrescentar os factos succedidos: por isso já se disse, que para ser bom historiador, é necessario não ser de nenhuma Religião, de nenhum paiz, de nenhum partido, de nenhuma profissão; e mais que tudo, se se pudesse não ser homem. E com effeito se alguem se persuade, que ha de saber a verdade dos successos pela lição da historia, engana-se, quando muito o que ha de saber, é a historia do que os Authores escreveram, e não a verdade daquillo que escreveram.

(*Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos moraes sobre os effeitos da vaidade, por Mathias Aires Ramos da Silva de Eça. Lisboa. 1761. Pag. 362, § 1.*)

Nenhuma destas arduas tarefas me cabe por incapacidade e por inappetencia. No entanto, eu não deixaria de commetter um acto digno de reprovação, se me eximisse de elucidar o chronista moderno a respeito de um dos milhares de factos, que entre estes irmãos se vão passando.

§ 2.º

Para apanhar o facto a que me reporto de mais longe, é necessario dizer que: aos 10 dias do mez de Junho de 1580 da nossa éra, morria em Portugal, onde nascêra, um homem a quem ligaram pouca importancia material, porém é dubio para alguns se lh'a ligaram moral e intellectual.

Esse homem chamava-se Luiz de Camões, e fora escriptor. Seus escriptos eram e são os *Lustadas*, e *rithmas* de Luiz de Camões.

Depois de volverem annos e mais annos é que os litteratos, os philologos, os historiadores, os philosophos, e, enfim, todos os homens scientificos principiaram a penetrar-se fundo do precioso thesouro intellectual recolhido no cerebro do finado encyclopedista Luiz de Camões, encyclopedista, bem sabido, relativamente aos progressos scientificos do seu tempo.

Longe de parar ou afrouxar a admiração de todos os homens grados na sciencia por aquella creatura fóra do commum, pelo contrario, crescia e cresce de anno a anno ainda mais o pasmo dos competentes em presença das suas raras concepções, e pela excentricidade, que manteve firme, da orientação cerebral que dominava o circulo dos seus

contemporaneos e as imposições sacrilegas, filhas do seculo em que viveu. D'ahi originou-se-lhe de todos um pleito abafado, mórno, ainda não explosivo e phrenetico, porque o não consentiam milhares de causas, de que fazem parte especialmente as ordenações politicas e ecclesiasticas. Modificados a fundo a intensidade e o gravame daquellas causas opprimentes, começaram mais desafrontadamente a borbulhar as opiniões a respeito do merito daquelle homem, opiniões que borbotavam semelhantemente ás lagrimas ardentes que se soltam depois de estarem detidas pelo terror.

Hoje, graças á evolução benefica dos seculos, circula por quasi todos os povos civilizados o nome de Luiz de Camões como um benemerito, não só patrio, mas benemerito para todos os seus semelhantes no meio cosmico em que viveu. Eis a razão por que elle hoje tem uma franca homenagem quasi cosmopolita.

### § 3.º

Depois de haver dado um bosquejo deste conhecido e estatado historico, vou contar um caso, ou um facto particular que tem muita relação com o objecto que me domina presentemente; que vem a ser o seguinte:

Ligado por uma amizade sincera e respeitosa ao sr. dr. Theophylo Braga, tivemos ambos, em Lisbôa em 1877, occasiões multiplicadas de nos referir ao centenario terceiro do homem extraordinario, Luiz de Camões, não offuscados de modo algum pela viveza ou pelo brilho do amor patrio, porém movidos do verdadeiro estimulo da homenagem ao merecimento. Então, occasiões houve, até, em que a imaginação

dava productos phantasmagoricos ao dever do povo portuguez naquelle dia. Mezes e mezes foram decorridos, amenizados de quando em vez por uma conversa narrativa a respeito dos feitos, vida, e futuro historico de Camões, rematando com o esplendor que devia haver no seu tricentenario.

Desta fórma fixaram-se pontos indeclinaveis em que deviam repousar as homenagens para o jubiloso dia portuguez do terceiro centenario de Camões, que se resumiam, pouco mais ou menos, nas seguintes fórmas programmaticas, antes cuidadosamente estudadas pelo sr. dr. Theophylo Braga :

1.ª Trez dias deviam ser escolhidos para a menção (e não me lembra bem se deviam ser os dous dias prévios, ou se os posteriores ao dia commemorativo da morte de Camões ;

2.ª O governo devia concorrer com o seu auxilio para essas demonstrações ;

3.ª Um theatro dos da capital do Reino devia estar ornado e aberto gratuitamente ao publico, onde se havia de seguir nos tres dias a ordem seguinte :

(a) No primeiro dia, discurso inaugural, e depois discursos necrothytos e poesias diversas pelos concurrentes inscriptos com antecedencia, em computo conveniente, distribuindo-se gratuitamente uma publicação nitida poliglota de todos os escriptos de Luiz de Camões, ou, se não fosse possível de todos os escriptos, então sómente dos *Luziadas*;

(b) No segundo dia, representações publicas e gratuitas que se referissem ao épico, ou que com elle tivessem relação, e, se fosse concedido, que todos os theatros do Reino concorressem ao mesmo tempo e no mesmo sentido ;

(c) e 4.ª No terceiro dia, silencio e se fosse possivel recolhimento e quietação, ou se estes fossem interrompidos o fossem para demonstrações de homenagem e sentimento (e isto me parece que pertencia ao dia 10); demonstrações estas que deviam consistir em corôas, grinaldas, flôres, e outras manifestações populares e patrioticas identicas e de fórma material, atiradas para dentro do gradil da Praça de Luiz de Camões, interceptada ao transito e recreio publicos até razoavel tempo demarcado ;

5.ª Uma commissão devia ser escolhida e eleita para regulamentar e ordenar a homenagem, cujo presidente devia ser uma *Personagem* bem conhecida por todos, em attenção a muitas causas importantes, especialmente ao trabalho incalculavel e afanoso da collecção das obras e escriptos camoneanos, unico em todo o mundo ; ás suas descobertas sobre tal assumpto ; á sua dedicação ; á sua autoridade ; e a outras que não me occorrem ;

6.ª Uma commissão especial iria pessoalmente convidar para a menção, a todas as nações civilisadas, o mais grado dos litteratos de cada uma, para todos em junção abrihantarem esse dia secular, e cada um representar o seu paiz pela pessôa, o nome e a voz ;

7.ª Todas as despezas de viagem, de commodidades e gastos de hotéis, destes homens, até ao regresso aos seus paizes nataes e ao seu lar ou habitação, deviam ser feitos pelo cofre da commissão, sem desperdicios, mas tambem sem miseria ;

8.ª Calculava-se a despeza em 20:000\$000 fortes. Tendo

---

em vista o concurso fornecido pelo governo, o resto devia provir de uma subscrição, estendendo os seus limites até ao Rio de Janeiro, mas sómente feita entre portuguezes.

Com que expansão de alegria fallavamos em tudo isto, eu e o dr. Theophylo Braga, quando algumas vezes nós ambos reunidos passavamos horas e horas planejando ?!

Eis, pois, o programma da commemoração em grosso ou em geral; de minudencias pouco me lembra, mas ficaram-me vestigios de algumas que não deixam de vir a proposito; e eil-as taes quaes se deram na rua, na minha casa e em casa do proprio amigo dr. Theophylo Braga:

Eu, não levado pela apparencia da gloria, nem de patriotismo fôfo, e muito menos de espantahoso apparatus, inebriava-me de alegria... parecia-me vêr realisado e fazer parte como espectador do quadro que acabo de apresentar delineado, e pois indiquei-me, offertando o meu prestimo no Rio de Janeiro para coadjuvar com os meus conterraneos existentes aqui os trabalhos e gastos dos de lá. Avancei a proposição, mesmo, de que os portuguezes d'aqui concorreriam talvez com a metade dos gastos monetarios, caso o amor do dever patrio não se lhes tivesse arrefecido depois das minhas ultimas conversas com elles.

Não os cheguei a sondar, é verdade, mas hoje... hoje parece-me que avancei um erro duplamente pezaroso para mim: confiança immerecida para aquelles em quem eu mais a depositava; asserção impensada e mal dirigida!... Ai! quantas desillusões se passam na vida, em relação especialmente a confianças alheias ?!

Deixai-me desabafar com estas reflexões, que são o meu ultimo refugio...

Depois que me afastei de Lisbôa, em nenhuma das cartas do amigo dr. Theophylo Braga, a mim dirigidas, li uma só palavra que tivesse relação com o tricentenario de Camões, ainda que eu lhe recommendasse instantemente que não lhe esquecesse de m'o lembrar. Esqueceu-se ou o fez de proposito e fez bem ; dou-lhe hoje mil louvores. E' que o seu genio perspicaz viu mais longe do que o meu, e quiz por esse meio livrar-me provavelmente de uma freima de decepção, pela qual eu havia de passar se tivesse a veleidade incalculavel de me expor ao pedido, que julgava longe d'aqui tão realisavel... é porque eu já me havia esquecido do que diz La Bruyere : « Estariam desertas as Côrtes, e isolados os Reis, se houvessem curado os que ali padecem, ou de vaidade, ou de interesse. » Como eu nada disto offerencia, nem voreda indicava para lá attingir, por certo que devia ser baldado o meu pedido, se o chegasse a fazer.

#### § 4.º

São decorridos mais de 3 annos, depois daquellas salutaes palestras, ao abrigo muitas occasiões de um rijo soprar do vento e do jorrar da chuva, que memoravel fizeram o anno de 1877 em Lisboa e mesmo em parte de Portugal, conhecido pelo *anno das inundações*. quando sou aqui de novo abalado pelo retornello do mesmo assumpto, que então me deleitava; mas sou impressionado em tom e movimento muito differente ao que naquelle pouso e epocha o fui.

---

A 1 de Março do corrente, lia uma « circular á imprensa » que conduzia pujantemente ao reino da verdadeira apreciação ao merito os seus signatarios, dos quaes nenhum conheço, mas a quem dirijo os meus sinceros parabens, e, na esphera que me é compativei, a minha adherencia.

Se por todos, como vós o fazeis, fosse apreciada a autonomia patriótica, e delineado o circulo de suas attribuições, por certo que deveria ser indispensavel este meu momentaneo e afanoso trabalho ; quer o andamento regular da geração humana que assim não aconteça, e portanto concorramos com este elemento para que seja completa e perfeita a sua evolução.

Muito teria a dizer-vos a respeito da nobreza e legitimos deveres communs que encerra aquella circular, se a carencia de tempo, necessidade imperiosa do escripto, e, por ultimo, e mais insignificante, a minha competencia o permitissem. Julgo, porém, dar-vos em peso o que não vos posso dar em volume, o que bem analysado não deixa de ter o mesmo valor. Aceitai-o, que é do coração. (V. notas).

A 11 de Março deste anno lia eu pela segunda vez, e tambem com pasmo, em o noticiario de uma das folhas mais circulantes do Brazil, que havia sido escolhido para orador no eommemorativo do tricentenario de Camões, promovido pelo Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, o illustrado e erudito sr. (dr.) Joaquim Nabuco. Como absolutamente nada sabia do alcance] e circumscripções da homenagem, suspendi os meus juizos em referencia aos seus iniciadores e ao seu representante official. Entretanto, não

deixei logo de perguntar-me : « Como pôde harmonisar-se isto ?... E' crível que uma associação genuinamente portugueza (e honra seja feita a quem a recebe com respeitosa hospitalidade), que escrupulisa tencionalmente na admissão de seus socios effectivos e nos seus accionistas, não os aceitando quando não sejam patricios, tenha para representante, ou vá buscar para represental-a em assumpto puramente patriotico um filho de outro paiz, embora amigo, irmão affectuoso pelo sangue, pelos costumes e lingua e habitos e aspirações e tudo, emfim ?... Não comprehendo ! disse comigo, tambem. Talvez a menção seja mixta, tornei a dizer-me, para achar uma justificação neutralisadora e tão grande quanto era o absurdo da escolha, não do cavalheiro convidado, mas da sua incompatibilidade pelo nascimento. »

E por alli me encerrei nas inquirições que me fazia, não deixando, no emtanto, de ficar a minha curiosidade aguçada para ventilar em occasião favoravel a razão e a verdade de tal procedimento. Porém vamente me mortificava em perguntas multiplicadas, porque ninguem me satisfazia o empenho, justificando ambas as partes, isto é : o que foi escolhido como representante, em aceitar ; e os que o escolheram, porque o fizeram. Fiquei, pois, na mesma a respeito da minha curiosidade.

### § 5.º

Uma profusão collossal de publicações jornalisticas veio, desde o dia 13 deste mesmo mez de Março, dar substancia para pôr em exercicio os meus desejos curiosos. Munido

desses documentos, abordei diferentes pessoas que me poderiam illucidar o facto, tal qual se passou desde o seu começo ; dellas pude saber em geral e com o cunho da verdade o que vou resumidamente expôr :

Tendo por fim *festejar*, sob todos os preceitos de *gentileza*, o terceiro centenario de Camões, o Gabinete Portuguez de Leitura convidou instantemente as seguintes associações portuguezas no Rio de Janeiro :

- Retiro Litterario Portuguez;
- Lyceu Litterario Portuguez;
- Sociedade Portugueza de Beneficencia;
- Club Gymnastico Portuguez;
- Caixa de Soccorros D. Pedro V;
- Congresso Gymnastico Portuguez;
- Associação Beneficente dos Artistas Portuguezes.

Como não houvesse comparecido na primeira reunião o representante do Retiro e outro, foi o presidente do Gabinete pessoalmente entender-se com o presidente do Retiro e perguntar-lhe se podia contar com a coadjuvação deste nos *festejos* projectados. Como a Directoria do Retiro estivesse a deixar o seu lugar, disse que não desejava tomar encargos que não podia levar a fim, em razão de nova a vir substituir. O presidente do Gabinete, nessa occasião, mostrou um programma modificavel, de accordo com outras sociedades, dizendo nessa occasião que: « A *festa* era puramente portugueza, e que se os brazileiros a vissem com bons olhos, muito bem ; se julgassem mal della, tanto peor para elles. Em todo o caso o *festejo* havia de realisar-se. »

O sr. Palmella, delegado da nova Directoria do Retiro, foi escolhido para o representar, que começou por alterar o projecto do programma, na primeira reunião. Na segunda reunião a Beneficencia Portugueza negou-se á *feira* e á adherencia, embora o tivesse promettido, dando como razão unica o ser uma Associação de caridade e não de *feiras de centenarios*; a este arrasoado respondeu o secretario do Gabinete: «Vá dizer a quem o mandou que, apesar da mentirosa e negada palavra da Beneficencia, a *feira* ha de realizar-se.» Nas salas do Retiro houve a terceira reunião, onde, por accôrdo, se nomeou presidente, secretario, e thezoureiro da Grande Commissão dos *festejos*; assentando-se nessa mesma occasião que a *feira* seria essencialmente portugueza, e por consequencia que se não iria mendigar concurso nenhum que não fosse provindo dos da mesma patria.

Essa Grande Commissão ficou constituida pelos seguintes cavalheiros:

Presidente — o presidente da Caixa de S. D. P. V.

Secretario — o socio do Retiro L. P., Pedro da Silveira.

Thezoureiro — o thezoureiro do Club G. Portuguez.

Esta Commissão representava solidariamente todas as sociedades portuguezas, e, junta ao Gabinete, representava dois corpos em collectividade trabalhando para o mesmo fim, harmonizados pela communhão de ideias.

A mesma Commissão estabeleceu o seguinte programma da *feira*:

1.º dia, 10 de Junho de 1880: collocação da primeira pedra do novo edificio do Gabinete, seguindo-se á noite um

*grande festival* no theatra D. Pedro II. precedendo um discurso inaugural allusivo ao acto ;

2.º dia, 11 de Junho: illuminação da cidade ;

3.º dia, 12: grande fogo de artificio na Bahia de Botafogo.

Dividiram o trabalho da seguinte fórma :

O Gabinete incumbia-se do *festejo* do primeiro dia ;

As outras associações levariam a effeito o do segundo e terceiro.

Passados alguns dias, uma noticia jornalistica mostrou que o Gabinete convidara o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco para *orador official do festejo*. O Retiro, em vista de tal modo de proceder, resolveu separar-se da Grande Commissão, porquanto tinha-se accordado em que só entraria na celebração do centenario o elemento portuguez. Claudicando neste ponto o Gabinete pelo escolha do representante official, o Retiro apresentou a sua restringida separação por meio de um officio, que vem patente no *Jornal do Commercio* de 6 de Abril de 1880. (V. notas).

A 16 de Março, dia immediato ao da data e entrega do officio, o presidente do Gabinete foi fallar ao representante do Retiro, que era o Secretario da Grande Commissão, dizendo-lhe que : « Não desejava que o Retiro se separasse, em virtude de se lhe ligar muita importancia moral ; os directores andaram irreflectidamente dando semelhante passo, o qual tinha sido por demais precipitado ; que elles, do Gabinete, de ha muito pensavam na *festa* e de ha muito tinham tambem em vista o exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco para orador no tricentenario de Camões, não só por deferencia ao

Brazil, de quem eramos hospedes, como porque o exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco fizera o que não se lembrára nenhum portuguez fazer — uma apreciação sobre os *Luziadas* —; que haviam já recebido varios presentes de brasileiros, e de portuguezes nenhum; finalmente, que se o Retiro insistia em separar-se, tinha de dirigir-se ao presidente da Grande Commissão ».

Levado o officio á Commissão supra, este causou a sua immediata dissolução.

§ 6.º

Durante o espaço de tempo em que se passaram todos estes factos, multiplicaram-se pelos jornaes diarios questões relativas ao assumpto, tendo um duplo character—geral e particular—, como melhor se verá na questão jornalística, que vai por inteiro no fim deste livro, a respeito do centenario de Camões no Rio de Janeiro.

Com certeza o Retiro L. Portuguez e a Sociedade P. de Beneficencia não fazem parte do *festival* promovido pelo Gabinete P. de Leitura ; quanto ás outras associações, até á hora em que escrevo, não sei o que farão.

O facto incontestavel é que o bem-estar de relações entre alguns grupos, filhos da mesma terra natal, está desharmoisado, e aquelles que não fazem parte de nenhum delles, mas que pertencem á mesma nação, acham-se rodopiados em disputas pessoases, sem concordia, sem ordem, sem lei e... o que é mais doloroso, sem patriotismo !

Ponderando convenientemente o estado anarchico e dis-

---

solvente em que está este punhado de creaturas, ligadas todas entre si pelos laços do sangue, do nascimento, da crença, das aspirações primévas e da familia, chega-se quasi ao pungimento por tão negra catastrophe! Onde estão as premissas conciliadoras, os juizos ponderosos, os productos originarios de um raciocinio perfeito, para aniquilar incanzinações tão incendiarias e quasi indignas de espiritos bem dirigidos intellectual e moralmente? Varrer-se-hiam dos cerebros destes filhos de portuguezes aquelles principios immorredouros de educação, pelo menos, cuja implantação á prole é invariavel e rigorosa pelos pais, ainda os menos esclarecidos? Só manejando convenientemente esta hypothese, é que se póde conceber tão sujas controversias pela imprensa entre patricios ou conterraneos.

Ai! quanto sinto que vos esquecessem aquellas palavras surgidas pelo amor patrio:

« Portuguezes.... se quereis conseguir a obra, que tão gloriosamente tendes começado, se quereis conservar a vossa liberdade e independencia, bani d'entre vós toda a semente de divisão.»<sup>2</sup>

Levai-me em linha de desconto, quando lerdes esta accusação que faço, o sentimento que me tolhe até as leis da veneração, do respeito e da cortezia de que me sois dignos.

---

<sup>2</sup> Portugal desafrontado. Pag. 3.

## § 7.

Bem alto e publico o digo ; o que me conduziu a este caminho de character pedagogico incidente, não foi de modo algum o suppôr em máo estado phrenologico os articulistas, porém a maneira azedada e subjectiva com que se manifestam algumas vezes. E se é certo em todos os povos civilizados, polidos, e que estão sob a tutella de regulamentos sãos, não ser facultativo ou livre a cada um em particular fazer uso de seus pensamentos a bel-prazer, quando não tenham especialmente por alicerce a expressão delicada e honesta, é do dever do analysador desinteressado, se esses casos se derem, desviar do precipicio a natureza do homem, que facilmente caminha de um mal para outro peor, se não encontra obstaculo algum que o convide a retroceder, e de novo a procurar os seus deveres. E' incontestavel no emtanto que todo o homem que se aparta do trilho recto, nunca mais póde entrar nelle sem passar pelas torturas fornecidas pelo bom-senso e os castigos opprimentes da critica desinteressada. Portanto os que tiverem sossobrado naquelles escolhos, o meio de salvação é resignarem-se á vontade da emenda, quando tenha por envoltorio a luz da justiça e a da imparcialidade.

Mas, qual é a causa de males tantos e tão vigorosos?... E' menos do que uma cellula, do que um utriculo, do que um ponto mathematico (permitti-me que o diga) tomado materialmente. A causa, logo inicialmente, principiou a dar demonstrações de effeitos terriveis ; persistiram, não obstan te

---

em sustental-a, quer por fingida ou sophistica necessidade, quer por ostentação, quer por acrimonia, quer por birra, finalmente quer por força.

Por qualquer um destes motivos que não fosse removida é que não me compete ventilar, sob pena de corromper a virtualidade dos meus intentos.

Qual é a causa, pois, que está dando tão máos efeitos, perguntareis vós ?

A resposta é simples e prompta : é o convite feito pelo Gabinete Portuguez de Leitura ao illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, para servir de orador official na commemoração do Tricentenario de Camões dada no Rio de Janeiro por alguns portuguezes hospedados no Brazil.

Analysando criteriosamente a menção, vê-se que é *duplamente* portugueza : 1º porque a homenagem é rendidas aos manes de um portuguez ; 2º porque a menção é feita exclusivamente por portuguezes.

Analysando tambem criteriosamente a escolha do orador, vê-se que ella é peccaminosa *triplamente* : 1º porque foi feita sem autoridade investida ; 2º porque o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco é nascido no Brazil e não em Portugal, e portanto ha *incompatibilidade* manifesta ; 3º porque o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco é *insufficiente* para o cargo que tão bondosamente aceitou.

Analysando com especialidade, emfim, a pessoa do escolhido, vê-se que esta claudica *unicamente* por ter aceitado o

## § 8.º

No que até qui ficou precedentemente escripto estão provadas com evidencia muitas das proposições illativas do objecto em questão, só me resta provar as tres ultimas, que vem a ser :

1.ª a *Incongruencia* do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco como orador official *no centenario de Camões* (é necessario que me justifique nos meus intentos equitativos com esta ultima restricção); 2.ª a sua *incompatibilidade*; 3.ª a sua *insufficiencia* para orador nesse assumpto.

Agora posso francamente dizer: o que me moveu a dar corpo e vida a este escripto são na verdade as tres proposições superas. Aos interessados peço vénia se fôr omisso em cortezia, em provas e vigor dialectico na demonstração da verdade das supraditas proposições.

A tarefa é antipathica, porque é criminativa; desagradavel, porque é opposicionista; mas é necessaria porque é reclamada pelo agente-rei da humanidade — o dever.

---

## CAPITULO II

### DA INCONGRUENCIA

A critica, exm. sr., delicioso mel para o vulgo, torna-se de fel para aquelles que são criticados; mas, tambem, é força confessional-o, passadas as primeiras impressões, causadas pela sua leitura, vem a reflexão, e com esta, quasi sempre uma promessa, feita pelo individuo a si proprio, de fugir d'alli em diante das asneiras, quanto couber em suas forças; isto, já se vê, se o individuo tem praça assente no batalhão do Bom Senso; porque, do contrario, procede como aquillo que é: parvo, estolido, ignorantão. Para estes ultimos, exm. sr., a critica é sempre um insulto a suas pessoas, é forjada pela inveja, é... é... deitar perolas a porcos. Desculpe-me, v. ex., tão grosseiro modo de fallar.

*(Nicolau Tolentino, ou o cabrion da litteratura de hoje. Lisboa, 1867, pag. III.)*

Patria para 99 centesimos de homens é o lugar onde se ha visto o primeiro dia. Encontram-se alguns para quem o amor da patria é o synonymo de flagello da humanidade.

*(Jouy. Dict. des gens du grand monde.)*

Para que com mais ordem e com mais facilidade se possa estudar as razões que me levaram a esta tarefa e que me conduzem a demonstrar a incongruencia, como orador official do G. P. de Leitura do Rio de Janeiro no tricentenario de Camões, do illustrado e erudito sr. (dr.) Joaquim Nabuco, é da mais imperiosa necessidade que eu as divida em paragraphos separados por epigraphes uns dos outros, de accordo ao fim demonstrativo a que visam. Parece-me que de outra

maneira serão impossíveis as uniformes apreciações, e tão impossíveis como a repetição das imagens geometricas de um kaleidoscopio, quando não estiver entregue o seu movimento rotatorio a quem quasi mathematicamente lhe não transmitta o impulso; um millesimo de milimetro de mais ou de menos fal-o-ha apresentar uma figura que não passa de um disparate para aquella que se deseja, pede, ou espera.

Tendo em vista este resultado é que achei favoravel dividir e estudar a incongruencia deste assumpto debaixo das seguintes epigraphes: por amor patrio; pelo bom senso; por carencia de amor proprio; por carencia de escrupulos pessoaes; por não haver caridade com os portuguezes.

### § 1.º

#### POR AMOR PATRIO

Não póde deixar de ser um facto incontestavel que a familia está acima da patria, desde o momento em que nós tivermos em mente que póde haver familia sem patria, no emtanto que é impossivel conceber-se patria sem familia.

« A sexualidade dirigida pelo sentimento da selecção e a longa infancia da próle motivaram a constituição da *Familia*, fóco de todo o progresso moral realisado pelo homem desde que se disciplinou na monogamia.

A familia é a cellula do corpo social, um elemento fornecido pela natureza; a analogia das familias na casta, produz esse primeiro agrupamento unificado pelo culto domestico, conservado pela tradição, nos Penates; a necessidade com-

---

num na defeza produz a *tribu*, que se vai alargando para estender a sua garantia a todos os grupos da mesma raça; então já existe a lei impessoal, cuja auctoridade se basêa no costume, a lei consuetudinaria, o *Mores Majorum*; o culto torna-se publico, e é quando intervem a instituição do Sacerdocio, os Patriarchas, destinados para as especulações mentaes, dão o poder á força espiritual. Os symbolos religiosos revestem com o seu prestigio a penalidade, no *supplicium* e *supplicamenta*, e garantem os contractos pessoais pelo juramento.

Por fim o territorio imprime á sociedade a forma de *Federação*, o direito torna-se escripto, a tradição domestica generalisa-se e começa a vida nacional, com o desenvolvimento escripto da linguagem em litteratura, com o desenvolvimento dos mythos em dogmas theologicos e em concepções épicas, e com a cooperação das classes industriaes e proletarias para a riqueza publica, e para a moral.

E' n'estas condições de actividade social que se manifestam as grandes individualidades historicas, que dirigem depois a marcha da civilisação, pelas invenções e descobertas scientificas » <sup>3</sup>.

Deduz-se, pois, do que venho de expôr que a patria é consequencia da familia e não é possivel haver perfeito amor áquella sem ter para base um perfeito amor desta. Tira-se para directa conclusão d'aqui que: se quereis aquilatar do

patriotismo de um homem sondai-lhe convenientemente os seus actos no lar domestico, e de lá tirareis quasi com rigor mathematico o que elle é pela patria.

Um bom filho, um bom pai, um honrado esposo, dar-vos-ha em resultado um dos mais firmes e calorosos patriotas; pelo contrario, a negação daquelles predicados em um homem mostrar-vos-ha o contraste do patriotismo.

Seja-me apresentada a objecção seguinte:

Que fará um desses, que tantos ha, que teem uma patria differente para cada um dos membros da sua familia? Esse homem ha de ser um infeliz no lar domestico, em razão de cada um puxar questões a respeito da prioridade na excellencia do seu paiz natal!...

Mas assim não é na verdade.

Quando um homem tem por patria um paiz differente do de toda a sua familia, e supponhamos que seja uma patria diversa para cada um de seus membros, ainda a regra apon-tada em nada se modifica, quer no alcance, quer na intensidade do voto de cada um delles: se esse homem é bom filho bom pai, bom esposo, torna-se *neutro* ao enthusiasmo manifestado patrioticamente em seu lar domestico, ensinando dessa maneira a todos os da sua familia que elle tem igual direito a cada um delles nas manifestações, na firmeza e enthusiasmo patriotico pelo seu paiz; por essa fórma salva-guarda pela educação os direitos do patriotismo, mostrando claramente que é por intermedio daquella que se fazem grandes cidadãos.

Portanto, d'aqui se infere que o lugar, o povo, a nação

---

ento em que um homem foi dado á luz é o unico a enraizar-lhe no fundo do coração o patriotismo, e não a patria os pais, da esposa, dos filhos, dos irmãos, embora que para cada um destes aquelle homem seja o symbolo da obediencia, da dedicação, do carinho e do amor.

Patria não se impõe, nem se crea de um momento para outro por unico desejo arbitrario: a patria nasce com a creatura e unifica-se com o espirito desta no ponto politico e geographicamente discriminado em que pela primeira vez respira e supporta as outras leis da natureza!

Por meio de uma comparação um pouco livre póde-se dizer que: a familia representa a vida, e que a patria representa a liberdade; aquella vive independente desta, porém quando falta a segunda a creatura quasi perde os fóros de humana. Por consequente ao homem sem patria pelo nascimento, está-se authorisado a chamar um ente sem volição, uma simples creatura sem classificação honrosa, excepto pelos delineamentos physionomicos.

Um homem sem familia, não se concebe, é uma decidida parvoeira!

Occorre-me agora uma lembrança que não deixa de vir dentro de proposito, e resume-se no seguinte:

Um filho que por extremo carinho ou conduzido por uma cega subserviencia exalta a patria de seu pai acima da terra em que elle (filho) nasceu, faz vir á mente desse pai, que eu supponho ser probo e honrado, um em seguida ao outro, dois sentimentos oppostos e cada qual delles mais impressionador e caustico; o primeiro que o impressiona é lison-

geiro, em virtude de lhe revelar humildade e, mesmo mais do que isso, sacrificio em favor de um dos seus encantos na existencia—a exaltação patria— ; o segundo é de negras sombras e sinistros resultados, porque experimenta em seu filho dois actos de baixeza, capazes de o tornarem indigno do seu nome e capazes de o tornarem amaldiçoado pelo povo a que pertence: esse filho por meio daquelle galanteio, revelou que era triplamente um lisongeiro, um máo filho e um máo cidadão.

Estes dois sentimentos oppostos podem-se traduzir na proposição seguinte: o amor patrio não é incompativel com o amor da familia, embora cada um dos membros desta tenha patria differente, mas a negação do amor de cada um ao paiz natal é um crime.

O amor da nossa patria veda-nos que fallemos nas grandezas da de outro ou outros que nos escutem, quando essas grandezas, sejam moraes, intellectuaes ou materiaes, forem superiores ás daquelle em que nascemos; e se o devemos fazer é com receio de não sermos taxados de inconvenientes pelo lado dos nossos patricios, porque com toda a authoridade nos taxarão de máos cidadãos; e tambem o devemos fazer com receio pelo lado dos elogiados, porque poderão desconfiar da sinceridade dos nossos louvores, embora reaes, em razão de não sermos seus conterraneos.

Dados estes prolegomenos que me parecem de difficil contestação, estou com poderes sufficientes a avançar o seguinte:

O homem que officialmente fizer panegyricos a uma patria

---

que não seja a sua, mas que represente por si os concidadãos daquelle, commette 3 crimes horrendos : 1º, pecca porque, se eleva immerecidamente outro paiz, diz o que o seu coração não elabora, não sente, ou se o sente é com pezar e não por natureza, e portanto é duplamente um reprobado e um perjuro ; 2º, se põe em paralelo a sua patria com outra, e for verdade o que diz, é nada menos do que um imprudente e ridiculo, atirando-se por essa forma ao rodopio de apreciações duplas e variadas nos conceitos—ás dos de seu paiz, e ás dos do outro do qual fallou— ; 3º, se merecidamente eleva outro paiz e o colloca em gráo superior ao seu, por *motu proprio*, ou por encommenda, então cai para todos no peccado de corruptivel, ou de cidadão indigno da patria que lhe pertence.

Tira-se, por consequencia, destas proposições geraes a seguinte proposição particular :

O illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, sendo um distincto filho do Brazil, não devia, por amor da patria, aceitar o convite que lhe foi dirigido pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, para ser o representante official na homenagem commemorando o tricentenario de Camões, homenagem que é genuinamente portugueza.

Se eu fosse cidadão brasileiro, talvez houvesse de vacillar, em presença deste facto original, a respeito da merecida fama de impoluido patriota, da respeitabilissima nobreza de character e do nome preclaro que circumdam s. ex. Mas, como cidadão portuguez, faço a necessaria justiça, considerando

que todas aquellas virtudes existem, e que o aceitar o convite não passou de um leve descuido ou irreflexão de s. ex.

§ 2.º

PELO BOM-SENSO

Estas demonstrações vão-se fliando de tal forma umas ás outras, que se póde dizer serem antes verdadeiras illações mais do que provas destacadas, pedindo uma a uma novos argumentos.

Imaginai que tendes um filho, guerreiro excellente, distincto tanto pelas armas como pela intelligencia e honradez; supponde-o coberto de gloria, de louvores, de condecorações, de homenagens, de vida e de amor filial; dai a hypothese que depois de uma campanha demorada, cheia de peripecias, de revezes, de trabalhos inauditos, de privações quasi mortaes, e que é por intermedio desse vosso filho, a final, que a campanha teve uma solução favoravel ao vosso paiz, tambem o delle; que a patria lhe deve a sua restauração, a sua autonomia; emfim, pensai lá que essa creatura, quasi divina para a patria, chega triumphante e lança-se em vossos braços humilde, carinhosa, cheia de respeito, acato e obediencia?!

Dizei-me: quem vos póde supprir o abraço daquelle filho? e para elle, quem póde supprir o vosso abraço de pai?... Bem sei que dizeis conigo: ninguem! A humanidade inteira, fundida em um só corpo, moralmente amorosa, não valeria um dos vossos arroubos filiaes ou paternaes daquelle momento!

Isto traduz-se na seguinte proposição:

As demonstrações do coração, quando se pretendam reaes, ninguém as póde preencher por outro e tambem nunca se repetem com os mesmos raptos entusiasticos.

Ora a patria é a primogenita da familia na chronologia das instituições evolutivas do progresso da humanidade, logo é a patria a que está na cabeceira do rol, depois da familia no respeito e veneração.

Entretanto vós, exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, não o entendestes assim, como o provais aceitando o lugar de representante official em uma demonstração patria de nacionalidade que não é a vossa: pretendeis dessa forma provar que sois capaz de supprir aquelle abraço, quer como pai, quer como filho na hypothese que apresentei.

Claro é que se pecca neste caso pelo bom senso.

A incongruencia, pois, é manifesta.

### § 3.º

#### POR CARENCIA DE (VIRTUOSO) AMOR PROPRIO

N'um lugar onde se não é conhecido, embora um largo auditorio esteja preparado a ouvir-nos, é facil e mesmo natural o arrôjo de nos atirmos a uma prelecção impremeditada, de momento, de improviso : nesses casos quasi sempre se faz uma brilhante figura; porque a imprevista e original aparição do desconhecido orador absorve mais da metade da curiosidade critica, que domina em outras occasiões os circumstantes. Porém fallar em um circulo estudadamente preparado, e de auditorio selecto e escrupuloso, e fallar em as-

sumpto que não nos póde, de modo condigno ao objecto e ao programma, tocar de veras o coração, a alma, a vida, a familia, a patria... é mais do que temeridade: é arrôjo.

Se accrescentarmos a tudo aquillo um auditorio em parte despeitado, prevenido por argucias azedas e teimosas, sem caridade para as victimas que vão ser immoladas pela simples persistencia n'uma birra, então o orador commette nestes casos mais do que um arrôjo, commette uma cousa que se costuma chamar: — não ter *virtuoso* amôr proprio.

Um orador incravado no meio deste abysmo só tem um ponto de salvação, e vem a ser o segurar-se firmemente á corda que conduz naquelles escolhos o — coração ao largo. —

Em caso quasi semelhante a este está collocado o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, como representante official no tricentenario de Camões. O acto do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco prova exuberantemente que s. ex. é uma creatura cheia de valor mais do que marcial — é dotado de um valor heroico — .

Mas o valor heroico conduz invariavelmente o individuo á temeridade, que neste caso (e especialmente em relação ao exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco para mim sómente neste) se póde traduzir em carencia de *virtude* no amôr proprio.

A incongruencia, pois, é manifesta.

#### § 4.º

##### POR CARENCIA DE ESCRUPULOS PESSOAES

Duvidar do proprio merecimento, quando se tenha de carregar aos hombros qualquer feito ou acção relativa á sci-

---

encia, á arte, á litteratura, ou relativa a outras divisões dos progressos humanos, é o que se traduz pela *modestia* ou *commedimento*, pela duvida na inteireza impeccavel dos proprios actos, finalmente, em *escrupulo pessoal*.

A duvida, a respeito do merecimento proprio, é uma das maiores recommendações virtuosas que póde ter o factor de uma acção ; é esse o principio doutrinal mais apreciavel pelos homens da mais subida reputação critica, por isso que a duvida é a critica prophylactica que a si proprio applica o factor, cujas doutrinas são em extremo amargosas, mas cujas consequencias são invariavelmente deleitaveis.

O homem a quem faltam os predicados da modestia, sem erro o podemos chamar um homem sem sciencia, ou « quasi um homem pintado, ou não sem leme, barco sem remo, campanario sem sinos, torre sem grimpa, relógio sem curso, fonte sem agua, jardim sem flôres, arvore sem fructos, guiado sem sal, e mundo sem sol.» <sup>4</sup> E eu julgo que sem mêdo de engano assim se possa chamar ao immodesto, porque lhe faltam os prolegomenos indispensaveis para attingir o ponto supremo a que aspiram todos os entes racionaes — a sciencia adquirida á custa do trabalho, reclamado pelos quesitos da duvida constante ; a sciencia alcançada pela noção benefica de tudo se ignorar ; a sciencia buscada pelo estulo infatigavel do recondito; eis o que deve presidir ás reuniões das

---

<sup>4</sup> Fr. José de Jesus Maria. Lisboa, 1737.

faculdades do homem que tem desejos de ser considerado como scientifico. Lá diz o paciente Epicteto « se desejas ser proveitoso, cuida primeiro que não tens merito algum.»

A necessidade destes preceitos é salutarmente reclamada e de summo beneficio para aquelles que não querem escrever banalidades e frioleiras, proprias e dignas antes dos entes irracionaes do que de creaturas da ordem superior da escala creadora :

.....

« Dizer—adeus— hum corvo, ou papagaio,  
Do engenho a mestra fome, negra, insana,  
Inspirou, que em viveza exceda hum rayo.  
Pois em havendo de pecunia ganna !...  
Corvos e pegas tem de apollo ensayo,  
Do parnasso a harmonia a gente engana ! » <sup>5</sup>

Estes tercetos, referindo-se especialmente á poezia, estendem mentalmente o seu ambito a mais comprido diámetro, como naturalmente se depreheende.

O pundonor do homem que tem aspirações a occupar lugar tão distincto entre os seus semelhantes, qual seja o de scientifico, deve-se conservar constantemente embalado no collo da modestia, da duvida, do estudo, da applicação e da obediencia relativa. O despreso de um só destes quesitos é mais

---

<sup>5</sup> *Satyras de Aulio Persio Flavio, tr. de F. Antonio M. Bastos. Lisboa 1837. Prologo.*

do que sufficiente para lhe acarretar desgostos de um quilate por demais opprimente.

« Sem genio, estudo, ignoro do que serve  
Nem o que possa, o genio sem o estudo. » 6

E' provavel, possivel, e mesmo demonstravel facilmente que aquelle que fraquêa n'um dos pontos supra-ditos se rehabilite perante os seus crimiadores, não só por meio da applicação em contrario ao delicto, que está implicita em todos os casos demonstrativos, mas por intermedio dos seus actos externados publicamente e contrarios á culpa commetida. Esta publica manifestação dá o direito á sociedade de brindar esse homem, desde logo, com os mais seguros auspicios de um brilhante e merecido futuro.

Se um homem, porém, que peccou uma certa occasião em certo e determinado ponto, e foi com todas as regras advertido do seu erro, por uma authoridade insuspeita e de reconhecido merito e hombridade na firmeza demonstrativa da falta perpetrada ; se esse homem, digo, se não justificou posteriormente por acto nenhum, ou publico ou particular, que esteja em relação neutralisante, por certo que esse homem prova que persiste n'uma iniquidade, e prova mais nessa contumacia que póde vir a ser uma creatura perigosa para as futuras gerações.

Dito isto em geral, parece-me que me authorisareis a tirar as seguintes proposições :

---

6 *Poetica de Horacio*. Londres, 1812, pag. 67.

O illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco escreveu um livro, *Camões e os Lusíadas*, publicado em 1872, livro em que, de *motu proprio*, diz elle que deixou de parte os estudos bibliographicos, desconhecendo quasi tudo que a respeito de tal assumpto se tinha até áquella epocha escripto ; diz finalmente que aquella critica, manifestada em seu livro, não tem historico, nem applicação ao estudo, nem exame confrontativo, nem competencia de authoridades, nem sentimentos patrios, nem fundos de verdade, nem nada, nada, nada, só tem *words, words, words!*... porque é um livro escripto, como elle muito bem diz, tendo por base um *planeta* pingue de suas proprias impressões.

Eu li o escripto sobre os *Lusíadas* do illustrado sr. (dr.) Nabuco todo, e li-o com vagaridade, com interesse nobre e cheio de desejo de illustrar-me no objecto que dá corpo ao livro; mas pouco antes do fim, já batia freneticamente na testa, para me occorrer o lugar, onde tinha lido um trecho que me definia quasi perfeitamente a sensação que eu havia recebido na leitura, e ao mesmo tempo que pretendia lavrar a sentença a leituras da ordem de que eu me occupava. Felizmente no fim, provando a minha memoria que nem era facil nem prompta, lembrou-me ; e para que nunca mais se me olvide, e tambem para que saibaes o que elle diz, aqui a dou na integra. Diz assim :

« Meu pai foi official de livros ; e como sabia mais titulos, do que estes remendões das letras, ensinou-me uma lei mui essencial para a verdadeira critica. Deveis meu filho (dizia elle), ler, e estudar o livro, que sahe á luz ; e se de-

pois não pudesdes formar ideia das materias, que trata, de sorte que possais fallar nellas com quem as sabe, nem vos sentirdes mais douto, do que antes estaveis, lançaí esse livro, como diz o Castelhana, *à la cueva de la nada* por inutil. Este é o juizo, *senhores contrabandistas* da erudição, que faço... etc.

.....

Sujeitos ha, que entregues livremente a uma nociva ociosidade, nem sabem, nem querem saber mais do que lhes offerecem os sentidos: contentão-se só com o que teem diante dos olhos, como machinas, em que, submergido o racional na materia, não se estende a mais, do que áquillo, que as potencias materiaes podem comprehender. Não se descobre nestes sujeitos (em tudo semelhantes aos brutos) outra cousa mais de homens, que exteriores accidentes. Que cousa tão propria do homem como o appetite de viver? Que cousa mais natural do que a communicação com os homens mais doutos. mais poderosos, e mais illustres, que no mundo existirão? Quem poderá negar que tudo isto logra o homem, que resolvendo os annaes, nelles encontra o que ha tantos seculos se passou?... etc. » <sup>7</sup>

Ora o exm. sr. (dr.) J. Nabuco, de accordo com o seu proprio dizer, que livros consultou, que authoridades compulsou, onde se illustrou no assumpto que pretendeu estudar de perto?

---

<sup>7</sup> *Cartas escriptas ao dr. José da Costa Lellão*. Lisboa, 1753, cartas segunda e terceira, pag. 48, 49 e 50.

Em nenhum, sirva-nos de juiz a verdade, tão bem acariada pelo seu coração e a sua bocca! Só teve para motor e executor da obra alguns dos seus sentidos como verdadeiras impressões pessoais, que facilmente se transformaram em sensações, e estas individuais, cujo valor só pôde ser específico e nunca terão um caracter generico, sem haverem o beneplacito dos competentes na materia. Mas estes protestaram logo depois da publicação, e nenhuma resposta justificativa tiveram. Portanto o que é que se conclue d'ahi? Claramente parte do que está escripto acima; não terei a ousadia de dizer que tudo.

Póde-se dizer que: livros desta ordem, com assomos de critica, mas dirigindo o dardo a assumpto transcendental camoneano, era melhor que se deixassem ficar em notas, para reflectirem essas mesmas como impressões sobre o seu author, quando fôr macrobio cheio de desenganos da triste vida, com o fim de estudar nellas os seus erros de infante e veleidades da sua mocidade, e ensinar á juventude, que o escute então, os meios de se prevenir dos peccados em que elle cahio em idêntica idade; porém despejar por sobre a sociedade inteira um *cometa* pejado de palavras, e só de palavras, parece-me que é, além de uma pequena falta de modestia, um ligeiro insulto atirado ás barbas da litteratura.

Para que o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco se possa livrar desta accusação, só encontro um meio sufficiente—o julgar-se encyclopedico em seu nascimento, isto é, por sciencia infusa; por outro modo quasi me convenço que a justificação é improcedente.

---

Entretanto, eu acredito s. ex. tão peccavel como qualquer outro, que se encontre no meio cosmico e de orientação historico-philosophica em que nos achamos neste seculo e anno; tanto mais o acredito assim, quanto estou firme de que s. ex. ha de ter repugnancia em querer chamar-se hoje, e entre nós, o que se chamavam as primitivas e invasoras tribus kuschitas do Egypto — *Retu* —, isto é « os homens por excellencia. » Eu estou convicto de que assim deve acontecer, para fazer justiça ás nobres qualidades que adornam o coração de s. ex., embora que em o livro os *Luztadas*, por s. ex. escripto (pag. 10), pareça haver um leve indício de inclinação em aceitar o appellido para o author, ou, pelo menos, fazer acreditar pelos leitores que se namorou do nome pelo qual se denominavam as tribus supra-mencionadas.

Immediatamente depois de dados á estampa os *Luztadas* do exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, appareceu um abalisado critico, mostrando á evidencia em poucas, mas vigorosas phrases, a inutilidade de tal escripto <sup>3</sup>, critica sentenciosa que mais tarde terei occasião opportuna de reproduzir inteira e por extenso.

Não me consta que depois desta critica tivesse o exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco modificado, retemperado, corroborado essas primitivas impressões dadas a lume por outras, sobre o mesmo assumpto, mais sãs pelo estudo, mais correctas

---

<sup>3</sup> *Os novos criticos de Camões* por Theophylo Braga. Bibliotheca critica, tom. 1º, pag. 65.

pela applicação, mais aceitaveis pela modestia, que viessem destruir as desagradaveis impressões causadas pelo sr. (dr.) Theophylo Braga.

Por essa fórma deixou s. ex. amadurecer nos leitores do livro ideias em desabono do credito litterario e scientifico, ornamentos indispensaveis á posição, aspirações e grandioso futuro de s. ex.

Movido por estas ideias, é verdade que de *especial insufficiencia*, é que julgo s. ex. sem grande copia de escrupulos pessoases em aceitar o convite de orador official no tricentenario de Camões, promovido pelas associações portuguezas no Rio de Janeiro.

Sou conduzido a julgal-o assim pela inaptidão que acompanha s. ex., demonstrada pela lacuna litteraria que até hoje persiste, escripto que, se s. ex. o fizesse, seria tendente a derrubar do seu posto de verdade aquella ideia ; sou conduzido a julgal-o assim pela incompatibilidade porvindoura do nascimento ; sou conduzido a julgal-o assim pelo descontentamento e opposição de grande numero dos que tinham de fazer parte do acto de que s. ex. é representante; sou conduzido a julgal-o assim, afinal, porque a escolha e aceitação de s. ex. repugnam ao brio do mais acanhado, mas verdadeiro patriota.

O brasileiro conspicuo, o portuguez verdadeiro, o filho pelo nascimento e pelo coração de qualquer nacionalidade do globo inteiro, ha de me acompanhar nesta manifestação grandiosa, filha do dever patrio ! Só deixarão de o fazer quando o *tentamen*, hypothetico por emquanto, realizar no

mundo a fusão das nacionalidades e a sociedade se converter n'uma só ovelha governada por um só pastor.

Mas até que se alcance um semelhante facto de consenso unanime, não deixará s. ex. de incorrer na culpa apontada acima.

A incongruencia, pois, é manifesta.

§ 5.º

POR NÃO HAVER CARIDADE COM OS PORTUGUEZES

Os mais importantes trophéos que se podem levantar no coração do homem são, no dizer do *Abelha attica* — Xenophonte — os beneficios.

O beneficio em suas manifestações pôde envolver o material, o intellectual e o moral : a esmola por meio do dinheiro, a esmola por meio do ensino illustrativo, a esmola por meio dos bons actos ou bons exemplos.

Creaturas humanas que reclamem a necessidade de um destes beneficios e mesmo que os reclamem conjunctamente são comesinhissimas na sociedade, desde os mais circumscriptos centros povoados, até ás mais florescentes cidades do globo que habitamos ; ainda, a reclamação destas trez esmolas se lobriga, ou melhor, se palpa, desde a ignorante creatura, entregue a serviços ruraes da mais baixa condição, até ao mais bem collocado titular, coroado ou possuidor de thiara.

O beneficio não tem pragmatica adstricta a um certo nucleo de seres, deixando impunes os outros por qualquer

posição estadística, scientifica, governativa, ecclesia ou plebêa ; não, o beneficio teve sempre e tem applicação indistincta, em relação ethnica e ethica do seu tempo, a todos os componentes racionaes que formaram os cyclos evolutivos da sociedade, a todos que a formam e aos porvindouros, sem excepção.

A necessidade do beneficio, pois, é reclamada em todos os pontos habitados da terra, de accôrdo com os habitos, o progresso scientifico, a crença, a educação, etc.

Os beneficios tambem se dividem em duas grandes ordens: os aberrantes e os racionaes. Darei alguns exemplos de cada uma destas ordens.

Dos primeiros : o gentio faz um beneficio ao seu velho pai, matando-o, fazendo ao mesmo tempo um beneficio á crença popular ; o soldado fanatico atira-se ao combate até morrer, julgando cumprir um triplo beneficio—á crença religiosa, ao habito do seu povo e á causa da sua patria — ; uma menina, despreza os seus estudos, os seus trabalhos domesticos, a sua felicidade futura, para se entregar a futilidades religiosas em que consome o tempo, julgando prestar uma divida beneficosa á educação que recebeu, e se é mulher casada transmittindo o mesmo desarrazoado beneficio á prole ; o homem, que vive n'um paiz ainda encravado n'um cyclo religioso, esquece algumas vezes até os deveres paternos e patrioticos para beneficiar os bens e representantes ecclesios ; n'estes mesmos casos, se esse homem é illustrado, esquece os ensinamentos da sciencia, ou os despreza para obe-

decer a uma aberração benéfica que lhe implantou a educação e costumes do seu povo; etc.

Dos segundos: um aleijado, um cego pede uma esmola para matar a fome e sustentar a pesada existência, presta-se-lhe um benefício fazendo-o; um louco pretende atirar-se de uma janella abaixo, presta-se um benefício segurando-o para que o não faça; um facinora mata inevitavelmente um bom chefe de família, se incontinentemente não apparecer quem o mate, presta-se á humanidade um benefício matando-o; ao ignorante ou insciente que nos pede o ensino das letras liberaes, ou, se as conhece, o ensino superior, só pela vocação de saber, presta-se-lhe um benefício e outro á sociedade ensinando-o; ao mal intencionado, que procura deslustrar outro ou um povo por um acto impensado e birrento, presta-se alto benefício, de um character benemerito internacional, interpondo-se as razões em contrario e objecção formal a que prosiga em tão grave erro; se se fôr convidado a concorrer com a pessoa e prestimos para algum acto grave, cumpre estudar a nossa competencia desvaidosamente, o alcance do assumpto, as suas relações com outros, as suas complicações presentes e futuras e decidir-nos pró ou contra, firmados em bases sólidas, fazendo o benefício ou a caridade da illucidação do erro aos convidantes, caso nos decidamos contra; etc., etc.

Assim como todos estão aptos a receber benefícios, da mesma maneira todos estão habilitados a prestal-os em qualquer condição social: o philosopho presta o benefício do esclarecimento dos deveres mutuos, salvaguardando dessa

fórma os interesses mais diminutos do pobre plebeu; em remuneração o plebeu presta-lhe identico beneficio por outra fórma — amanha-lhe as terras para lhe fornecerem a alimentação, prepara-lhe o sapato que lhe livre o pé do espinho agudo, faz-lhe as vestes que o livrem do frio, reverencia-o, estima-o, venera-o, divinisa-o !

Se pozerdes em parallelismo a somma de cada um dos beneficios, o do philosopho e o do plebeu, vacillareis por um momento para vos decidirdes qual delles leva á palma; mas julgo que, se fordes obrigados a fazel-o, a palma caberá ao plebeu.

Isto quer dizer que a natureza, para ter as leis do equilibrio, preveniu-se com as leis da equidade, donde resulta entre os humanos, mais do que a semelhança, mas a igualdade de direitos, de justiça, de aspirações, de premios e de castigos. A genealogia, em presença destes argumentos, esconde a cara com vergonha, quando pretende suavisar com o seu nome sómente o gravame de corruptoras acções Moraes ou intellectuaes, perpetradas pelos seus representantes.

Estamos quasi a chegar á epocha, felizmente, em que só ha de haver uma honrosa genealogia, que será representada pela serie ininterrupta dos representantes da sciencia — os homens de talento — ; em que ha de haver uma só distincção social, representando a corporação dos benemeritos pelo-dever e bom-senso.

Agora, permitti que me dirija mais directamente ao illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco.

---

D'entre uns poucos de nucleos portuguezes associados formou-se uma nova e resumida corporação, tendo menos do que um elemento de cada uma delles, com poderes plenos para deliberar a respeito do tricentenário de Camões, *comemorado por um festival ruidoso (!!!)*. Nenhum dos componentes desta resumida corporação, ou simplesmente desta comissão magna, poderia deliberar sem harmonia entre todos.

Mas um delles, que pertencia a uma das pequenas corporações, sem fazer caso dos outros seus companheiros solidarios, prega, sem mais nem menos, um convite nas delicadas mãos do illustrado e exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, para que seja o *representante dos representantes* na supra dita festa (!!).

Se o convidado pesasse maduramente o alcance do convite, por certo que teria desde logo, não recusado, porém suspendido a sua affirmativa de adhesão, tendo por fim estudar os animos dos outros concorrentes *da festa* para ver se o aceitavam com satisfação e desejo. Mas assim não fez.

Logo depois do convite e da adhesão, um officio trouxe a desharmonia e a dissolução dos membros e directores da homenagem, dando em resultado a desaggregação de um nucleo e desagradaveis questões pela imprensa.

Hoje, grande parte dos portuguezes existentes no Rio de Janeiro estão tristes, desgostosos e desconfiados do valor patriótico de cada um dos seus patricios que fizeram o convite. Da mesma sorte alguns brazileiros, aos quaes acalenta um impolluido e honroso amor patrio, reprovam o procedimento

duplo : tanto do convidado como o de quem o convidou, sendo mesmo alguns capazes de se lembrar do dito de Pope :

« For as in bodies, thus in souls, we find

What wants in blood and spirits swell'd with wind. »

Ora muito bem ; se o exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco quizesse prestar um verdadeiro serviço ou fazer um vívido beneficio em homenagem ao grande Luiz de Camões e aos representantes do povo que elle tanto amou e elevou, não era certamente aceitando um convite que projectasse o pommo da desordem entre irmãos, que viviam nas melifluas esperanças de um acto de *homenagem secular*.

Era, sim, do dever do convidado recusar o convite, desde o momento em que leves assomos de desagrado rumorejassem entre os representantes da menção ou mesmo entre os que nenhuma relação tivessem com o tricentenário.

O verdadeiro discurso que deveria fazer nestas lastimaveis circumstancias o bom e illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, era ter a *bondade caridosa* de ensinar os prolegomenos dos deveres patrios áquelle ou áquelles que tão impensadamente commetteram o crime de leza-nacionalidade no convite, mostrando-lhe até á evidencia que os arroubos de patriotismo são como a liberdade, não se podem dar de presente, nem se compram, nem se mendigam de corações que não pulsam ao reflexo abençoado do amor patrio, do lar, da familia, da alma, da vida !

---

» *An essay on criticism*, by Alexander Pope. Londres 1812, versos 207 e 208.

---

O discurso que por excellencia brilhante teria a fazer o ustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco era provar a quem o nvidou e ao mundo que elle, o filho distincto do Brazil, cusava o impio convite que lhe fôra dirigido para representar oficialmente n'um acto de nacionalidade portugueza, recusava porque o seu coração era ainda pequeno para fertar todos os seus arroubos á patria em que viu o primeiro raio de luz! Fazer acreditar caridosamente a quem convidou que, o patriotismo verdadeiro não tem para alimento flôres de rhetorica, fogos de artificio, lentejoulas, isualidades, apparatus phantasmagoricos e cortezias lisonziras; mas que se funde em uma simples regra: firmeza os deveres de cidadão.

Confesso, exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, que, se v. ex. tivesse practicado este acto, eu seria o primeiro e o mais inimo a elevar a caridade e a nobreza do seu coração ao ultimo rão a que ellas pôdem attingir entre os homens. Porém, istemente para mim, e desairosamente para v. ex., só o osso chamar de homem sem caridade para com os meus pacios, e, até mais do que isso, cúmplice indirecto nas destelligencias que entre elles se aferventam.

Uma esmola, exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, qualquer mendigo a faz, a dá, se não fôr de dinheiro será de uma nore acção, quando tenha o coração bem constituido; entrento que v. ex. nega áquelles de quem é *representante patriotico* aquillo que um mendigo seria capaz de lhes fornecer os centos — actos de caridade !...

Pelo nome e prosperidade da exma. familia e augusta patria

de v. ex., supplico-lhe de joelhos e de mãos postas que não tenha o coração tão cruel para o nosso pobre Luiz de Camões como teve presentemente para nós !... No discurso official, em seu tricentenario, senhor, tende um bocadinho, um poucachinho de caridade com eile, que tanta teve para os representantes daquelle povo, dos quaes alguns tão mal tratam os seus manes !

Podeis ficar certo, exm. sr., que Luiz de Camões não vem cá nesse dia do tricentenario para gritar como eu, com todas as forças pulmonares, *urbi et orbi* :

O exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco está commettendo uma  
— INCONGRUENCIA !

---

## CAPITULO III

### DA INCOMPATIBILIDADE

A todos os homens é commum o amor da patria, e o paiz natal, seja qual fôr, é o que sempre se prefere aos mais. Este amor não só é natural, mas ainda tão poderoso, que nada se deixa de fazer quando elle o manda. A que não conduzio elle os Gregos, e os Romanos?

(MONTESQUIEU.)

Pelas mesmas inconveniencias que apresentei, quando foi necessario tratar da incongruencia, acho de summo proveito analysar a incompatibilidade do mesmo objecto sob as seguintes divisões: pelo nascimento; pelas rivalidades populares; pela natureza do assumpto; e pelo alcance do assumpto.

Deste modo julgo mais facil a comprehensão dos leitores.

#### § 1.º

##### PELO NASCIMENTO

Para aquelles que tiveram a infelicidade de nascer com a alma infecta do vicio do rachitismo, e que na infancia lhes não foi destruido, ou pelo menos modificado, certamente que as questões patrioticas nenhuma importancia terão. Esses malbaratam-se, malbaratando os seus contreraneos e o paiz que lhes forneceu os primeiros elementos vitaes e sensiveis. Ai da nação que tem por constituintes creaturas racionaes tão infezadas nos orgãos do espirito!... o aniquilamento desse povo, embora cheio de respeitosas tradições,

de poderío fabuloso e meios de uma salutar progressão, perto caminha, quando com especialidade aquelle estado doentio ou morbido invade os seus filhos com o character epidemico.

Dos espiritos envenenados por vicio tão enervador transcende a fedentina do communismo, unico recurso que buscam para aquebrantar o mal que os acabrunha; elles são semelhantes aos astmaticos que, no mais alto paroxismo desta nevrose, buscam aspirar camadas atmosphericas diferentes, ainda que artificiaes e renovadas de momento a momento com receio de morrerem asphyxiados. Para esses — é necessario toda a cautela em sua admissão e convivencia; porque o seu mal pôde-se tornar, por sympathia, epidemico facilmente, e por essa fórma pôde envenenar todos os circumdantes e circumvizinhos: é necessario prevenir, por todos os meios ao alcance scientifico, que o mal se propague a quem os acaricia e recebe, para que não grasse alguma pandemia; é necessario usar com elles como se costuma fazer nas molestias contagiosas grassando em outros povos, quando de lá nos visitam os habitantes — é de indeclinavel necessidade pôl-os de *quarentena e desinfectal-os*.

Esses entes teem a potencia intellectual movida por uma tensão de fraco impulso; e portanto, quando encontram uma creatura, semelhante nos traços physionomicos, mas brindada por uma robusta intelligencia, julgam-na logo mais do que sufficiente para sua patricia, investida de todos os direitos e sancções; logo, como tal a chrisman — sem mais commentarios, a não ser umas pequenas exi—

gencias linguisticas, ethicas, ethnicas e ethnographicas, para mais perfeita e concludente ser a neo-prerogativa— estes quesitos são uma especie de formalidades indispensaveis, como outros o são para a iniciação maçonica.

A estas individualidades, moralmente rachiticas, assenta-lhes perfeitamente o nome dado pela populaça de *bohémios* ou *ciganos* ; isto é, homens sem patria, sem apego de liberdade, sem sentimentos naturaes humanos.

A nacionalidade de um homem, ou o seu paiz natal, nunca desaparecerá como qualificativo ao seu nome e aos seus bons ou máos merecimentos ; e aquelle que disser o contrario rasga nesse instante uma folha da historia dos direitos das gentes ou da humanidade. A seita, pois, dos que pensam que a mesma linguagem, os mesmos habitos, os mesmos costumes, os laços de familia, a posse e dominio primitivos são sufficientes para identificar e unificar nos arroubos patrioticos o coração de creaturas de paizes diversos pelo nascimento, quasi que nem merece uma resposta honrosa !

Seja dado um exemplo e unico, porque o tempo e a necessidade do assumpto urgem : — A França jámais deixará roubar os nomes do nucleo gigante e encyclopedico de seus filhos, que nella inspiraram pela primeira vez no limitado espaço de 50 annos, como que envolvendo todos, n'um abraço, a grande commoção politica do seu povo. De 1760 a 1810 viram pela primeira vez a luz na França, chronologicamente Saint Simon, P. L. Cuvier, Beranger, Guizot, Thierry, Victor Leclerc, Lamartine, Willemain, Flourens, Delavigne,

Mignet, Thiers, Auguste Comte, George Sand, Michelet, Honoré de Balzac, Frédéric Bastiat, Littré, Burnouf, Barante, Victor Hugo, Quinet, Alexandre Dumas, Tocqueville e Musset <sup>10</sup>; a França consentirá sempre que os circundem de homenagens, de respeito, de admiração, mas que lhe roubem a maternidade, que lhe suppram o osculo fervente da pureza maternal?... isso nunca!

Sejam filhos adoptivos de todas as nações do globo em virtude da honra que elles dão, pela sua intelligencia cultivada, ás madrastas, e a França estimal-as-ha porque estimam seus filhos; porém consentir por esse motivo que lhe roubem os direitos naturaes, politicos, representativos e officiosos de mãe? isso nunca!

A firmeza que governa ainda hoje o espirito das leis em todas as nações a respeito do estrangeiro é clara e terminante: o homem que teve o nascimento em um paiz sem ser aquelle em que vive mesmo desde tenra idade, posto que nelle se illustrasse, formasse familia, creasse justa preponderancia e cabal inteireza criteriosa, embora os seus merecimentos tenham a mais poderosa eloquencia para o elevarem a cargos estadisticos, jámais lá poderá attingir; ainda mais, nem a propria naturalisação o authorisa a collocar-se em semelhante localidade. Essa lei é uma das necessidades mais

---

<sup>10</sup> Dispensai-me de apresentar a analyse do valor scientifico, politico etc., de cada um daquelles vultos, pelos motivos que não ignoraes, e tambem porque seria substancia para mais do que um volume.

---

indispensaveis, no presente, para o sustento da autonomia, engrandecimento e solidariedade das nações, porque previne os males, ainda que intencionadamente possam advir, de creaturas cujo coração não pulsa desaffrontadamente em prol do espaço politicamente circumscripto que lhe deu os primeiros alentos vitaes.

Por meio dessa lei, provando a incompatibilidade do estrangeiro á elevação de cargos representativos ou estadisticos no paiz que habita, é que se previnem muitas desharmonias internacionaes, e entre os cidadãos de cada uma das mesmas nações em particular. Por isso, póde-se dizer que a felicidade de um estado consiste na céga obediencia dos cidadãos aos legisladores e no respeito que todos tiverem ás leis.

Essa lei tão geral, tão benéfica, tão justa e tão natural, póde e deve-se applicar constantemente ao particular, sob pena de se cair n'um erro logico e n'um peccado digno de severo castigo. Assim, se um determinado numero de individuos, nascidos todos no mesmo paiz, pretender solemnisar, brindar, render homenagem a um individuo, morto ou vivo, e que o tenham de fazer em um paiz que não é o seu, certamente que esses individuos resumem virtualmente alli a sua nação em miniatura, e por consequencia commettem uma violação á lei natural se forem buscar, nesse festejo ou homenagem nacional, um filho de outro paiz para ser o seu representante official; ou, se o fizerem, provarão pelo acto que pertencem áquella seita dos rachiticos d'alma, da qual atraz fallei, authorisando por essa fórmula a que os espectado-

res e os desinteressados, patricios ou não, lhes possam atirar desapiadadamente ao rosto com o feio epitheto de *boemios* ou de *ciganos*.

A culpa, porém, não recae toda sobre os que convidam, mas descarrega uma boa quantidade da sua essencia no que aceita o cargo; porque, este, prova tambem desconhecer ou menosprezar o espirito eloquente da lei que lhe mostra a incompatibilidade pelo nascimento de um cargo melindroso, qual é o que assume.

E' tendo em vista estas considerações, as quaes ligeiramente acabo de apresentar, que eu penso incompativel o convite e escolha do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco para orador official do tricentenario de Camões, como homenagem essencialmente portugueza a um portuguez; pelas mesmas considerações me parece incompativel haver aceitado o referido cargo o mesmo illustrado senhor, sem préviamente pesar com madureza o alcance das objecções que se poderiam trazer a lume.

O tricentenario de Camões no Rio de Janeiro podia ser encarado e levado a effeito debaixo de tres pontos de vista distinctissimos entre si, a saber: 1º caso, como uma menção grave, de character geral, cosmopolita; isto é, em que concorressem para elle cidadãos de todas as nações do mundo indistinctamente, rendendo homenagem aos manes de um homem que pela sciencia a todos pertence; e neste caso o cidadão de qualquer povo poderia ser o representante dessa grandiosa homenagem, sem distincção, nem objecção possivel, procedente, ou plausivel. 2º caso, como um commemo-

---

rativo, de caracter nacional brasileiro, feito expressamente pelos filhos deste hospitaleiro povo, em honra aos merecimentos scientificos de Luiz de Camões, seu co-irmão em tempos idos <sup>11</sup> e patricio presentemente pela sciencia; e nestes casos era insubstituivel o orador nascido no paiz dos honrosos promotores; isto é, era de indeclinavel necessidade que o representante official fosse brasileiro pelo sangue, pelo merito e pelo patriotismo, porque se assim o não fosse a menção esmoreceria no merecimento. 3º caso, como uma commemoração genuinamente portugueza, promovida por portuguezes ao seu distincto e finado patricio Luiz de Camões; e, nestas condições, era mais do que impossivel ser o representante official dessa homenagem um que não fosse portuguez, sem que incorressem, o escolhido e quem o escolheu, nas penas e accusações da incompatibilidade com o acto.

Parece-me que por estas trez fórmas tenho apanhado todos os casos possiveis que se podiam dar no tricentenario de Camões no Rio de Janeiro.

Pelo que vai neste capitulo, pela incongruencia do capitulo primeiro e por este terceiro caso, que é o que se dá,

---

<sup>11</sup> Occorreu-me, não podia deixar de me occorrer, o paiz que ainda ha pouco era tambem Portugal; o imperio grande; onde todos temos parentes; onde os appellidos são os das nossas familias; onde se falla, se lê e se escreve a nossa lingua; onde o throno é irmão do nosso...

(*Tosquia de um camello*, por A. F. de Castilho. Lisboa, 1853, pag. 32, § 2.

julgo achar-me authorisado a dizer que o exm. sr. (lr.) Joaquim Nabuco é orador official incompativel com o tricentenario de Camões nesta côrte.

§ 2.º

PELAS RIVALIDADES POPULARES

Teria eu 6 para 7 annos, quando em 1852 vindo de Portugal entrei a barra magestosa da florescente e hospitaleira Cidade do Rio de Janeiro; aqui tenho vivido e vivo desenvolvendo-me moral e intellectualmente, acariciado e protegido pelos filhos do Brazil de um modo superior a todas as demonstrações que eu possa dar de respeito e de gratidão. Em nenhuma das outras quatorze nações, além de Portugal e Brazil, que eu percorri em duas viagens, acharia agasalho e salutar avanço como neste paiz abençoado pela criação. Sinto não o poder collocar na cabeceira do rol nas homenagens do meu coração; porém, se não occupa o primeiro lugar, por ser impossivel como anti-natural, não deixa por isso de ter a menção honrosa do segundo, e como tal gozando de todas as prérrogativas inherentes ao seu posto de honra nos meus archivos intimos.

Vai nisto uma cousa bem significativa em relação ao objecto que por agora me domina.

O descobrimento, manutenção e necessidade evolutiva pela colonisação dos portuguezes no Brazil, e nunca dominico e muito menos conquista, acarretou para alguns filhos deste paiz gigante, dotados de illustração menos do que mediana,

a impressão damnosa de que aquelles os possuíam sob o aspecto de escravidão, ou de coarctados tyrannicamente em seus direitos de liberdade; desta triste, infeliz e inexacta ou aberrada impressão teve genese entre elles um dos grandes agentes dos desgostos humanos—o prejuizo. <sup>12</sup>

Alterados os sentimentos intimos de alguns por aquelle instrumento precognito aberrantemente, principiou este a estender os seus effeitos infeccionadores a maior numero de pessoas e lhes foi pouco a pouco emprestando temores, cogitações infundadas, receios improducentes e outros males que costumam aguilhoar espiritos prevenidos; donde se lhes ori-

---

<sup>12</sup> Mas permitta-se-me antes fazer algumas observações geraes sobre este informe processo. Hum homem integro, e imparcial, que houvesse de inquirir de factos de rivalidade de dous partidos, buscaria, ouvir os desinteressados, que nem uma relação tivessem com algum d'elles, e se não os encontrasse escutaria ao menos os mais probos, honrados, e independentes de ambos esses partidos em numero igual. O avêso disto faz o Magistrado Devassante, de 78 testemunhas inquiridas na Devassa, sómente 13, ou 14 são brazileiros de nascimento; os mais todos a excepção de 4, ou 5 estrangeiros, são Luzo-Brazileiros. A mór parte mesmo pertencem a classe de tendeiros chatins, e mercadores de retalho, classe em que os prejuizos de bairrismo são mais arreigados e menos entrada tem a fria reflexão.

(*Defeza dos cidadãos Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva e Martin Franciaco Ribeiro de Andrade*, por Saturnino e Souza de Oliveira. Rio de Janeiro 1828, pag. 23, § 1.<sup>o</sup>)

ginou um dos grandes flagellos mais terriveis do genero humano—o preconceito. <sup>13</sup>

Movido por estes dois principios causticos e outros de diferente valor, começou o povo a manifestar desagrados áquelles que de Portugal os vinham acompanhar na evolução progressiva do Brazil; e tanto cresceram esses desagrados entre uns e outros, adjuvantes a diversas causas imperiosas, que foi necessario ainda que por força, não manumissão, mas separação mais do que autonómica dos dois povos; isto é, foi necessario a independencia <sup>14</sup>, levada a effeito cava-

---

<sup>13</sup> O Codigo Portuguez barbaço, que ainda hoje por desgraça nos rege, não reconhece em parte alguma crime chamado desaffeição de uma parte de Cidadãos a outra parte qualquer por motivos das suas respectivas naturalidades; se o não reconhece, como é indubitavel, semelhante sentimento, ainda reduzido a facto, era licito, ainda quando nocivo fosse a outrem. Veja-se Mello. Instit. J. Cr. tit. 1. Inst. de Leg. Aquil. L. 55. D. de reg. jur. Hum acto mesmo legislativo não podia tanto, porque podendo criar crimes, é só para o futuro, e não para o passado. Não se queira defender semelhante violencia com a analogia do que se praticava, antes dos tempos Constitucionaes.... Tempos de escravidão, tempos de susto não voltareis mais, a attitude magestosa da Nação Brasileira, e dos seus Representantes, afugenta hoje ainda o mais remotto....

(Ib. pag. 20 e 21.)

<sup>14</sup> Portugal erguera o grito da liberdade, e a necessidade das circumstancias o obrigou a offerecer o mesmo bem ao Reino irmão, offerta bem pouco sincera como desde então attestava, e depois sua proclamação as Nações estrangeiras, verificárão os seus actos Legislativos. Os dous meus Clientes, em cujos corações ardera sempre o amor sagrado da liberdade, e independencia do Brazil,

lheirosamente pelos filhos do Imperio de Santa Cruz, os quaes se assim o não fizessem peccavam, já o disse, porque liberdade e independencia não se podem receber de presente — conquistam-se.

Dada a independencia, indispensavel por todos os motivos, não deixaram de ficar ainda alguns elementos dos prejuizos e preconceitos primitivos, sufficientes, como um fermento, para levedar os espiritos e lançar entre elles a discordia. <sup>15</sup>

---

sem poder ser abafado pela infestada athmosphera do Governo, que os rodeava, saudarão com ardor a alvorada de tão grato dia ; um concorrendo por seus conselhos a adopção da Constituição na Bahia, e outro em S. Paulo pela installação do Governo Provisorio naquella Provincia. Mas desde ent o as desconfianças nascer o nos corações dos Brasileiros, e as pretensões de dominação nos dos Portuguezes.

Estes vião com desgosto a perda da antiga influencia ; aquelles aspiravão a uma separação, unica condição possivel de liberdade para o Brazil....

O Partido Portuguez conheceo-se vencido não perdeu porém as esperanças de reasumir o poder, que perdera ; as intrigas ferverão, o Imperante foi rodeado de creaturas entregues aos interesses da antiga Metropole....

Ib. pag. 16 e 17.

<sup>15</sup> Na noite do dia 27 de Abril passado, andava passeando na minha chacara ao bello luar que esclarecia o campo, e já cansado me assentei debaixo de uma frondosa Mangueira, aonde com os olhos fexados, entrei a meditar no estado presente do nosso caro Brasil ; e quando, reflexionei na subita mudança do nosso estado politico, tão felizmente realisada, hia minha alma a sentir as sensações lisongeiras que são naturaes a todo o bom Brasileiro que ama a sua Patria, e se interessa na sua prosperidade com cordeal e puro patriotia-

Nestas condições de sensibilidade dos animos, entre os filhos de um e outro povo, o seu contacto prolongado e ininterrupto, a falta de illustração em geral, os poucos escrupulos que dispensaram á educação de cada um, os vicios que acalentam, a falta de cortezia nas palavras ou actos, dão em resultado richas, contendas e scenas desagradaveis muitas occasiões, onde são lembrados epithetos de gyria

mo: quando... vejo em frente uma medonha figura de um velho agigantado... Pois bem, me diz elle, ouve-me, e nada temas; e dito isto o velho se assentou defronte de mim e neste estado demos principio ao seguinte dialogo..... (Pag. 3.)

R. Pois ainda julgas o Brasil em perigo?

V. Muito imminente, se a preocupação nao sahir para longe d'elle, e o malvado genio da rivalidade se manifestar, e conseguir sectarios como deseja... (Pag. 5.)

V. Elles são muito a recear no Brasil, aonde as variadas raças são emulas entre si, e não perderão a mais pequena occasião de se supplantarem... Viste a vizão do solitario no Pico de Itajurú, publicada nos Diarios da Córte?... (Pag. 6.)

Pois aqui ta trago, lêa alta. . (pag. 7.)

V. Reflecte bem no que acabas de lêr, e compara, qual será a sorte do Brasil se, no estado presente, os seus conductores derem ao povo mais liberdade do que lhe é precisa, attendendo ás variadas castas de que se compõe; á sua rivalidade; á desmoralisação em que se acha..... ( Pag. 9. )

R. " Eis que em toda a planicie se fez um grande movimento; os homens  
" olhãõ-se uns aos outros, e muitos foram repulsados, e rcunirõ-se logõ

particular, herdados e propinados pelos prejuizos e preconceitos.

Felizmente estão fóra deste circulo os homens illustrados, os de uma educação esmerada e os de bom-senso, do contra-

---

“ fora daquella multidão. E elles perguntarão:—porqu e n<sup>o</sup> quereis vós,  
 “ que nós sejamos convosco ? Nós temos participado dos vossos trabalhos,  
 “ dos vossos perigos, e das vossas esperanças. E os outros lhe responderão:—  
 “ vós não nascestes nesta terra, voltai á terra em que nascestes, porque esta  
 “ nos pertence.—E os estrangeiros disserão ainda:—attendei, que se não  
 “ vive da terra, e sim dos fructos que ella dá pelo trabalho do homem ; nós  
 “ temos comido o nosso pão ganho pelo suor do nosso rosto ; consenti que  
 “ fiquemos em vossa terra.—E elles responderão:—não, porque a terra em  
 “ que nascemos é nossa. ”

V. Suspende. Aqui vez pintada a perseguição injusta, e impolitica que se tem feito aos portuguezes de quem tantos beneficios é devedor o Brasil ; de quem descende a raça pura dos Brasileiros : a quem é devida a grandeza, e esplendor a que tem chegado o Brasil ; e sem quem, o Brasil se tornará em nada, por isso, que nelles existe a Agricultura, o Commercio, as Artes, e todos os ramos de prosperidade Nacional, os quaes, com a sua falta subitamente morrerão... (Pag. 11).

“ R. Os Estrangeiros replicarão mas nós temos espozado vossas filhas, e  
 “ vossos irmãos ; ellas nos têm dado filhos, que nascerão nesta terra ; permitti  
 “ que fiquemos com nossas mulheres, e nossos filhos. —E foi-lhes dito:— não,  
 “ porque a terra em que nascemos nos pertence.... (Pag. 12).

( *Apparição extraordinaria e inesperada do velho venerando ao rosseiro,*  
 Dialogo havido entre elles. Terceira edição. Rio de Janeiro, 1831.)

rio a desordem tornaria quasi impossivel a vida complicada que junte os componentes destes dois povos distinctos.

E' do dever porém dos de bom-senso, illustrados e bem educados não só evitarem o seu intromettimento em questões de tão baixa e ridicula consequencia, mas tambem evitar por todos os meios ao seu alcance que se propaguem, e que tomem proporções vultosas scenas da especie das que acabo de fallar. Esses meios, como bem se póde deprehender, são fornecidos por infinitas origens, cuja enumeração é humanamente impossivel; entretanto podem-se reduzir a emanarem de quatro focos capitaes —os escriptos, os exemplos, os principios educativos e os actos publicos.

Com os tres primeiros não se entende nem uma palavra deste meu escripto, filhos de rombuda penna; mas tem relação intima com um dos casos que se podem incluir no quarto foco.

Com effeito; tendo em vista o tricentenario de Camões no Rio de Janeiro como grata homenagem portugueza, feita a um portuguez; tendo em vista que o seu representante é *um* digno e illustrado *filho do Brazil*; tendo em vista a solemnidade do acto; tendo em vista que a escolha do orador desagradou a muitos; tendo em vista que muitos manifestaram pelo orador o descontentamento impresso nas folhas diarias de maior circulação desta Côrte (v. notas); tendo em vista que parte dos concorrentes para o commemorativo se desharmonisou por causa da escolha do mesmo illustrado representante official; tendo em vista que parte da população, nacional e portugueza especialmente, tem os seus juizos

---

suspensos a respeito do exito da homenagem : é logico julgar o eleito orador como incompativel para o tricentenario de Camões no Rio de Janeiro, que é promovido só pelos portuguezes ; e é incompativel em razão de que esse acto, pela maneira que está ordenado, fornece elementos incrementadores dos prejuizos, preconceitos e contendas populares entre estes dois povos que se estimam como irmãos.

O começo dessas contendas ha de ter por origem, invariavelmente, entre o povo pouco illustrado, o juizo seguinte : « a prioridade dos merecimentos intellectivos de um sobre o outro, fazendo com que o mais fraco renda homenagem publica ao outro ; em represalia, o que é ou foi considerado por mais fraco, apresentará a justificação de que inferior se deve considerar aquelle que n'uma festa de character patriotico nenhum de seus filhos era sufficiente para a representar officialmente, e por isso mendigaram um filho de paiz estranho... etc., etc. »

Os juizos temerarios ir-se-hão por esta fórmula multiplicando até poderem resultar em serios desabonos de parte a parte, e mesmo complicarem o bem-estar de muitos independentes e conspicios cidadãos nacionaes e estrangeiros, atirando-os aos flagellos de um pandemonio !...

Tendo como origem pontos de muito mais limitada importancia, é que muitas vezes se lamentam as consequencias de lastimosos conflictos.

Por estes motivos poderosos, na minha opinião humilde, o orador é incompativel com o acto que vai representar.

## § 3.º

## PELA NATUREZA DO ASSUMPTO

Embora pareça á primeira vista que o valor da epigraphé supra é de limitado alcance, é engano, se bem averiguarmos os pontos, não controversos, mas sophisticos, que póde apresentar ou fornecer aos argumentadores pirrhonicos, em relação ao objecto de que trato.

Ahi vai uma das primeiras e mais importantes objecções que se avanta a outras : Camões é tanto portuguez como brasileiro, porque, não obstante ter nascido em Portugal e lá morrido, era nesse tempo o Brazil portuguez ; por esse motivo é tanto cidadão portuguez como cidadão brasileiro ; logo em seu tricentenario no Rio de Janeiro, promovido indistinctamente por brasileiros ou portuguezes, póde tambem indistinctamente ser representado officialmente por um brasileiro, sendo promovido por portuguezes, ou por um portuguez, sendo promovido por brasileiros, com a mesma authoridade, vigor e arrubos patrioticos, sem incompatibilidade apreciavel de parte a parte.

Eis a magna questão sophistica a que se apegam e que sustentam vigorosamente aquelles que, tendo practicado um acto extemporaneo e impensado, e que para o levar á vante de um modo airoso, pretendem empoeirar com estas pècas e evaporaveis argumentações o bom-senso dos que lhes vão á mão.

Não, senhores, estes não são os legitimos argumentos de que tendes necessidade para a vossa justificação: se não

---

haveis alguns mais valentes, deveis antes renunciar a ella e confessar que claudicastes. Depois da confissão da verdade, é da vossa e nossa conveniencia, para o juizo do publico não ser tão severo, que procureis eximir-vos da culpa, o que facilmente se faz compulsando um bom e completo tratado de hysteria, e lá escolhendo uma das manifestações mais teimosas e características das nevroses, e, applicando-vol-a, tereis attingido bizarramente a justificação do vosso acto; ou senão, tambem o podeis fazer de outro modo scientifico, que vem a ser—procurar um moderno tratado de somnambulismo, escolher um daquelles estados de extasis e lucidez que mais se adaptarem ao caso vertente, e applicai-o a vós, sem medo, que a justificação do vosso acto é prompta e inatacavel. Ainda mais, se não quizerdes recorrer a uma justificação scientifica, do acto, podeis explical-o por um momento infeliz de descrença patria, por uma aberração passageira, por um impulso externo e involuntario, por um acto reflexo, por... por... por influencias espirituaes, emfim !

O facto é que de nenhum destes modos se ataca e fere de perto a objecção; para a sua perfeita lucidez é necessario entrar no amago da questão mais fundo e de espaço.

Em 1524 ou 25, epocha do nascimento de Camões, era o Brazil portuguez como um paiz descoberto de novo, cuja posse lhe coube por fatalidade ou por um meio inesperado; mas desde esse primeiro momento que os seus habitantes natos se oppozeram a ser considerados como filhos renegados do paiz em que viram a luz ao nascer; era para elles isso um

---

martyrio maior do que a oppressão, a prisão, a morte horrosa; e, honra lhes seja feita, desempenharam os impulsos transmittidos pelo dever patrio como talvez hoje nenhum dos civilisados do seculo 19 o fizesse. A reluctancia que oppuzeram em prol do sustentaculo de sua autonomia, liberdade e patria deve ser um dos maiores padrões de gloria para os genuinos brasileiros. Elles entendiam, como eu entendo e já expendi quando tratei da *incongruencia*: patria não se impõe ou não se escolhe por livre arbitrio — nasce com a creatura —; autonomia, liberdade ou independencia não se recebem como dadiva ou como presente — ganham-se.

Os primitivos habitantes existentes no Brazil, pois, quando Portugal o descobriu, não podem ser considerados como portuguezes de modo algum. Concedo que, *à fortiori*, sejam tidos como filhos espurios ou bastardos ou adoptivos, mas nunca patricios, investidos de todos os direitos concedidos a estes.

Corre o tempo com evolução regular para o Brazil, mas nenhum exemplo apparece com que a regra primitiva se modifique a respeito da degeneração pelo nascimento: apparecem quasi heróes brasileiros, secundando os portuguezes nas guerras contra os invasores valentes e teimosos, porém o impulso que movia estes corações, almejando embora o mesmo fim, era bem diverso entre uns e outros companheiros nas lides da batalha: aos portuguezes movia o desempenho recto da missão imposta pelo governo do seu paiz — manutenção da terra descoberta para engrandecimento e riqueza da sua nação —; aos brasileiros movia o innato im-

pulso da defesa da terra que lhes havia fornecido os primeiros elementos vitaes — a patria! Os brazileiros tanto batalharam em prol deste primeiro descobridor, como batalhariam em prol de outro, que fosse antecipado: era uma especie de divida sagrada, rendida aos deveres de hospitalidade de um amigo ou companheiro casoistico, trazido por fatalidade, mas nunca de um patricio; era a defesa especial do lar domestico, do pouso primeiro da existencia, da homenagem ao dever, da honra pelo nascimento, emfim, de tudo que ha de mais estimavel e justo <sup>16</sup>. Nestes casos, longe dos portuguezes serem soccorridos pelos brazileiros, eram, pelo contrario, estes ajudados na defesa patria por aquelles, facto que vem a dar uma prova contradictoria áquella que desejam ou que procuram sustentar até hoje os authores de todas as historias especiaes do Brazil.

Continúa de um modo gigante a progressão evolutiva do Brazil, e, durante este periodo, cada vez mais se vão estreitando os laços de familia, de amisade, de relações intimas entre os dois povos: o commercio, a industria, a navegação, as artes, as sciencias franqueiam interrupções systematicas, oppostas ao seu curso natural; as leis emanadas de um foco metropolitano, por demais afastado, são imperiosamente modificadas em seu espirito, quando applicadas aos compo-

---

<sup>16</sup> O amor da patria deve ser collocado na ordem destas virtudes sublimes, de que derivam todos os bens da sociedade.

---

nentes das possessões do novo-mundo, quer para nacionaes ou portuguezes, quer para os filhos nativos do Brazil; algumas concessões de cargos publicos vão sendo franqueadas aos naturaes, porém sempre debaixo de certo ponto de vista especial e escrupuloso, e de tal fórma que os grandes cargos eram sempre preenchidos por enviados do reino expressamente para esse fim; no seculo 18º, o grande estadista Pombal dá mais largas ensanchas de liberdade de pensamento e de acção aos direitos paternos sobre os filhos e filhas de portuguezes existentes no Brazil ou aos nativos d'elle, prevenindo males para estes no aferrado systematismo subserviente, manifestado pelo enclausuramento dos filhos em conventos do reino; promette o mesmo Pombal premios áquelles portuguezes que se ligassem pelo matrimonio ás filhas do Brazil, prevenindo dessa fórma a concorrência aos conventos, e ao mesmo tempo procurando desenvolver a população ligada pelos laços do amor materno e especificamente patrio.

Pelas circumvisinhanças dessas epochas, principiavam a manifestar-se algumas creaturas, nascidas no Brazil, cuja intelligencia aptudinal para a sciencia, a politica, a milicia, principiou a reclamar serios cuidados dos possuidores, porque viam nesses homens pullulantes manifestações de desagrado pela vida dependente dos seus lares; estas manifestações de desagrado crescem de familia a familia, de geração em geração, como o resultado de uma orientação cerebral irremovivel por todos os meios ao alcance humano; mas tanto cresceram e tanto valor tinham que em 1822 a independência dos possuidos illuminou o Imperio do Brazil.

---

Aqui tendes, n'um apanhado historico-philosophico, de accordo com as minhas forças em tal objecto, e tendo por berço o valor da sinceridade que costuma manifestar o moribundo nos ultimos paroxismos, tudo quanto eu entendo do estado de relação patriotica entre brasileiros e portuguezes, desde os tempos primeiros de descobrimento ou possessão, até á independencia. Desta para cá, já disse o que me pareceu justo, para que me dispenseis da repetição.

Ora, se analysarmos convenientemente o percurso deste cyclo possuidor e possuido, vêmos que a communhão patriotica dos filhos do Brazil, embora possuidos ou dependentes, foi sempre nobre e differente da dos seus possuidores, e tão differente como a distancia que vai do poder plastico ao poder natural: nem a imposição opprimente das leis metropolitanas; nem a vigilia e authoridade civil e religiosa constante dos possuidores<sup>17</sup>; nem os castigos aos viciosos<sup>18</sup> ou revoltosos

---

<sup>17</sup> “ Aos seculares que andavam com pensamento de occultas vinganças, descobriu o seu segredo do coração; e bastou dizer-lhes, mudai de pensamentos, sopena do castigo divino. Ao que traçava matar sua mulher, bastou dizer, largai esse cuidado que não vos deve nada, e ficou tremendo de pés e mãos. Chegou o outro a seus pés com intençam de encobrir na confissam hum peccado occulto; amoestou-o, vede o que fazeis, dizendo-lhe o peccado, e especie delle. ”

( *Vida do v. padre Joseph de Anchieta*, por Simam de Vasconcellos. Lisboa 1672, pag. 396 § 2º.)

<sup>18</sup> “ Antes era tradição universal entre barbaros e Portuguezes, que qualquer cilicio, disciplina, ou outra parte do seu vestido, era remedio efficaz’

políticos; nem o temor das penas impostas aos insurgentes; nem os laços de familia, tendo por base constituintes de nascimentos diversos; nem os amigos, nem o pai, nem a mãe, nem os filhos, nem os irmãos, nem a esposa, nem os parentes, nem as relações intimas, nem tudo, emfim, de mais caro pôde abafar os dictames e ordenações impostas pelo coração, que batia pela liberdade e autonomia patrias!

Debaixo da tutela destes principios, quem chamar portuguezes do coração aos brasileiros, e brasileiros aos portuguezes legitimos, commette, além de uma indignidade, uma ignorancia crassa aos preceitos da moderna sciencia sociologica!

Quem se atreve a fingir o que do peito soltava no exilio  
o *illustre portuguez* João Minimo :

« . . . . . A minha patria...

Oh! não lia para mim tão doce nome...

Que digo! A minha patria é nos teus braços,

Deixa-os, esses tyrannos que se apprazem

Co'as lagrimas da oppressa humanidade,

Proscrever-me da terra; que me arrojem

---

para evitar pensamentos torpes; com sua presença, ou palavra somente aquietou a muitos perturbados deste espirito immundo: e com o zello desta virtude ameaçou a outros, com castigos severos, que por descuidados nesta materia experimentaram, queimados uns, afogados outros, outros mortos a ferro, servindo todos de exemplo aos mais peccadores. ”

(lb. Pag. 406, § 2°.)

Para os gelos da inhospita Syberia :  
 La onde toda é morta a natureza,  
 Onde o t̃ão puro sol da nossa Elisia  
 A polar cerração nega os seus raios :  
 Ahi d'um teu sorriso allumiado,  
 Entre essas solidões darei co'a patria,  
 Acharei os amigos, paes e tudo,  
 Que tudo me darás nos teus affagos. » <sup>19</sup>

Quem se acha authorisado, não movido do patrio animo,  
 a supprir o que disse e como o disse João A. Neves Es-  
 trella pela restauração de Portugal do dominio francez :

## XIII

« Que ao rouco impulso do inflammado bronze,  
 Que horrido trôa nos robustos Pólos  
 Nuvens de negro Salitroso fumo  
     Envolto em raios, gritos ;  
 Vôão exangues Vultos palpitantes :  
 Vôão braços, cabeças e turbantes.

## XIV

Surgem no Tejo os fluctuantes Pinhos  
 C'o abundancia, c'o a Paz, c'o a liberdade !...  
 Rompe-se o Jugo; e a fome nutre as fauces !  
     As Artes, o Commercio,  
 Tornam florentes. . . . . ? » <sup>20</sup>

<sup>19</sup> *Lyrica de João Minimo*. Londres, 1829, o exilio, pag. 142.

<sup>20</sup> Lisboa, 1808, pag. 11.

Quem suppre a proclamação aos portuguezes por José Antonio de Araujo Vellozo :

« Ai ! se trepidos nós, se amedrontados,  
 Qual aterrada Grei ao vil cutélo  
 Dos impios Canibaeas, que o Mundo assolão,  
 Frouxo, indefeço, envilecido o Cólo  
 Curvassemos submissos, ah ! que horrivel,  
 Mas justa exprobração lá dos Sepulchros  
 Nossos Maiores nos fariam, Lusos ?  
 Parece que estou vendo, ou já sentindo  
 Na Estancia eterna, que amontoa os mortos,  
 Revoltarem-se ardendo em fogos vivos,  
 As frias cinzas, descarnados ossos  
 Dos Gamas, Castros, Albuquerqueas, Nunos... <sup>21</sup>

.....

Quem suppre o brado de Antonio Soares de Azevedo aos seus conterraneos do Porto :

« O' Porto ! ó berço meu ! inda esta gloria  
 Os Céos te reservavão ?...  
 Tu não precisas que o clamor reforce  
 A honra que te chama ao peito illustre ;  
 Apenas solta a voz, teus filhos voão  
 a abrir pasmoso exemplo  
 De zelo, de valor, de lealdade. <sup>22</sup>

.....

---

<sup>21</sup> Lisboa, 1808, pag. 9.

<sup>22</sup> Lisboa, Ode pag. 5.

Quem suppre, que não seja movido pelo amor do paiz  
natal, aquella mimosa e extraordinaria Canção patriotica  
do bacharel Antonio José Maria Campelo :

## I

« No seio de um crespo Monte,  
Que ás altas nuvens faz guerra,  
Desafiando os coriscos,  
Com que Jove assusta a Terra ;

## II

Tem seu berço o extenso Douro,  
Rio ao grão Neptuno acceito,  
Pelos Thesouros sem conto,  
Com que enriquece o seu leito :

## III

Alli da Urna mimosa  
Soltas correntes desata ;  
Lavando seixos de aljofar  
Com limpas aguas de prata :

## IV

Elle honrou Heróes passados,  
Verdes Palmas produzindo ;  
E ufano com seus triunfos  
Fez inveja ao Gange, e ao Indo.

## V

Mil Ninfas do Rio Filhas,  
Cercão-lhe o vasto aposento ;  
E cantando altos Prodigios,  
Servem ao Pai de ornamento :

## VI

Huma dellas. . . . .

. . . . .

## VIII

Sobre hum Penhasco elevada,  
 Ao som d'augusto instrumento,  
 Assim cantou maviosa,  
 Enfrêando o sôpro ao Vento:

## IX

Ide, Heróes, onde vos chama  
 O brilhante amor da Gloria ;  
 Crescerão c'os vossos Feitos  
 As claras folhas da Historia :

. . . . .

## XIII

A' luz das accezas Quinas  
 Descore o Francez confuzo ;  
 E o Pedestal da Impostura  
 Caia aos pés do esforço Luzo :

. . . . .

## XXIX

Nem temais, que os vossos nomes  
 Feche o Templo a Memoria ;  
 Morrendo a escudar a Patria  
 Morreis cobertos de Gloria :

## XXX

Assim disse. E ás outras Filhas  
 O Douro então, que a escutára,

Mandou entalhar nas rochas  
Os versos, que ella cantára :

XXXI

Susurro de immenso applauso  
Por toda a Gruta lavrou ;  
E em cada Luzo, que os lêra,  
Hum novo Heróe rebentou. <sup>23</sup>

Quem póde supprir a concisão, o alcance, os preceitos salu-  
tares jorrando dos labios de Bocage, naquella quadra :

« Defender os Patrios Lares,  
Dar a vida pelo Rei  
He dos Luzos valorosos  
Character, Costume e Lei. » <sup>24</sup>

Quem o póde sentir, e dizer aquellas cousas a não ser o que  
é levado na onda do amor patrio ?...

Ninguem !

Para a demonstração contraria do que avanço, authorisa  
o bom-senso a convidar o mundo em peso, que, por mais  
que se esforcem todos nesse empenho, cada vez mais se lhe  
ha de tornar

« Rouca a voz, tosco o plectro, rude o canto. » <sup>25</sup>

Para os filhos do Brazil quem suppre a não ser elles os  
seus cantos gloriosos, as exhortações nacionaes, os feitos de  
bravura, de regozijo ?...

Ninguem !

---

<sup>23</sup> Porto, 1808.

<sup>24</sup> Bocage. *Rimas*.

<sup>25</sup> *Parabens a Portugal*. Canção, pag. 8. fim.

Só o filho da patria é que da patria póde fallar de glorias com o sello, o cunho, o brazão que só a natureza implant em seus arroubos inimitaveis e insuppriveis.

Deixemo-nos de excepções, que não fazem mais do que fixar a regra. Em que parte da terra habitada vamos buscar principios que authricem a proferir tão falsa opinião? Onde achar o dictame de tão falsos principios naturaes? A historia especialmente, e a sciencia em todos os seus ramos, tem para ensinamentos o opposto daquillo que pretendem... O descobrimento, a posse, o dominio, a conquista, a subjugação, a usurpação, a posse por herança, a confederação, a alliança, em nada abalam a essencia e brios do amor patrio, antes o fazem robustecer e proliferar!

Dispensai-me a enumeração enfadonha de povos que teem passado por algum destes estadios, e mesmo de outros que teem supportado successivamente alguns delles : sua nomenclatura é publica e multiplicada. Pois bem, em todos elles achamos a opposição enraizada e franca dos seus filhos para se considerarem patricios dos advindos, por qualquer forma supracitada; e mais tarde ou mais cedo a rebellião dos legitimos filhos estala pujante em busca da independencia e dos seus direitos primitivos. Se assim não fosse, tendo em vista os mingoados recursos illustrativos da maior parte dos humanos, tendo em vista as suas instituições ou regimentos em grande parte deprimentes, a sociedade estaria já enterrada n'um abysmo cahotico, onde a segurança individual e a vida mesmo seriam impossiveis! E' necessario contemporisação para vencer os estorvos que se oppõem ao

projecto grandioso da patria universal —a cosmocracia. Para lá convergem os recursos valiosos de todos os cerebros bem constituídos, porém, como todas as empresas grandiosas, o alcance do fim é lento ainda que progressivo. <sup>26</sup>

Por tudo que se avanta até aqui, julgo demonstrado que o coração dos genuínos filhos natos do Brazil, desde os primitivos habitantes até hoje, nunca pulsou por outra patria além da sua, embora sob dependencia estranha; da mesma sorte os corações dos verdadeiros filhos de Portugal nunca

---

<sup>26</sup> De longes epochas vai buscar origem um tão grande, quanto arrojado desejo. E' necessario ir cerceando lentamente as correntes que se ligam a direcções preceituas primitivas, quasi. Os povos, porém, vão-se pouco a pouco desquitando da sua prisão pela bitola seguinte: "... d'onde deriva esse supposto *direito essencial* de serem os Fidalgos entre nós membros natos das Côrtes? Deriva do costume? Concedo. E quem negou ou quem pôde negar á Nação Portuguesa o direito de alterar esse costume, quando razões de conveniencia assim o persuadirem? Que toda a Nação Portuguesa é hostil á classe da Fidalguia actual bem se mostrou nas Eleições passadas, em que nenhum Fidalgo pôde obter assento em Côrtes...

Finalmente para que me canço eu mais sobre este topico? De um Fidalgo Portuguez poderá fazer-se um bom *pilar da ante-camara de um Rei*, como dizia Racine, mas nunca legislador hereditario.... Foi portanto justa a ley quando determinou que ninguem se pudesse chamar *representante* do Povo Portuguez, sem uma nominal escolha, e sem um especifico mandato do mesmo Povo. "

( *O Cateuento*. Dialogo entre um corcunda e dous liberaes. Pariz, 1826, pag. 37 e 40.)

bateram por outra patria, embora possuidores de muitas. Pretender o contrario, é levantar a rebellião contra todos os argumentos logicos e contra os impulsos naturaes.

Logo: Camões foi sempre portuguez e nunca brasileiro; logo, os filhos do Brazil pelo nascimento foram sempre brasileiros e nunca portuguezes; logo, os filhos de Portugal pelo nascimento foram sempre portuguezes e nunca brasileiros.

Discriminada por esta maneira a essencia patriotica de cada um dos filhos destes dois paizes distinctos sempre — Brazil e Portugal —, em nada fica prejudicada a sua convivencia harmonica, bem como as suas relações intimas nos variadissimos misteres da vida social. E é isso exactamente o que se dá.

Como a lingua, os habitos, os costumes, as leis politicas, civicas e religiosas; enfim, os vicios, as virtudes, as aspirações, a educação na familia, são identicas entre ambos, é natural que do mais pequeno haja a migração dos seus filhos para o maior, onde podem pelas suas aptidões variadas ser mais proveitosos a sí, á sua patria e á sociedade. E na verdade é o que acontece nos filhos de Portugal migrando para o Brazil, e o fazem indistinctamente para cada uma das 21 provincias, cada qual dellas de área extensissima. Como, porém, a provincia, e especialmente a cidade do Rio de Janeiro, offerece mais facilidade e vantagem aos concorrentes, é nella que se estabelece e persiste relativamente o maior numero de portuguezes, chegando presentemente o seu al-

---

garismo de 60 a 70 mil nesta cidade, occupados desde os mais grosseiros serviços ruraes até á sciencia.

Este conjuncto de cidadãos portuguezes, pelo seu elevado numero e variada posição, fez que se chamasse a « *colonia portugueza no Rio de Janeiro* », e, não obstante nunca o chegar a ter, anda sempre com aspirações á escolha de um *chefe*. O facto é que sem elle vive tão harmoniosamente e bem-quista como se o pedisse e o tivesse por encommenda da natureza.

E' este grupo de homens, divididos em diferentes nucleos associados e cada um sob um titulo, como eu atraz melhor discriminei, que determinou commemorar o tricentenario do seu compatriota, o immortal creador da epopêa moderna, Luiz de Camões. Para esse fim, algum, ou alguns delles tiveram a ideia infeliz de convidar, é verdade que um illustrado filho do Brazil para os representar officialmente na sua homenagem duplamente patriotica; tiveram a infelicidade os convidantes de não attingir á solemnidade assombrosa do principio, que diz assim: as illustrações de todo mundo, fundidas e vasadas de um jacto no molde de um só coração, não podem imitar de longe siquer a explosão, o arroubo sincero patriotico daquelle homem que falle do seu paiz, embora que este seja manifestado por um cerebro dos mais acanhados recursos intellectuaes, mas que falle da terra que lhe deu a existencia!

Admitta-se que esse acto infeliz não passa de uma fraqueza inherente ao genero humano e removivel em tempo opportuno o seu gravame; mas o querer convencer de que,

esse acto, peccaminoso em absoluto, seja uma virtude com todas as suas prerogativas, é que revolta os espiritos mais pacatos, e esquivos a manifestações antipathicas, desagradaveis e publicas.

E, pois, logo, como consequencia immediata dessa pertinacia no erro, veio a desunião dos commemorantes dos nucleos, e, como sequella, aggravos e desaggravos, manifestados publicamente pelas folhas de maior circulação, por meio de reuniões calorosas e de conversas destemperadas na forma, na gravidade e no decoro entre conterraneos.

A questão, de um character particular e especifico, foi pouco a pouco assumindo um character de geral e de complicada; e hoje póde-se dizer, sem medo de engano, que tem o dominio de quasi toda a população do Rio de Janeiro, nacional e estrangeira.

Cada um, como é de facil comprehensão, commenta o facto a seu modo, e dá a sentença conforme lhe apraz ou os seus recursos lhe ordenam—em favor ou contra a escolha—; mas se collocarmos essas opiniões n'uma balança, de um lado as a favor, de outro as contra, teremos para resultado que as contra o acto pesarão mais do que as outras 8 decimos. Se attendermos ao valor intrinseco pela fonte donde emanam, então chegaremos mais facilmente a um resultado criminador do acto; notando que as maiores authoridades neste caso devem-se ir buscar entre os corações mais bem conformados pela patria; é para esses que eu appello neste meu caso.

Movido pelo conjuncto de todas estas razões, é que eu sou

levado a concluir que: *pela natureza do assumpto*, o illustrado e erudicto sr. (dr.) Joaquim Nabuco, como orador official no tricentenario de Camões no Rio de Janeiro, é incompativel com o lugar que preenche.

#### § 4.º

##### PELO ALCANCE DO ASSUMPTO

Quando um incidente, um facto qualquer, seja de pequena ou de grande importancia e gravidade, se passa acobertado pelas sombras espessas do sigillo ou encerrado no impenetravel carcere da absoluta insciencia estranha; ainda mais, se esse accidente tem a sua origem, curso e finalidade entre um limitado numero de individuos, ungidos todos pelo apertado élo da inconveniencia propria na transmissão ou revelação do facto occorrido entre elles; se, por ultimo, a acção de um acontecimento não ultrapassa a roda de um certo numero de individuos *beocios* (como vulgarmente se chama aos ignorantes), que não sabem ligar importancia ao valor intrinseco do facto, nem tirar partido, bom ou máo, do seu valor moral, para lhe servir de apêgo em qualquer occasião a que se adapte com resultados lisongeiros aos seus desejos, e de firmeza ou invariabilidade em sua consequencia : então esse facto deve merecer tão pouca importancia como se não se tivesse passado.

Em neuhum destes ditosos casos está por infelicidade o facto especifico e vertente do tricentenario de Camões na Cidade do Rio de Janeiro.

Se o facto nascesse e morresse pelos originarios delle, se se desse entre pessoas que tivessem inconveniencia em revelar-o, se se desse entre uma roda limitada e de familia, ou se fosse vergonhoso para todos que o presenciam tornal-o publico e circulante, claro está que não passava de uma parvoice fallar em semelhante substancia negativa; porém o facto em relação aos portuguezes, que parece á primeira vista fugace, diluivel, evaporavel depois da sua manifestação, é pelo contrario para elles mais perduravel do que o bronze estatuario, mais generico do que as letras e mais importante do que a posse e dominio do mundo.

Como é sabido, em todas as divisões politicas da terra civilisada, onde Camões é menos apreciado pelo seu talento, é incontestavelmente onde é mais fallado o seu nome, a lingua que fallou e os povos a quem immortalisou em suas arrojadas e corpulentas outavas—isto é, Portugal e os povos de baixo do dominio deste na epocha em que Camões escreveu, uns destes que presistem inteiros e independentes, outros esfarrapados e divididos em retalhos por diversos, e alguns entregues á mercê de aventureiros ou de cubiçosos que se querem fartar com a sua adjudicação.

Para tornar bem patente o empenho que neste momento me domina, quizera possuir as doutrinas litterarias e a memoria de um perfeito erudito, podel-as applicar convenientemente como um douto, e tirar-lhes as consequencias como um sabio; com estes predicados fartava as minhas exigencias, porque tornaria completo e facilmente comprehensivel por todos um assumpto que nem toscamente sei delinear.

Sem embargo de tudo isso, eil-o ahí vai como posso .

O fim almejado na commemoração (ou como lhe chamam— *festa*) do tricentenario de Camões no Rio de Janeiro, é que ella seja *ruidosa, de apparatus deslumbrante*, para ser geral o applauso e admiração mais pelos seus promotores, do que convidar os corações ao respeito e homenagem para os manes daquelle que pretendem commemorar no tricentesimo anno do seu passamento.

Em meu modo de pensar, esta maneira manifestativa do tricentenario tem antes ligeiras tendencias para o dislate e fanfarrice do que para os dictames fornecidos pelo criterio e bom-senso. E nem se vá pensar que seja eu algum anachoreta ou cenobita octogenario ; mas assim julgo das cousas, de accordo com o que representam, ou com o que reclamam e com o que significam. <sup>27</sup>

Pois do que é que se trata no tricentenario de Camões, especialmente no dia verdadeiro do seu passamento, isto é, no dia 10 de junho ? Trata-se de *chorar-lhe a morte*, ou trata-se de *festejar-lhe o nascimento* ? Se o dia 10 é o dia em que elle morreu, se o dia 10 é o em que se perdeu esse grande vulto sociologico, claro está que, longe de procurar deleites pelos folguedos e representações theatraes, dever-se-hia antes dar

---

<sup>27</sup> Lá diz um discreto : A maior desgraça do mundo é viver sempre em erros ; porém o serem communs a requinta ; porque por communs se fazem irremediaveis ; e haver quem os convença, para que se desterrem, só póde ser, por quem fôr assistido de uma sabedoria incomparavel.

provas de sentimento e reserva, do que, repito, espectaculosas demonstrações de regosijo, festins e elementos fornecedores de alacridade !

« Qual de vós, senhores, não desejaria que *Luiz de Camões* fosse eterno, para que todas as gerações, apreciando as graças do seu espirito, ouvissem da sua bocca a doutrina com que o rei póde fazer a ventura dos povos <sup>28</sup> »

Eis, em phrase esclarecida, o que deve de acompanhar o pensamento, os termos e as feições dos actos externados daquelles que pretenderem dar publico testemunho de si, no tricentenario de Luiz de Camões. No entanto que, a ajuizar pelas *morrinhentas* palavras *feira*, *festival* e *outras*, parecis antes alegrar-vos com a morte de um benemerito da sciencia e da patria, do que prantear-lhe a sua falta; por esta fórma applicaes ao justo aquillo que devieis applicar ao delinquente, ao facinora, ao maldito; mas, se os vossos impenetraveis pensamentos e as feições dos actos estiverem no mesmo alinhamento em que estão os termos, então, decididamente andaes em desconcerto formal com os usos e costumes contemporaneos !

Nem digaes que pretendeis por aquella fórma regosijar-vos pelos merecimentos grandes e proveitosos de Luiz de Camões em seu tricentenario; se por esta fórma objectardes a aquella accusação, responderei que : então fazei o seu tri-

---

<sup>28</sup> *Epistolas de J. M. da C. e Silva, F. A. Martins Bastos, e J. Martins Alvito. Discurso. Lisboa 1851, pag. 57.*

centenatalicio, onde podereis *festejar, tripudiar, fantasiar* á vontade. Porém, agora, por quem sois! dai ao natal o que é do natal, á paixão o que é da paixão !!

Pelo vosso numero resumido, vós representaes para Camões, no dia do seu tricentenario, o que a christandade inteira representa para Christo na Sexta-feira da Paixão. Ora, eu estou mais do que convencido que se visseis um observante religioso perfumar-se, vestir-se de ponto em branco, percorrer todos os lugares de passa-tempo accessiveis então, botar foguetes, pôr luminarias, dar opiparo banquete, e findar por um ruidoso baile na Sexta-feira Santa; estou certo, digo, que, se visseis um homem fazer tudo isso, serieis capaz de o desfeitear, ou, pelo menos, chamar-lhe de *Herodes*, ainda que elle vos certificasse que acreditava na religião, menos em Christo, que não passava para si de um mytho religioso vedico, isto é: da trindade indiana, do *brahmanismo*.

Pois eu penso, e fundado em bons argumentos, que neste caso estais vós, relativamente a Camões no tricentenario; só ha uma pequena differença, e vem a ser que Jezus, de accordo com a crença, resuscitou ao terceiro dia, e Camões não é provavel que faça o mesmo, posto que ao fim de trezentos annos; e se assim acontecesse, ou se elle o fizesse, ai de vós! pelo menos não serieis classificados por elle Camões, depois *da vossa festa do tricentenario*, senão por um nome antipathico, mas que era, diz a crença tambem, o nome de um dos discipulos mais queridos de Christo — *Judas* —; ao que eu seria o primeiro a apresentar-me em campo, em prol vosso, com demonstrações contrarias,

Ora bem ; isto é para o caso aquillo que tem menos importancia, porque dirão todos : « Os promotores da festa dão o que entendem, o que podem ou o que teem: nem por isso são dignos de castigo...se mais entendessem, mais podessem ou mais tivessem, mais dariam... nem por isso são dignos de castigo... E repetirão constantemente o retornello tantas vezes, quantas repetirem, com um ar de contemplação e de bom humor, phrases de abono como aquellas. Mas, depois, pela analyse circunstanciada do acto é que o caso muda de figura.

Os primeiros a esmerilhar cuidadosamente as circumstancias, que fizerem parte desse acontecimento unico, e que d'ora avante póde ser secular no Rio de Janeiro, hão de ser os que o presenciarem, mas com especialidade os filhos do Brazil. Como se trata de irmãos, ethica e ethnographicamente, estes, os filhos do Brazil hão de ser os mais condescendentes para os portuguezes, em relação ao producto de seus resultados analyticos do facto, que se ha de passar. No emtanto nem que dispensem aos portuguezes carradas de benevolencia, nunca podem deixar de formular interrogações do theor das seguintes :

« Pois um numero tão elevado de filhos de Portugal, existente no Rio de Janeiro, não encontrou em nenhum de seus compatricios um que fizesse o panegyrico do seu immortal Luiz de Camões?... Pois os promotores de uma *festa patriottica* deliniam-na antes de ter imaginado dentre elles um eleito para os representar?...Se desta forma praticam para os seus, e com o nome dos seus, o que farão com os

nhos?... E' necessario reserva absoluta com gente tal  
n toda de tal procedencia !...»

digamol-o, elles teem razão em formular proposições da-  
las, e repousar naquellas conclusões, se não houver quem  
diga, ou se não ventilarem que o acto é puramente *ar-*  
*rio* e de um *character particular*, nunca de consenso  
nime : sirva de justificação o desagrado *tacto* do maior  
ero de seus conterraneos ; o desagrado explosivo e ge-  
lisado de alguns por meio das folhas publicas ; o desag-  
ramento do conjuncto commemorante; e, por ultimo, e  
nais mingoado valor, *este protesto individual* que deixo  
gerações porvindouras, com o fim de aquebrantar em  
e a acrimonia das accusações !

s segundos que infallivelmente hão de formar juizos te-  
arios, em desabono dos portuguezes no Rio de Janeiro, a  
eito do acto por estes proprios promovido, hão ser  
seus patricios de além-mar, juizos e accusações que  
m ter um character de inexorabilidade, porque fallarão  
filhos da mesma patria com a sinceridade patriotica.  
or essa razão que devem ser terminantes e mortiferas  
nas accusações, dizendo com justos motivos :

7ós, que não vos olvidastes do nome e da veneração de  
vosso compatriota, embora extincta a sua vida ha ses-  
a lustros, não vos achastes com coragem de o reverenciar  
elementos dialecticos de vossa propria lavra, ou tivestes  
de escolher um d'entre vós para dirigir a seus respeito-  
manes um punhado de palavras, ungidas pelo mesmo e  
ppriavel amor patrio com que elle immortalisou o nome

e a gloria dos vossos avós, dos vossos pais, dos vossos lares ?...

« Vós, que representaes ahí, tão longe, o coração da vossa terra natal; vós, que representaes ahí os nossos brios nacionaes, as nossas aspirações, o nosso coração, a nossa alma, a nossa vida, como depositastes na mão de um filho estranho, ainda que investido da mais subida aptidão moral e intellectual, a missão representativa mais intima?... Vós, que sois a luz viva da esperança, ahí tão distante, de tantos irmãos, de tantos amigos, de tantos pais, de tantas mãis extremosas, de tantos filhinhos galantes, desejosos todos por vos estreitar ao peito e cobrir de osculos ferventes, como tendes animo de correr, entre vós e elles, o espesso e impenetravel véo da descrença patria e dos lares maternos?... Como depositaes em labios estranhos, para o transmittirem, o osculo amoroso e puro ao patrio ninho?... O' irmãos pela patria ! se entre vós nenhum podia occupar o posto de honra de representar-vos n'uma nossa causa nacional, por que razão não recorrestes aqui, aos vossos, aos portuguezes de Portugal, para o fazer, dos quaes o mais fraco seria nesse ponto o mais forte d'entre os mais fortes estrangeiros?... Ai, compatriotas... filhos que teem vergonha ou medo de representar sua mãe n'um paiz distante e em tribunaes estranhos deixam ou querem que a condemnem, e portanto são indignos della!.....»

Isto nada mais são do que toques dos juizos que devem formular os verdadeiros portuguezes, movidos pelo orgulho patrio. E' tendo por fim abrir excepções, que este es-

pto ha de ver a luz da publicidade e não por outro modo, a menos que não fosse pelo superlativo da baixeza.

Os terceiros que hão de vir á arena das recriminações e izos criteriosos, hão de ser os filhos das outras nações civilizadas. As suas proposições devem de ser mais concisas, rêm mais ferinas e penetrantes, do que as dos proprios mpatriotas, em razão de não as toldarem pela oppressão dôr propria, nem pela impressão fornecida da presença ao to: são mais justiceiras e dolorosas, porque são originarias espiritos calmos e desinteressados.

Nem me quero lembrar do que podem dizer esses povos, e estremecem o nome de Luiz de Camões pela sciencia, e estremecem cada um dos filhos mais queridos, quando uberem que o seu tricentenario em terra estranha, e omovido por compatriotas delle e homenagem só delles, ve o panegyrico official feito por um distincto brasileiro ! e dirão a Allemanha, a Austria, a França, a Hespanha, a alia, a Inglaterra, que conhecem Camões melhor do que os, porque este com ellas convive intimamente em todos festins litterarios dados pelos seus filhos, e serve de companhia nos gabinetes de estudo a todos os eruditos, doutos e sabios ?...

Destes, partirão premissas mais arrojadas e de um character includente, tendo por base formativa, já, os juizos especificos, expendidos por aquelles que presenciarem e tiverem lado coeva e desinteressadamente do acto. Serão apreciadas e approximadas á synthese, que servirão de pilastra a los os argumentos e recriminações geraes, tanto desses

povos, como de todos que presentemente e no futuro houverem de dar a sua opinião em referencia ao mesmo objecto.

Antes, porém, que o círculo appreciativo do facto adquira um raio extenso, tem de passar pelo escalpeilo da critica severa dos competentes, e mesmo da dos incompetentes, em materia tão melindrosa; mas é para causar terror, mêdo, recsio, o valor do coração humano em questões de amor patrio, tão variavel, e maninho algumas vezes, em presença da corruptibilidade e fraqueza humana!

E' cousa demonstrada, e mesmo escusa de provas, que os productos oriundos da phantasia; os vicios, em todas as suas manifestações; a educação pouco esmerada e alimentada por um viver sordido e crapuloso; o ostracismo voluntario ou imposto pelas leis de um paiz ao seu filho; a crueldade excepcional da familia, fornecendo ao coração dos opprimidos milhares de causas de aggravos vingativos, embora contra-productentes; a defesa e adjutorio de familia novamente adquirida em paiz estranho; a pugnação pelos direitos nobiliarios adquiridos ou advindos de povos em que os seus possuidores não tiveram o nascimento; os naturalizados de *motu proprio* em paiz estranho, os prescitos, e por ultimo os facinoras: dá como resultado uma critica do paiz natal suspeitosa, inadmissivel, má, torpe, miseravel, vil, nojenta e podre!

Da mesma sorte, e em relação ao facto vertente, o juizo critico advindo dos representantes de povos possuidos; de povos com aspirações politicas deprimentes, usufruidoras aspirantes ao dominio em qualquer uma de suas manifes

tações physicas ou moraes ou intellectuaes; de povos dominados do desejo de represalias estadisticas; de povos soberbos: deve-se ter por suspeito, e portanto enchermo-nos do escrupulo ordenado pelos preceitos da prudencia, quando o tivermos de aceitar.

Estas são as excepções mais palpitantes que me occorrem em phrase repentina; outras ha cuja ennumerção reclama um mais detido exame e minudencia, que este escripto não póde nem deve comportar, mas que o espirito do leitor supprirá com aquella somma de conveniencia necessaria.

Não devem intimidar em seu juizo critico os componentes de algumas cidades do Egypto e Turquia de que tenho conhecimento por minha viagem (Alexandria - do - Egypto, Cantará (?), Zagazig (?), Cairo, Ismailia, Porto-Saido, Jaffa, Ramele (?), Jerusalém), porque Portugal só é conhecido por *Hespanha*. O mesmo facontece com algumas nações do Norte, minhas conhecidas — Suecia, Finlandia, Russia;—, excepto as capitaes, em razão de haverem legação portugueza; por isso quasi nenhuma importancia teem as cidades avassaladas e as secundarias (as entre Gottemburgo, até Stokolmo pelo canal de Troletan, Helsingforss, Abo, etc). Mas em Dinamarca, Holanda e Suissa, e em algumas possessões inglezas do Mediterraneo, tambem por mim conhecidas em viagem <sup>29</sup> o nome portuguez não é desconhecido e podem aventar leves juizos criticos em relação ao facto vertente.

---

29 V. o meu mappa physico-intelecto-moral, Lisboa, 1877.

---

Neste apanhado cosmographico não estão incluídas senão as partes de que eu tenho conhecimento pelas minhas duas viagens, do contrario longa podia ser a exposição; porém não gosto, não costumo aventurar proposições sem que por qualquer forma a sua razão de ser me haja impressionado algum dos sentidos.

Concebidos os juizos criticos, é facil a sua formulação pela imprensa, juizos que tomam logo um caracter estavel e transmissivel cruzadamente de povo a povo; juizos por meio dos quaes, os que não conhecerem Portugal, vem a formar uma triste ideia delle, ou antes um triste e mesquinho conceito dos seus filhos; ora é bem facil de acreditar que adquirir nome e conhecimentos dados por meios tão infelizes, é melhor antes viver sempre em ignorancia ou insciencia extranha.

Grossas, de uma textura fibrosa e de admiravel profundidade se tornam as raizes dos toxicos arbustos germinados por aquellas sementes, dando em resultado flores e fructos que todos podem saborear ou sorver o especial e venefico perfume.

Cada um destes juizos generalizados servirá de novo elemento critico, de accordo com as impressões que receber aquelle que os tiver de formular, e desta maneira ir-se-hão amontoando opiniões indistinctamente, de um caracter homogeneo e hecterogeneo, em turbilhão desenfreado, cujo paradeiro ou finalidade vai tocar com o seu extremo caudal no insondavel abysmo do futuro—a posteridade, a historia.

Lá, nesse tribunal severo, desconhecido, ignorado, invi-

---

ível para nós, é que começam a reatar-se os élos de uma ova cadeia tenaz, fabricada pelos artifices commentadores, sendo por chefe ora o criterio, ora a insensatez. Ao que é dominado por esta ultima e intorpecente macula, nada contém nem aproveita do que é feito no presente, e cabe o dizer ue « todo o homem ama as partes do seu entendimento, e s vezes mais que aos mesmos filhos; e esta é a causa de muitos se cegarem com suas cousas <sup>30</sup>; » para os dominados pelo criterio, e que tenham por norma quotidiana « assi que es muy util y aun bien necessario andar instruyidos: e aviados porque la ignorancia no nos ciégue e nos haga entrar por la carrera ancha por do entran muchos (segun dize el enõr) y nos estorve entrar por la via estrecha por do acieran pocos <sup>31</sup> », é que se torna indispensavel o esclarecimento parcial de alguns pontos da chronica; e torna-se indispensavel para elles porque leem, porque estudam, porque pretendem saber, porque pretendem ensinar, porque convivem com a sinceridade. Ainda que estes sejam raros, são ás vezes sufficientes para modificar o character da historia, essa synthese dos acontecimentos humanos encarados scientificamente.

Tanto mais justa e recta será, pois, a historia, quanto mais erdadeiros, desinteressados, explicitos, publicos e vulgares forem os factos que se forem succedendo entre os consti-

---

<sup>30</sup> *Vida de Dom Frei Bertolomeu dos Martyres*, por Frei Luiz de Souza. Impresso na Villa de Viana, 1619, pag. 46.

<sup>31</sup> *Instructiõ de la mujer christiana*, 1539.—Prologo, pag. 1.º

tuintes humanos, ou do contrario não só podem errar os bons historiadores, mas também fornecer lamentáveis parvoíces aos máos.

Eis ahí está uma das razões que reclamam escriptos da natureza deste, cuja importancia no presente parece até destemperada, no entanto que mais tarde lá terá competente applicação e proveitoso fructo.

Enem se vá ter em pequena monta a importancia que eu ligo aos dizeres futuros com que é possível encher columnas e mais columnas do nosso padrão immortal—a historia—<sup>32</sup>, desde que attendermos a que se podem realizar as palavras de um propheta, que dizem assim :

« Nobre e rica outr'ora, quando o Oriente e a Africa te mandavam o ouro de suas veias, os estranhos se te vinham assentar ao pé dos muros, e abastecer-se com as migalhas caídas das mezas de teus banquetes.

« Cada um de teus velhos palacios abrigou já os ultimos dias de um grande capitão; em cada pedra de teus templos ha uma recordação das virtudes passadas; em muitas louzas de sepulturas nomes que não morrerão.

« Nas eras de tua gloria, os monarchas dos ultimos confins

---

<sup>32</sup> “ Coisa notavel, senhores ! Cada grande homem ou cada grande acontecimento tem dado o seu nome ao seu seculo. Coisa mais notavel ainda ! Os monumentos escriptos, que cada seculo tem legado á posteridade, são a expressão legitima e sincera das suas instituições, do seu espirito e das suas tendencias.

(*A conquista da Cruz*, por Claudio Nemorino. Lisbôa, 1873.)

da terra se haviam por honrados com chamar irmãos a teus filhos; e filhos teus davam e tiravam corôas.

« As tuas armadas aravam as campinas do oceano, e neste nem uma vaga deixou de gemer debaixo das náus do Tejo.

« Para as frotas da nova Tyro, resoavam ao mesmo tempo os golpes de machado nos bosques da Europa, da Africa, do Oriente e do Novo-Mundo: os lenhos do Indostão, cosidos com os da Nigricia, fluctuavam por mares distantes, e sobre elles se hasteara um signal de terror para o orbe: era o pendão das Quinas:

« Então, ó Cidade do Tejo, reinavas tu, e eras forte, mais do que Roma ou Carthago, mas o imperio e a força vi-nham-te das virtudes de teus filhos, do nome a quem sem pudor chamamos nossos avós.

« Vivificavam-te o seio um sem numero de bem nascidos espiritos, e eras seminario feracissimo de corações generosos.

« Porém o que te resta hoje do antigo esplendor, da gloria de tantos seculos?—um echo do passado nas paginas da historia; o sol puro da tua primavera, teus paços e templos...

« Mais cruel será teu castigo, ó Patria, do que o de Jerusalem: porque ella pereceu a mãos de estranhos, e seus filhos morreram defendendo os lares paternos .....

« E neste meu caso cairá o povo; porque serão as suas proprias mãos que lhe rasgarão as entranhas, e será de seu estomago damnado, que sairá o grito funesto do seu exterminio .....

« Era bello ouvir o poeta de Florença tropejar contra a

prostituta Roma, denunciar ao mundo a corrupção e os crimes dos pontifices do Tibre, e comer no desterro um pão cívado de lagrimas, e esmolado por estranhos.

« Era bello quando nós, assentados sobre os gelos do Norte, saudavamos do desterro a terra que nos deu o berço, e vínhamos fracos pelo numero, mas fortes de coração, lançar nossa espada na balança da Providencia, onde a tyrannia tinha tambem lançado a sua .....

« Que foi o que fizeste assassinando as esperanças da salvação publica, derrubando morto em terra o costume sancto da patria?.....

« Não! Lá se levantam os nossos e vossos filhos, para quem preparais berço de miseria, vida de amargura, e morte de desesperação.....

« A cubiça do mando e do ouro é o vosso amor da patria; a vossa ancia de liberdade a sede de tyrannia .....

« E por isso os nomes que dalli saíram foram nomes opprobriosos, ou desconhecidos e como estranhos no meio de nós.

« Um erro trouxe outro erro, e o punhal passou da praça para o templo, e houve abi mysterios das trevas, mysterios de perversidade .....

« Não desvairado! — dá-te de ti proprio! — Sabes acaso a quem os homens das trevas prezem vender teus dias, e os dias de teu filho e neto?..... »

« Não desvairado! — dá-te de ti proprio! — Sabes acaso a quem os homens das trevas prezem vender teus dias, e os dias de teu filho e neto?..... »

em perto também a historia que vem o possa dirigir ao  
tal dos proprios filhos?... Eis o que temo; eis a razão  
bem porque escrevo.

ova não era a realisação deste meu temor desde que notar-  
que já anteriormente outro a vaticinou, por este modo:

.....

« Desses teus filhos valentes,  
Que tanta gloria colhêrão,  
N'estes dias pavorosos  
Outros bastardos nascêrão.

.....

Mas não são os repelões  
D'inflammados mineraes,  
Que as sepulturas vos abrem,  
São os vossos naturaes.

.....

Hoje teus filhos bastardos  
Uns aos outros se degollão;  
E a seus caprichos vaidosos  
Seus proprios irmãos immolão <sup>34</sup>. »

vós, que tendes o poder de limitar males tantos, açã-  
ai vossos ferros se os manejares, ou purificaí vossos ani-  
e podêres intellectuaes no limpido regato do dever, e  
de-vos em campo contra o valor fatidico de palavras  
s, para que não prosigam em sua realidade! Ou então o

---

*O moribundo cysne do Voya* do sr. F. Joaquim Bingre. Porto, 1850.  
cinio, pags. 19, 20 e 21.

solo que vos propinou os primeiros alentos da existencia e do amor; que vos forneceu apoio ao suave embalo dos primeiros dias; que vos supportou os vagidos da primeira infancia; que vos forneceu os primeiros elementos ideaes, ferindo os vossos tenros sentidos — a verde e macia alfombra do pousio que supportava o vosso corpinho bolicoso, varzea entrecortada de cor'gos que deleitavam os orgãos de vossa tenra visão, o diluivel favo que regava obediente os vossos orgãos gustativos, as inimitaveis particulas odoriferas que feriam os vossos delicados orgãos olfativos advindas dos infinitos combros que circumdam as veigas, o especifico e perenne gorgoeio de milhares de animaes aligeros que vagueavam em torno á vossa innocencia ferindo doce e harmoniosamente os vossos orgãos de audição —; o solo que vos susteve nos primitivos e vacillantes passos, certificando-vos da firmeza locomotora; que vos apresentou os primeiros instrumentos para os jogos infantis; que vos forneceu ambito, brandos meios, maternos cuidados e carinhoso abrigo paternal e fraterno e amigo para os primeiros avanços discernidores; que vos prodigalisou ether, luz, corpo, alma, coração, vida, crença, esperança, aspirações, lar domestico, familia, patria, liberdade..... : succumbe ao peso colosso do vosso desprezo, á inexorabilidade das leis sentenciosas do livro dos livros, ao escarneo e menosprezo dos estranhos, á terrivel oppressão da vergonha!

Nem vos pareça que vai aqui um acoroçoamento a que atireis um repto violento aos contrabandistas de vossos direitos naturaes, ou conselho para uma procrastinação odienta

a quem o practica; não, apenas o conselho que vai aqui é o conselho prudente e proveitoso de reserva, afim que não cresçam nem mesmo desabrochem futuros desgostos para vossos quatrinetos.

Quando vier á luz o embryão secular de 1980, oxalá possam os porvindouros, em quem circule nas veias ainda o vosso sangue, dizer affouta e desaffrontadamente aos seus co-irmãos:

— Levantai, erguei a fronte que nenhum estigma opprobrioso, irmãos pela patria, vos afeia por herança; e se leves sombras annuivam o vosso semblante não são porvindouras de maculas que manchassem o *conjuncto* dos corações de vossos antepassados, porém da leviandade activa e fraqueza d'alma dos *poucos* que fazem o numero limitadissimo de uma excepção: estes estão para o todo, como a correnteza de um veranico está para as enchentes do oceano. Commemorai livremente o merito do irmão distincto, já commemorado em épochas idas, sem receio que a historia prévia apresente deturpações ao vosso acto que vos magdem. Se algum delles, dos passados, peccou, foi mais effeito da fraqueza ou da vaidade do que effeito do coração; e essa fraqueza, por enchentes de probabilidades, tem raizes na educação e no conglobulo circulante da convivencia do seu tempo.—

Não vos arreméso á face a necessidade imperiosa do esmerado cultivo intellectual para ferir convenientemente o alcance das minhas proposições; apenas exijo o bom-senso em baixo quilate, o criterio constituido pela formula geral,

e um amor patrio expurgado de impurezas. Com estes elementos sois tanto como um sabio em relação ao objecto a que me reporto.

Os arlequins da imaginação, os automatos do letradismo, e os palhaços das conveniencias fundem-se em corpo informe, como por magia, pela faisca da realidade, tal qual um monte de metaes o é pela electrica vomitada das nuvens. Em face a vós apresenta-se um acontecimento importante, que reclama, além dos vossos brios, a mais cuidadosa attenção, não tanto pelo que apresenta actualmente, mas porque pôde affectar os vossos porvindouros :

« Ha na vida dos povos alguns momentos em que é honra e proveito o trabalharem todos os cidadãos na redempção da patria commum...

Sem criterio moral não terá o paiz o sentimento de seus direitos e de sua responsabilidade.

Estão diante de vós tres estradas distinctas:...

O passado, o presente, o futuro.

A saudade, a prudencia, a theoria.

Nos extremos : a tradição e o mysterio. No centro o facto.

Tractai do facto que é agora o mais urgente.

Facto que representa oito seculos de independencia e alguns annos de liberdade. » <sup>35</sup>.

Eis a traducção perfeita do meu pensamento. Não é só o supra-citado, ha mais razões que nos conduzem ao mesmo fim :

---

<sup>35</sup> *Verdades amargas*. Estudo politico por Claudio J. Nunes. Lisboa 1870.

---

« ... ha uma intriga poderosa que urde nas trevas a sorte que muitas nacionalidades pequenas têm tido nos ultimos tempos.

Quem sobre tudo mais concorre para fortalecer essa intriga somos nós mesmos...

Somos prodigos ;

Presumpçosos e desordeiros...

Temos ainda para maior desgraça agentes activos entre os nossos proprios irmãos, filhos desta terra que animam á conquista o estrangeiro ;

Varios dementes a suscitar e levantar todas as ruins paixões para especularem com ellas;...

Nem colonias ;...

A crise é grave. Não é só crise financeira ou economica ; é crise nacional. <sup>36</sup> »

Aqui temos a ultima palavra a respeito de assumptos graves da patria minha, ou antes a penultima, porque outro depois disse :

« Se o governo em vez de mandar imprimir resmas innumeradas de papel em órgãos officiaes, relatorios e outras cousas que se gastam em embrulhos de mercearia, comprehendesse a necessidade de fortificar o sentimento nacional, tornando accessivel á nação os monumentos do seu passado-historico, com certeza não cairiamos neste profundo marasmo que se revela pela esterilidade scientifica, pelo pedantismo littera-

---

<sup>36</sup> *Hoje*, por J. G. de Barros e Cunha. 2ª edição. Lisboa, 1868, pag. 8 e 9,

rio, pela dissolução e indiferença politica, emfim, por esta desagregação de um corpo a que lhe foge a vida <sup>37</sup>.

O povo portuguez não tem festas nacionaes; ficou com a tristeza sepulchral do catholicismo da idade media; tem a desconfiança que lhe deixou o despotismo e o assombro estúpido causado pelas fogueiras do Santo Officio. Uma nação que não tem festas é porque se esqueceu das suas tradições; sem tradições não ha unidade moral para completar a unidade politica do territorio. Um leve abalo a desmorona e a acção do tempo por si a dissolve. A unica alegria que o povo ainda mostra é nos insultos com que certas localidades se apodam e principalmente .....

Em Portugal, todas as festas populares foram desnaturadas pelo obscurantismo ecclesiastico, e chegaram a desaparecer, porque .....

O povo portuguez, o pobre *mosarabe*, não sabe que o desnaturaram; tem aceitado até hoje o dominio d'aquelles que lhe inocularam o virus da sua degradação. Chegou-lhe já a sua hora de desconfiança; falta ainda o momento da critica <sup>38</sup>. »

Mas ainda que o desfallecimento faça rebanho por todos os do governo, creio que em relação a todos vós, povo ou subditos, não acompanhareis a logica da velha cantiga:

« Per como achamos na santa escriptura  
« o anti-christo ora seerá na terra

---

<sup>37</sup> *Cancioneiro portuguez da Vaticana*. Edição critica restituída de Halle por Th. Braga. Lisboa, 1878. O que vale a iniciativa individual, pag. VIII, fim.

<sup>38</sup> *Portugal no presente*, por Th. Braga. Lisboa, 1876.

---

« cá se non guarda tregua nem postura,  
« et cá parte vejo a volver guerra ,  
« et fazer mal com mengua de justiça  
« et na gent' é tam grande a cobiça  
« que nom ha bon conselho nem mesura. » <sup>39</sup>

Nem pelo pensamento faço *em geral* tão feia ideia do character portuguez, alimentando, não obstante, a magoa de a poder applicar afoutamente *ao particular*. Ora, como estes claudicantes são em numero minguado, ainda que sejam irmãos pela terra natal, podem aquelles levar de vencida sem esforço super-humano os ultimos contra os seus desvios patrios.

« Emfim o pobre povo não tendo confiança em nenhum dos seus administradores deve ter confiança na sua força, no seu poder e na sua vontade. Do povo depende tudo e se elle quizer em breve deixará de existir a *Idade dos Escandalos*.

O author não quer tomar sobre si a responsabilidade de convidar o povo a uma revolta, mas exige em nome da dignidade nacional que elle seja cauteloso, prudente, energico e que saiba fazer respeitar os seus direitos de liberdade velando pela sua segurança e a da sua propriedade. » <sup>40</sup>

Tendo por base-mestra os argumentos e demonstrações que precedem, as quaes poderiam ser multiplicadas, se a ne-

---

<sup>39</sup> *Cuncioneiro da Vaticana*, op. cit. Alvaro Gomes, jogar de Sarria, fez esta cantiga a Martin Moxa. Pag. 89, cantiga 471.

<sup>40</sup> *Portugal vai á vela, ou apontamentos historicos da idade dos escandalos*, por Zebedeo da E. Coelho. Lisboa, 1860, pag. 45.

cessidade deste escripto não urgisse ; sendo, além disso, movido pelos recursos que dispensais para o engrandecimento autonomico-historico-moral da minha e vossa patria : é que vos supplico, ó conterraneos incorruptos, o valioso concurso para me ajudardes a sustentar com todas as potencias vitaes e phoneticas que : o convite do illustrado e erudito sr. (dr.) Joaquim Nabuco, e a sua aceitação como orador official, no tricentenario de Camões no Rio de Janeiro, promovido por portuguezes, é incompativel formalmente, encarado sob todos os pontos de vista !

Mas se não for possivel levar a effeito, e impolluidos de qualquer baixeza, estes elementos constituidores da historia futura, em relação ao vosso patriotismo ; se julgarem que é deshonra propria pugnar sãmente pelo engrandecimento presente e futuro dos lares nataes ; se julgarem apocryphos, inadmissiveis, inapplicaveis, neste duvidoso estado de reacção, os sentimentos de dignidade nacional ; « se não é possivel sermos justos, fortes, nobres, intelligentes, senão deixando cair nos abysmos da historia essa coisa a que se chamou *nação portugueza*, caia a nação, mas sejamos aquillo para que nos criou a natureza, sejamos intelligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portuguezes. Uma nação moribunda é uma coisa poetica : infelizmente a melhor poesia, em politica, não passa de uma politica mediocre. Chorar, recordar-se, ou ameaçar em sonoros versos, póde ser extremamente sentimental : mas não adianta uma polegada os nossos negocios... Eu por mim, poudo de parte toda a poesia e a sentimentalidade, conten-

---

tar-me-hei de affirmar aos patriotas portuguezes esta verdade de simples bom senso: que nas nossas actuaes circumstancias o unico acto possivel e logico de verdadeiro patriotismo consiste em renegar a patria » <sup>41</sup>, ou, acrescentarei eu tambem : suppor-se que não se existe, desde que sejam impracticaveis ou tomados por absurdos os predicados que acima apontei.

---

<sup>41</sup> *O povo e a revolução*, por Anthero do Quental. Lisboa 1876.

---

## CAPITULO IV

### DA INSUFFICIENCIA (RELATIVA)

E' uma illusão querer sustentar o equilibrio, quando o braço não tenha força para sustentar a balança.

(DARU.)

A natureza tem querido que as illusões tanto sejam dos sabios como dos ineptos, isto a fim de que os primeiros não fossem desgraçadissimos por causa de saberem muito.

(CHAMFORT.)

Quando tratei da *incongruencia*, tive occasião de me referir, mais ou menos directamente, aos *Lusiadas* do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco (v. pag. 62, § 1º e seguintes), havendo eu por empenho especial mostrar que não fôra elle movido na sua publicação pelo impulso de instruir os leitores, mas unicamente levado pelo desejo de author de alguma obra, que visse a luz da publicidade, por meio da qual o seu respeitavel nome se tornasse mais conhecido e saudado.

Julgo que naquelles meus dizeres não tirei a justiça fóra do couce, como se poderá verificar das proprias palavras do mesmo illustrado author, nem cerrei as portas aos direitos que me assistem de poder, mais detidamente, fazer algumas considerações concernentes ao mesmo objecto.

Eu direi, como o meu compatricio e illustrado critico M. F. Ribeiro, antes de proseguir:

« Não se deprehenda, porém (e fazemos esta observação

---

porque sabemos a má vontade de muitos) que pretendemos alardear de sabios. Não; queremos comprovar a nossa lealdade, o nosso patriotismo e ao mesmo tempo demonstrar a razão de ser do presente trabalho.....

Julgue-nos a imparcialidade d'aquelles que nos lerem; censure-nos a inclemencia dos que poderem demonstrar que erramos; accuse-nos o patriotismo de todos os que, na franqueza e lealdade do nosso procedimento, encontrarem uma razão plausivel com que possam esmagar-nos <sup>42</sup>. »

Impando de audaciosa alegria apontava a setta dos meus designios ao alvo indicado, se não tivesse como certo que o tributo da imperfeição humana é de igual quilate ao tributo que se tem de pagar á morte: se eu o fizesse, sem esta advertencia, era o caso de se dizer que pretendia aclarar um peccado com outro ainda maior, ou que, justificando uma falta, concorria para a provocação de uma futura ainda de muito maior alcance. Por isso, longe de me arrogar as doutrinas do optimismo, dignas de inscripções lapídeas dos *analyticos* e dos criticos, colloco-me no posto que me compete pela sorte do *commum*, do *simples* e do *facil*, d'onde se não póde deduzir nem os raptos da admiração, nem os do gosto, e muito menos os da novidade.

Ruminando no silencio do meu gabinete estes preceitos, de intima convicção me aconselho ficar envolto nas orlas do

---

<sup>42</sup> *As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto, estudo critico e documentado*, por Manoel Ferreira Ribeiro. Lisboa 1880.—Considerações geraes, pag. 31.

silencio, mas quando tenciono e procuro anichar-me no sitio mencionado, a respeitosa voz do dever e o abalo do seu ferro braço estremecem-me, sem treguas até mover-me, o espirito e a materia. Vê-se, pois, que não sou eu o culpado deste meu ensaio critico, sem visos de audacioso, é necessario dizel-o, mas sou um simples factor de impulso extranho. Da minha fraqueza, lançai ao menos ametade da culpa sobre aquelle que devia por justos motivos supportal-a por inteiro.

Se é costume dizer-se « que nada ha tão forte como a necessidade, tão rapido como o espirito, nem tão difficil como vencer-se um homem a si mesmo » <sup>43</sup>, confesso que o ultimo quisito não se pôde nem deve applicar a mim, e neste caso especialmente por todos os motivos .

Deve-se dar a justiça a quem a tem : a provocação principal a dar a lume o 4º capitulo deste meu tosco trabalho, vem de transluzir, atravez dos dizeres dos que convidaram o exm. sr. (dr.) Joaquim Nabuco, um ligeiro raio de crença de que s. ex. *era o unico habilitado aqui*, em o Rio de Janeiro, *para fazer o panegyrico* no tricentenario de Camões. Eu acredito que o possa ser, e mesmo que o seja; porém de modo algum se pôde deprehender o que avançaram pelo que até hoje deu á estampa o mesmo exm. sr. em referencia especifica a objecto camoniano. E' o que tende a provar este 4º capitulo, provando ao mesmo tempo que a amizade de muitos é cega, e inconveniente algumas occasiões no gráo de merecimento distribuido ao amigo.

---

<sup>43</sup> *Balança intellectual*. Lisboa 1752, pag. 122 .

---

Penso eu: amigos desses antes nunca os ter, porque são antes amotinadores do nosso bem-estar, da nossa dignidade e da nossa conveniencia em geral.

Se derem credito a estas minhas palavras, elle servirá ao menos de lenitivo á magoa que me acompanha neste assumpto.

»

Lendo-se com attenção o livro *Camões e os Lustadas* do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, destacam-se derepente algumas irreflexões, filhas legítimas de uma idade verde; nelle se descobre que, a par da sinceridade da juventude, anda saltitando e risonha a sua inseparavel companheira naquellas epochas—a ostentação, ou para melhor dizermos a vaidade—. Ora bem; é necessario avisar que, este meu termo, nem pelo pensamento se dirige a outro ponto que não seja em referencia a *um arrogo litterario* exagerado a si proprio, e que de modo algum se deve tomar por neutralizado pelas expressões sinceras e mesmo de uma ingenuidade classica ou infantil, antes estas mais tornam salientes aquellas: semelham-se, no contraste, a lindas innocentes em jogos de sua idade candida, misturadas ou secundadas em seus folguedos por amestrados e encobertos facinoras custosamente arreados.

Algumas destas manifestações contradictorias e coarctadas dividem-se em dois grupos ou classes, e cada uma destas em dois generos, e estes em especies, que vem a ser: contradicções e faltas de alta importancia, contradicções e faltas de baixo valor; contradicções e faltas claras, contradicções e

faltas occultas ; peccando todas por vicio de uma elevada e descomedida erudição, por falta de elementos fornecidos pela applicação relativa ao assumpto, por um estylo empolado, por citações e explanações desnecessarias, por instabilidade nos enunciados, etc., etc.

Não é possível, nem é de meu proposito trazer á estampa, e criticar por inteiro, o livro do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco, a que me refiro ; mas é de meu dever fornecer aos incredulos ou aos estudiosos bases primordiaes, ou dar fontes em que possam com facilidade encontrar a verdade das proposições a que ora avancei, tendo por fim mostrar a verdade segundo a sua justeza.

Para esse alcance, darei duas fontes por demais torrenciosas para os que julgarem morrer de sêde justificadora. Uma dellas vai-se achar directamente, sem outro auxilio, no proprio livro do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco ; a outra poder-se-ha usufruir n'um escripto do sr. dr. Th. Braga, em referencia ao mesmo livro, escripto que já foi por mim citado á pagina 65.

No livro *Camões e os Lusíadas* encontramos proposições timoratas, transitorias, frivolas, chimericas, dependentes, rachiticas, pobres, variantes ou instaveis a respeito da *ideia do poema « os Lusíadas »*. ás paginas 80, 81, 104, 107, 108, 113, 121, 123, e outras ;

No livro encontram-se proposições contradictorias a respeito *do amor de Camões* ás paginas 47, 49, 80, 111, 112, e outras ;

No livro encontram-se proposições tímidas, crescentes e

incompletas a respeito do alcance scientifico de Camões ás paginas 80, 81, 87, 104, e outras.

Emfim são dignas de nota muitas proposições contradictorias, com carencia de prova, deturpadas, inscientes, claudicantes, arrojadas... como exemplo passageiro, verifique-se ás paginas 16, 24, 53, 70, 71, 111.

Nesta vacilancia de emittir com clareza uma proposição, descobre-se, entre a penumbra de um estylo poetico-empoadado, que o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco tinha bons desejos de dizer uma cousa grande e verdadeira, mas por fraqueza, inherentè ao genero humano, e por influencia de não tratar de um assumpto que tocasse e guiasse as augustas tendencias do nobre coração de s. sx., *foi somenos em as apreciações* (e não é por isso que é criminoso de modo algum); se Camões fosse compatriota de s. ex., ainda que morto ha tresentos mil annos, um impulso momentaneo do coração de s. ex. faria dizer em uma unica proposição o conjuncto e muito mais do de todas as proposições que timoratamente avançou, e alcançava-o pela forma seguinte:—*A ideia de Camões foi congregar o grandioso e scientifico do seu tempo e manifestal-o de um modo primeiro pelos seus.*

Mas o illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco não é patricio de Camões, nem portuguez, nem me parece (e haja de perdoar-me se me engano) que seja uma individualidade scientifica completa, ou *sui generis* pelo coração, para o dizer e sentir, como o faria qualquer dos que estivessem investidos daquelles predicados; por isso, s. ex. deu tudo quanto se deve desejar que deem os que estiverem em identicas cir-

cumstancias patricias e patrioticas daquellas em que está collocado s. ex. : ainda que mil vezes menos dêsse aos manes de Luiz de Camões, eu seria o primeiro a beijar as mãos de s. ex. por tão espontanea e desinteressada dadiva.

Não é necessario cançar-me em provar a impossibilidade além da inutilidade, da confrontação aqui estampada das proposições acima indicadas, visto que facilmente se averigüam no escripto primordialmente impresso.

Avelhantado seria tudo que eu dissesse a respeito do livro em questão com referencia á parte litteraria e scientifica, em virtude de uma authoridade, de mão muito mais tente do que a minha, já o haver dito e haver dado á estampa authoridade, atalaiada em pinucro tão alto e escarpado, que é difficilimo tocal-a, e quasi aviltamento duvidar da veracidade do que observa do posto sobranceiro que occupa. E' verdade que a analyse do eminente critico, a que me reporto, é feita de passagem, ao correr da penna; mas é mais do que o sufficiente para dispensar de qualquer um, como eu, levar, em seguimento cuidadoso e impertinente, o exame folha a folha do mesmo livro.

Quanto, pois, ao escripto do sr. dr. Th. Braga, que é de quem fallo, aqui o dou, na integra, para que todos completem o juizo critico a respeito do livro *Camões e os Lusíadas*, da lavra do illustrado sr. (dr.) Joaquim Nabuco e por elle proprio dado á estampa.

E' indispensavel avisar que, n'uma especie de prefção, o sr. dr. Th. Braga refere-se ao sr. *Leoni e Oliveira Martins*,

---

a quem enfeixa no mesmo juizo critico, porque, pelas mesmas epochas, tambem tractaram do dito assumpto :

« OS NOVOS CRITICOS

de

CAMÕES

por

Theophylo Braga

(14.—CAMÕES E OS LUSIADAS, por Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Instituto artistico, 1872, 1 vol, 286—VIII pag.)

E' ocioso fallar na importancia historica e litteraria de Camões, para explicar o prurido de publicações que no corrente anno de 1872 teem apparecido sobre este creador da epopéa da civilisação moderna; o facto d'essa effervescencia, que em nada accusa a comprehensão dos problemas que envolvem a vida e acção do poeta, é um reflexo tardio da direcção critica produzida por Magnin, Quinet e Humboldt, que ensinaram a ver em Camões mais do que um poeta sentimental — uma synthese da nacionalidade portugueza, um dos representantes mais caracteristicos da humanidade. Esses livros que aspiram a seguir estes altos principios, revelam o mesmo gráo de consciencia que tinha no seculo passado José Agostinho de Macedo quando parodiava as idéas de Voltaire sobre os *Lusiadas*; estes dous extremos tocam-se, um como detractor acintoso e perfido, incapaz de vêr a verdade eloquente do sentimento e da historia, o outro como encomiastico exaltado, sempre em admiração, invocando a rhetorica ou a esthetica, para acobertar com estas palavras

a falta de processos scientificos. N'este caso estãõ os tres livros ultimamente publicados. Satisfazem por ventura á necessidade de quem estuda e quer saber? Não. E' o que provaremos no decurso d'este exame.

Ao abrir-se um livro moderno sobre Camões, procura-se conhecer o estado das questões e dos processos empregados desde o seculo XVII até hoje para descobrir os factos historicos da sua vida; saber como as datas se foram rectificando, como as suas relações com a vida historica do seculo XVI se provam pelos versos autobiographicos, como se deduz d'isto tudo as condições e o meio em que viveu e sentiu; vêr apontadas as formosas tradições que bordaram este grande nome com uma aureola homérica; se o auctor consultou os Nobiliarios para conhecer os individuos com quem teve intimidade; se aproveitou as rubricas, desprezadas pelos modernos editores, para entender as allusões historicas, que dão o sentido da composição; além d'isto, se deduziu depois de uma forte leitura dos versos de Camões, qual o seu caracter pessoal, tão diverso d'esse typo chateaubrianesco, representado convencionalmente nas estatuas, nos dramas, nas odes lyricas; se examinou o quadro geral das sciencias e da educação publica no seculo XVI, para conhecer como]foi levado pela corrente litteraria da Renascença ou como lhe imprimiu uma direcção nova; finalmente se determinou o grupo de poetas que seguiram a influencia de Camões, e por elles formou uma idéa do modo como este vulto foi comprehendido. Deve-se esperar tambem do auctor que historicie as phases por que passou a critica camoniana, desde os

---

canones quintilianescos de Soropita e Manuel Pires até ás vistas syntheticas e positivas de Humboldt. Nada d'isto se encontra nos livros dos snrs. Nabuco, Leoni e Martins. Então de que estão cheias todas essas paginas ? De admirações, de homenagens patrioticas, o que não é pouco. Este estado de espirito não se dá só com os que lêem Camões; temos um facto analogo com o que acontece nos escriptores de viagens á Italia. Stendhal, que viveu a melhor parte dos seus annos frequentando as galerias italianas e a bôa sociedade dos artistas e grandes-senhores, leu quasi todas as viagens que se escreveram ácerca da Italia, para reconstruir pelas impressões dos outros as suas proprias emoções e ver o que ellas tinham de verdade: concluiu que muito poucas eram as que tinham merecimento e que descrevessem as impressões directas dos monumentos e das maravilhas de arte. Quasi todos os viajantes que ahí chegam levam a imaginação persuadida de que só vão vêr cousas bellas; ante ellas, receiam mostrar-se inferiores não sabendo admirar, e em vez de observar com serenidade, de aprender e vêr, de seguir as impressões francas do seu estudo, violentam-se a dar phrases de transporte, de lyrismo laudatorio, de effusão artistica, e retiram-se sem ter visto mais que com os olhos do corpo, e sem terem comprehendido esse tropel de maravilhas que lhes esmagou a curiosidade. E' o que está acontecendo actualmente com Camões; já se não discute se é um grande espirito, já se assentou que elle attingiu o bello, já passa em julgado que é o mytho de uma nacionalidade; sustentaram tudo isto os maiores sabios

da Europa, que resta pois a fazer a qualquer leitor mediocre, que pretenda mostrar que tambem comprehende Camões? Resta simplesmente o embasbacar, dar phrases, interjeições, meios unicos que as impressões convencionaes têm para se revelarem. Os livros dos snrs. Nabuco, Leoni e Martins não serão os ultimos documentos admirativos; não se chega aos processos scientificos de um salto. Tomemos cada um isoladamente.

Para o snr. Nabuco, os *Lusiadas* são a *pyramide do espirito humano*, a obra prima da litteratura portugueza, e outros muitissimos epithetos, A razão d'este estylo emphatico, dá-o o auctor n'estas declarações: « Se publico *estas notas escriptas no espago de quatro mezes* e não as guardo cuidadosamente longos annos, é porque quero dar sempre e sinceramente os fructos de minha idade. Estas impressões são de uma mocidade ainda verde; etc. » (p. 16). E declara tambem que não estudou os subsidios indispensaveis para dirigir as impressões pessoaes: « o estudo litterario fil-o unicamente com os *Lusiadas*, desconhecendo quasi tudo que sobre elles se tem publicado... Como um mergulhador, que no fundo do oceano não precisa de ler o que sobre elle se escreveu para sentir-se deslumbrado por tantas riquezas e por tão novos quadros, assim *não pensei que me fosse necessario o soccorro de outros para sentir e comprehender as innumerables bellezas do poema de Camões.* » (p. 10). Para ter direito de escrever impressões pessoaes é preciso ser uma individualidade completa; é isto o que dá a verdade ás Cartas do Presidente de Brosses sobre a Italia; mas acceitar imagens metaphoricas

---

em vez de razões, dirigir-se por essa falsa miragem, abandonar de proposito o trabalho scientifico e fiar-se na divagação facil que o acaso lembra, é um triste erro que torna improficuo qualquer talento. Assim, á falta de um porque, que explicasse o motivo que levou o snr. Nabuco a fazer um livro sobre Camões e os *Lusiadas*, aproveitou-se da data de 1872, em que publicou a obra, para dar-nos a explicação : « Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente á Luiz de Camões no terceiro centenario de seu poema. » (p. 17). Já se vê que o livro não foi escripto para satisfazer qualquer necessidade intellectual; foi apenas para festejar um terceiro centenario, e como tal tem o character de um fogo de vistas, ephemero, vago, perdendo-se no kaleidoscopo da phantasia. Quanto á sua parte exterior, divide-se esta obra em tres livros: *Camões antes dos Lusiadas*, os *Lusiadas* e *Velhice e morte de Camões*. Aqui pôde-se repetir a grande maxima de Girardin: a banalidade nem sempre é a expressão de uma verdade. O snr. Nabuco é banal, mas sem sahir do convencionalismo; erra, porque não estudou Camões, teve só em vista as suas impressões pessoaes. No primeiro livro falla da mocidade de Camões, e tudo se resume em dizer: «Camões, nasceu no anno de 1524; é pois elle filho do século XVI. » (p. 21.) Segue-se uma tirada, sobre a Refórma, com uma louvavel aspiração para a livre critica, mas dentro dos limites de Laurent e Duruy, e com uma abundancia de *commettimentos*, extrahidos dos relatorios officiaes do snr. Mendes Leal. Este capitulo, se o snr. Nabuco tivesse estudado, devia ser feito sobre estas bases:

apresentar-nos em um pequeno quadro a actividade das Escolas menores de Santa Cruz de Coimbra em 1527; mostrar como a principal fidalguia portugueza frequentava essas escolas; como Camõesahi foi educado sob a vigilancia de seu tio D. Bento de Camões; mostrar como as impressões recebidas n'essas escolas crearam as principaes amizades que Luiz de Camões encontrou na côrte; investigar a origem das lendas de D. Affonso Henriques, que veem nos *Lusitadas*, como foram recebidas da tradição de Santa Cruz de Coimbra; esboçar a reforma da Universidade, de D. João III, até que o ensino caiu em poder dos Jesuitas. Nada d'istoahi se encontra, mas não admira, que o snr. Visconde de Juromenha tambem achou este trabalho superior ás suas forças. (*Obras de Camões T. I, p. 18.*) Nos outros dous auctores aqui citados, tambem este questionario é letra morta e a nada respondem. O que o snr. Nabuco diz dos amores de Camões é tambem convencional; lá vem de enfada as Malvinas, as Lauras, as Beatrizes e as Leonoras. Mas nada de realidade historica: «o que não sentiu Camões por Natércia? que doces queixas contra o rigor dos seus olhos, queixas que são sempre um acto de adoração, porque sua alma devorada pelo amor, era como o incenso, que quando queima perfuma.» (p. 50). E depois d'isto ainda está no ponto de attribuir a desgraça dos amores de Camões ao Conde da Castanheira! (p. 53.) E dá a morte de Catharina de Athaide antes de Camões partir para a India. Por Deus, snr. Nabuco, ha obrigação de estar ao corrente das descobertas sobre Camões, ou então não escrever. Esta grande epocha, que vae

desde os estudos de Camões até á sua partida para a India, é das mais interessantes. O que nos diz das suas relações com a Infanta D. Maria, e com a academia de senhoras, que ella formára, e aonde Camões era lisongeadado pelas damas que lhe pediam glosas para a *Miraguarda*, de Francisco de Moraes! O snr. Juromenha falando da *Tenção de Miraguarda*, não soube explicar o que isto seria. Se nos lembrarmos, que *Miraguarda* é um dos principaes typos do *Palmetrim de Inglaterra*, dedicado á Infanta D. Maria, temos resolvido o problema. Demais, pelo Cancioneiro de Luiz Franco Correia, fl. 102, se prova, que Camões glosou outras coplas de Francisco de Moraes; n'esse livro encontramos :

*Vilancete de Francisco de Moraes*

Triste vida se me ordena,  
pois quer vossa condição  
que os males que daes por pena  
me fiquem por galardão.

Camões glosou este vilancete, e no manuscripto de Luiz Franco se encontram estas duas advertencias: «*anda nas glosas*» e «*está como no impresso.*»

A vida da côrte, n'esse tempo de erudição e elaboração poetica, de galanteios e de devoção, está retratada na *Arte de Galanteria*, que é indispensavel lêr; foi antes do desterro da côrte, que Camões foi o confidente de D. Manuel de Portugal e de D. Francisco de Aragão, e que elle se tornou um dos principaes valentões da côrte, como vemos pelas relações como o Chiado e pelo epigramma deste ao *Trinca-fortes*.

É' impossivel solver a homonymia das tres Catherinas de Athayde sem vêr o Nobiliaric inedito de D. Antonio de Lima, em fim é necessario conhecer a influencia litteraria do principe D. João, que devia succeder a D. João III, para explicar a primeira tentativa dos *Lusiadas*.

Da partida de Camões para a India, só diz o snr. Nabuco, que « Camões era uma alma que só obedecia ás nobres e poderosas attracções . » (pg. 52.) E continúa a atacar o honrado Francisco Barreto, e a fallar em desterro para Macão, e assim segue até que prorompe: « *Estamos em frente dos Lusiadas* . » Ao fallar da idea do poema, resume aquella exposição de Laveleye sobre as operas nacionaes e as eruditas, e compara os *Lusiadas* com a *Eneida* e com a acção dupla da *Illiada*.

E assim nos dilue o poema em prosa, entresachando fragmentos de estrophes, abaixo dos processos de La Harpe. Mas o snr. Nabuco não nos deu a minima idea da Renascença do seculo XVI, e por isso não pode fazer sentir mais do que as analogias materiaes dos *Lusiadas* com a *Eneida*, e muito menos poude explicar a alliança da mythologia com o sentimento christão . « As mais bellas pinturas dos *Lusiadas* são desenhadas com as côres de Homero, com um raio do Olympo . » (pg. 153.) Da origem da ficção do *Adamastor*, nada diz, escrevendo sobre isso doze paginas; destaca o II canto da epopea para consideral-o como um poema de Venus, e não conhece a idea fundamental d'estes sonhos de grandezza politica, que todas as nações sentiram na epocha da Renascença, quando adoptaram a idea da *Monarchia univer-*

sal. A mesma vista superficial sobre a *Ilha dos Amores*, *Ignez de Castro*, *Doze de Inglaterra*, em que se repete em prosa entrecortada de versos, o que Camões relata em opulentas outavas. Na ultima parte do livro, apresenta a idea nova da ida de Camões a Africa com a expedição de D. Sebastião. Mas aonde os argumentos, os factos, as provas, as auctoridades, os textos para aceitar isto? apenas a asserção vaga. O que constitue, em summa, todo o livro? Estylo guiandado, cheio de imagens poeticas do ardente lyrismo brasileiro; é um livro feito por quem estava mais apto para as odes amorosas do que para a critica da historia. Ao passo que os prelos brasileiros davam á luz este infeliz livro, apparecia em Portugal um outro não menos volumoso, com o mesmo titulo, com o mesmo espirito, trazendo menos imagens poeticas, mas egual incongruencia de factos e de processos.

(Porto, 1873) »

Desta forma julgo achar-me habilitado a dizer que está provada a insufficiencia do illustrado e erudito sr. (dr.) Joaquim Nabuco para *orador official no tricentenario de Camões na cidade do Rio de Janeiro*, promovido só pelos portuguezes.

---

.....



## CONCLUSÃO

Havendo chegado ao meu conhecimento a noticia de determinarem os portuguezes no Rio de Janeiro, promovidos pelo Gabinete Portuguez de Leitura, *festejar*, ou (como eu entendo) commemorar “ o dia do tricentenario de Luiz de Camões a 10 de junho de 1880, exultei de um indizivel prazer, que eu escondia, occultava no lugar mais intimo do meu peito com medo da profanação ; mas, ao mesmo tempo, ia levedando dentro em mim, para brindar opportunamente os iniciadores, turbilhões de reconhecimento, que não se podiam manifestar pela tinta da penna que era por demais material, nem pela voz, nem pela expressão animada : era um sentimento de gratidão incapaz de pintar-se, incapaz de dizer-se, incapaz de externar-se por qualquer meio a nosso alcance !

---

“ Já o disse á pagina 109, § 3.º e seguintes, e o torno a repetir : estou em perfeito desaccôrdo nos *termos* empregados, no *apparato* usado, na *feição divulgativa*, no *modo extranho e original de conceber o objecto do tricentenario de Camões !* Por mais que me queira convencer de que sou exquisito nesta maneira de pensar, concluo sempre que nem leves motivos tenho para o fazer,

Reclinado estava o meu espirito nos cochins deleitosos da firmeza de *um todo harmonioso do acto, de um escrupulo patriotico invejavel*, e de um *exito magistral* nessa nobre e grandiosa missão dos portuguezes d'aqui, quando a esperança viva que m'o assegurava se transformou n'uma feia, informe, gigante, inaccessivel e aferrenhada mole, onde não podia penetrar o cinzel do crível, nem a picareta da razão!

Se vos fallo desta fórma daquelle corpo substituidor á minha esperança, é porque lhe experimentei a qualidade pelos dois meios acima, porém todos os meus esforços foram

---

antes, conlucio que tenho causas poderosas para persistir nos mesmos principios, sem desfalcar o erario do bom-senso.

*O ruido, o apparatus deslumbrante, o contentamento, o chamamento á alacridade publica*, eram bem cabidos se não se tratasse de lamentar a falta de um grande homem, de um grande vulto sociologico. Nem se vá argumentar com o practicado em identicas circumstancias por outras nações civilisadas : é do nosso dever corrigir as faltas do proximo, quando impensadamente claudique, e nunca fixar-lhe os erros, practicando-os tambem.

Quereis usar convenientemente o que usais ? pois festejai-lhe o natalicio ; quereis acertadamente andar ? pois chorai-lhe a morte.

Por essa fórma, podereis ter secularmente duas manifestações camonianas de feições distinctas, de um character opposto, e de sufficiente espaço intercalado de uma á outra, para que todas as gerações possam demonstrar os signaes de affecto por Luiz de Camões, quer *festejando-lhe* o natalicio secular, quer *prestando homenagem* aos seus manes tambem, no dia secular do seu passamento.

frustraneos para o definir, e para justificar o motivo da sua apparição.

Fui mais longe: circumdei o colosso pela base, afastado a distancia prudente, ora desviando os agudos espinhos polvilhados pelo solo, ora cortando as hastes de enredadas urzes, dando sempre, quanto me era possivel, alento á minha frouxeza; e, ao cabo daquella desditosa pesquisa, pude verificar que a minha esperanza se havia sem duvida alguma convertido em uma *monstruosidade inqualificavel!*<sup>45</sup>

Alumiado aquelle objecto sobrenatural, durante muitas

---

<sup>45</sup> Consta-me, neste momento, de fonte insuspeita que a directoria do Gabinete P. de Leitura pretende *vender e por preços elevados, os cartões-de-ingresso para o seu ruidoso festival*. Se assim acontecer, é realmente, afora o absurdo, uma ridicula, mesquinha, inconcebivel e vergonhosa prova de baixeza. Pois que?... tendo as honras de promotores de uma commemoração secular e patriótica, nem ao menos as ornamentam com os miseraveis atavios do *desinteresse monetario!*? Vem a proposito dizer-se aqui a phrase vulgar: *querem fazer barretadas com os barretes estranhos ou alheios*.

Se levarem *dinheiro*, repito, pelos cartões de ingresso para o seu *festejo* do tricentenario de Camões, o que eu não acredito, então, longe de ser uma homenagem, passa a *tal festa* a ser um duplo *rendoso beneficio theatral*: renda mercantil, e renda moral — honras e dinheiro, simultaneamente!

Realmente, se assim acontecer, não ha commentarios para tamanho dilate... Entendo eu: quem não póde festejar um natalicio, ou render uma homenagem publica ou particular com os seus proprios recursos, então renuncie ao seu intento.

Eu, por mim, acredito que não passa de noticia graciosa, quero dar essa nobilitação aos promotores do tricentenario,

intermittencias, pelo brilho do astro-rei do nosso systema planetario, em nada se modificava, nem se deslocava do seu posto, nem leves indicios de desappareição, antes mostrava signaes de uma persistencia tenaz, secular, eterna.

E cada vez mais feio se tornava, e cada vez mais impressionador, e cada vez mais irritante, tanto ou mais do que deve de ser o simulacro do crime para o facinora consciente do seu delicto, como deve de ser um verdugo que está prompto a executar um inculpado !

Pelo seu conjuncto original, informe, abstruso, inqualificavel e immenso, attraheu em curto espaço de tempo a vista, a attenção e o pasmo de grande numero de pessoas de origem, de idade, de sexo e de condições differentes; umas e outras e todas desataram inopinadamente em famidolosas exprobrações, *exorcismos*, queixas, prantos, ameaças, e outras manifestações especificas á indole e capacidade de cada uma.

Transpirava, porém, daquella entidade descommunal, uma substancia vaporosa e um ichor, que apeçonhentavam quasi todos os que de perto se avisinhassem, ou que a pretendessem tangenciar ou escalar; por essa razão, manifestaram-se logo, em todos os temerarios que della se avinharam, entidades morbidas até então desconhecidas, cujo restabelecimento é duvidoso, ou se o fôr será tardio e difficil. Como eu desejava, no emtanto, estudar e achar ao mesmo tempo um instrumento que destruísse, ainda que de um modo individual, aquella aberração da natureza, substituidora da minha e de muitas esperanças, procurei indirectamente chegar ao meu fim por meio da analyse da seguinte :

## SYNTHESE SCHEMATICA

Procurei demonstrar a entidade teratologica por :	Não me move:	{	pelo premio,	}	que me justificam o exame ;		
			por folguedo,				
	Incongruencia	{	por amor patrio	{	attendendo ao nascimento,	}	
				" á familia,			
			" aos patriços,				
		pelo bom-senso,					
	por carencia de (virtuoso) amor proprio,						
	por carencia de escrupulos pescoaes,						
	por não haver caridade com os portuguezes ;						
Incompati- bilidade	{	pelo nascimento-provado pela incongruencia,	{	prejuizos,	}		
		pelas rivalidades populares		preconceitos, richas creadas e herdadas;			
		pela natureza do assumpto		{	Camões portuguez, tricentenario feito só por portuguezes, a desunião delles por causa da escolha, questões jornalisticas, desagrado quasi geral dos portuguezes ;	} que a revelam 46.	
				{	vergonha dos portuguezes		{
	pelo alcance do assumpto		{	analyses diversas geraes, juizos criticos, juizos futuros, a historia ;			
	Insufficiencia	{	(por meio de provas proprias, (por meio de provas alheias valiosas ;				
	Conclusão ;						
	A imprensa diaria :						

46 Declaro solemnemente que nenhum dos termos, empregados aqui n'um sentido figurado, tem referencia, ainda a mais ligeira, aos illustrados cavalheiros implicados neste escripto; porém todos aquelles termos traduzido para mim synonymamente o acto disconcreto dos factores que eu appellido de MAU, acto que vem a ser o da escolha e da aceitação do distincto cavalheiro para orador official no tricentenario de Camões. Nem tenho motivos para usar de tal vileza, nem é do meu character practicar acções tão miseraveis.

Não quero que me despojeis da gloria de ruminar constantemente o preceito de

Com esse intuito elaborei tudo o que dá corpo e acção a este livro, tendo para elemento *subjectivo* o acto do convite da aceitação do orador do tricentenario de Camões no Rio de Janeiro; e por elemento *objectivo* um desafogo, um DESABAFO PATRIOTICO *individual*, tendendo a *collectivo* se o amor e a defeza autonómica da patria, ou da terra natal, não é uma chimera, uma fabula transmittida de geração em geração até nós pelos antepassados.

Por enquanto julgo, segundo a liberdade de pensar que me é concedida pelo favor das leis, depois de sanguinosas lutas, que a alteração, ainda que minimissima, tendente a implantar no cidadão a indiferença para o amor, e defeza e apologia da sua terra natal, será um perigo para quem a introduzir, ou a adoptar por meio de ordenação governativa. Digo que é um perigo, porque a sociedade presentemente ainda não está preparada de modo algum para receber e fazer uso dessas prerogativas, de possibilidade e de grandeza futuras .

Educai a mocidade com essas vistas; edificai-lhe o coração virgem por exemplos valiosos; illustrai-a, tendo sempre em mira esses principios; ensinai-lhe a matar prejuizos e preconceitos— de origem, de familia, de raça, de côr, de

---

que : “ Nas contestações, e debates, he que principalmente nos devemos servir dos termos polidos ; para de algum modo compensarmos o amôr proprio daquelles a quem offendermos, quando lhes contrariamos os seus sentimentos. ”

(ARTE DE AGRADAR NA CONVERSAÇÃO. Por Mr. Prevost. Traduc. de J. V. Roiz. Porto, 1783, pag 25.)

Porque, ainda mais : “ Il est certain que les injures ne sont pas des arguments, et que la violence n'est pas un signe de force. ”

(MELANGES ET PENSEES, por E. Geruzez. Paris, 1866, pag. 189. )

sangue, de instituições demonstradamente caducas e intorpecentes, de condições, de aptidões, de empregos—; dai caça e aniquilai os viveiros multiplicados da vaidade, da soberba, da preguiça e da incuria <sup>47</sup>; cortai a cerviz ao lisongeiro, ao congratulador mercenario, ao adulator ou bajulador indecoroso <sup>48</sup>, ao azevieiro, ao temulento por vicio, ao fomentador da prodição, ao gariteiro, ao criminoso, ao ladrão, ao facinora; modelai obrigatoria, mas lentamente, a sociedade por um cadastro especial de usos e costumes, recolhendo sem distincção, d'entre todos os povos, aquelles que mais lisonseiros resultados teem fornecido ao bem-commum; suspendei a distincção e o premio pelo nascimento de familia, e remunerai sómente pelo trabalho e pelo merito adquiridos <sup>49</sup>; obzequiai a razão, dai franca hospitalidade ao bom-

---

<sup>47</sup> Hoje, é o trabalho o campo da batalha;  
a industria faz plantão, fachina e guarda;  
soldado e general, é quem trabalha;  
é mais condecorado, o que mais faz;  
é-lhe bandeira, a sciencia; a blusa, farda;  
e santo e senha, —diligencia e paz.

*As novas conquistas*, por Thomaz Ribeiro. Lisbôa, 1864, pag. 17.

<sup>48</sup> Se é emprego da Comedia desbastar pelos vicios dos homens, não sei que razão haja para haver vicios privilegiados: este da hypocrisia he de mais perigosas consequencias no Estado que todos os outros.

*Tartufo ou o hypocrita, comedia de Moliere.* trad. do capitão Manoel de Souza. Lisbôa 1768, pref., pag. X.

<sup>49</sup> Será difficil fazer comprehender a v. ex. que todos os homens são eguaes, que todos tem igual direito á vida, e que só o trabalho e a intellinencia é que os póde elevar, não para opprimir a seus semelhantes, mas sim para cada um individualmente realisar, segundo os esforços que emprega, o seu bem estar,

sense ; remunerai o merecimento ; deixai o culto ao livre arbitrio de cada um <sup>50</sup> ; semeai a liberdade, mas a liberdade

sendo util aos demais. Já vê v. ex. que não tem razão de ser os privilegios de familia.

*Liberdade de consciencia e o juramento catolico*, por J. C. Videira. Lisboa, 1878, pag. 12.

50 A religião é uma phase provisoria da actividade do espirito humano, phase que os modernos philologos consideram como uma doença da palavra (*nomen, numen*). A sua natureza provisoria descobre-se no estado de atheismo de muitos povos primitivos e nas transformações successivas das religiões que antes de serem syntheses cosmogonicas se aperfeiçoam por gradações de fetichismo, polytheismo e monotheismo. No proprio catholicismo de v. ex. temos estes tres vestigios de transformação, como o fetichismo das reliquias, o polytheismo mithriaco do sacrificio e o monotheismo do padre-eterno viciado pela trindade indiana e pelo moderno marianismo. A medida que o espirito humano procurar as explicações das cousas não na tradição clerical mas na observação da natureza, havemo-nos emancipar da crença, que nos incutiram inconscientemente e reconhecemos só um poder sobre o nosso espirito, a sciencia...

A religião nasce de um modo de ver e crêr os factos sociaes e phenomenos da natureza. Não se pôde impor para ser verdadeira ; carece de uma amplissima liberdade para se firmar e sobre tudo não deve repugnar á razão, a soberana absoluta dos nossos actos. Ora, como a intelligencia do individuo varia conforme a educação e o meio, segue-se que as noções dos phenomenos da existencia hão de diversificar de pessoa para pessoa, porque...

De toda a grande e respeitabilissima phalange de sabios que na Europa e America tratam hoje de colher elementos para se reconstituir em bases definidas e positivas a historia do homem desde a sua origem primitiva, nem um só é religioso, pelo contrario todos quantos gosam da reputação segura de eruditos, Littré, Robin, Bournuf, Lubbock, Tremeau, Hekel, Spencer,

sã <sup>51</sup> : depois de o conseguirdes, tendes o direito de pegar neste meu escripto e lançal-o ao abysmo da inutilidade, do apostatismo sociologico, da rebellião, do crime ! Porém sem o haverdes attingido, nunca o podereis fazer, porque vos é tolhida a acção pela força dos peccados supra-mencionadós .

Para que chegueis a ter leves probabilidades dessa gigante reforma capital n'um povo inteiro, é necessario começar por delinear e firmar um systema ethogenico real, apropriado e preparatorio para o ensino educativo da mocidade, implantando-lhe por essa fórma no cerebro, ainda tenro, a orientação especifica ao ponto que almejaes.

---

Buckner, Wirchow, Muller, etc. etc., nem um só, lhe affirmo, é catholico e todos atacam mais ou menos todas as religiões conhecidas...

Ib. pags. 10, 11 e 19.

La science positive n' a d' autres données que le monde qui existe ; l' expérience ne peut nous apprendre que ce qui est ; personne ne peut savoir expérimentalement ce qui était avant ce qui est. Il semble que ce soient là les termes dans lesquels doit se tenir tout savant digne de ce nom...

*Le materialisme et la science*, par E. Caro. Paris 1868, cap. VI, pag 175.

E' curiosissimo ouvir Roque Barcia, mostrando aos hespanhoes que a curia romana, a quem apóda, é a causa fundamental da guerra intestina que minava o seu paiz, onde era então deputado republicano federal ; mostrando que Pio IX era o principal motor dessa guerra ; mostrando que os representantes do culto religioso official do seu paiz são sequases da curia romana, e cumplices, por consequencia, no flagello e desgraça da Hespanha.

E a fim de que aguceis a curiosidade para a leitura dos seus escriptos violentos, especiaes, borrascosos, temerarios, aqui dou uma leve amostra do seu fologo em taes assumptos :

Depois de alcançado esse primeiro e grande empenho, tendes a mocidade preparada e robusta, não só para emprender qualquer grandiosa missão de que se incumba por si, mas também de que seja encarregada por outrem.

E' então chegado o momento de lhe fazer comprehender e verificar o concurso, mais do que extraordinario e maravilhoso que nos é fornecido, como que de um modo indirecto, por algumas sciencias de pura investigação cosmogonica, cosmographica e cosmologica, com o fim de derrubar de posto altaneiro, ou de cercear pela base quasi todas as

---

Vuelvo á decirlo: en tanto que la cristiandad no conozca al Papa y á su curia, tendremos disciplinas, azotes, cilicios, rosarios, faroles, maitines, rogativas, tinieblas, rezos, cantos, campanas, letanias, bulas, breves, encíclicas, pastorales, concordatos, círculos de Minerva, confradías de Paul, vigili-  
lias, cruces, santos, cristos, vírgenes ángeles, arcángeles, querubines, y serafines y potestades; pero viviremos sin ley, sin moral, sin derecho, sin patria, sin Christo, sin Dios.

Mucho hablar de Dios; pero no hay Dios...

Mucho hablar de Cristo, pero no hay Cristo.

¿Sabeis lo que pasa en Europa, lo que pasa en toda la tierra?; Oídme! Luchar por el carlismo es luchar por la nada. ¿Sabeis qué representaria á un Cárlos VII en nuestro país? Representaria á un Don Miguel en Portugal, á un Enrique en Francia, á los Estuardos en Escocia; á un Hildebrando en la Roinania, á un Lotario en toda Alemania, á un Francisco II en Nápoles, al Austria en Milan y Venecia, al feudalismo ducal en el Piemonte y en Toscana, al desgraciado Maximiliano en Méjico, á Espana en todo el Sud de América, á un gobernador de la vieja Bretaná en la inmensa República del Norte americano. ¿Creeis posible ese transtorno

impertinentes e oppressivas ordenações implantadas no espirito humano pela metaphysica <sup>52</sup>, pela theologia, pelo empirismo caviloso das sciencias occultas — a necromancia, a magia, a astromancia —, e mil outras phantasias oriundas daquelles mesmos mananciaes que engrossaram os caudalosos rios da famigerada mythologia!...

universal? ¿ Creeis possible ese retroceso de quinientos millones de criaturas? ¿ Creeis posible esa abdicacion de la historia?...

Pues, Santísimo Padre, si Jesús está con sus apóstoles hasta la consumacion de los siglos; si vive siempre en el espíritu de la Revelacion, ¿ para qué un representante de Jesús?

Si está la realidad ¿ para qué la figura?

Si está el original ¿ para qué la copia?

Si está Jesús, ¿ para qué Pedro, ni Lino, ni el Papa?...

#### PERVERSION DE LAS COSTUMBRES

Ya que tanto se habala de la relajacion de la *honestidad*, de la perversion de la moral pública y privada, del bastardeamiento de las costumbres y de las *infames concupiscencias*, veamos lo que sucedia (poco mas ó menos) en un arzobispado de la curia romana: en el arzobispado de Lyon:

#### *Mujeres adúlteras.*

De los obispos.....	468
De los canónigos.....	750
De los capellanes.....	160
De los societarios.....	600
De los curas.....	17.000
De los vicarios.....	24.700
De los monacales.....	13.000
De los caballeros de Malta.....	12.120
TOTAL.....	68.798

*Otro emplazamiento papal, segunda parte de el papal ante Jesucristo*  
por Roque Barcia, Madrid, 1870, pags., 5, 8, 36 e 95.

Fazer-lhe vêr e experimentar até á clareza ou até á profunda convicção, que é aesombroso, na verdade, o manancial de riquezas do bem-estar physico, moral e intellectual da humanidade, quando explorado pelos preciosos e precisos instrumentos fornecidos pela mathematica, abraçada fraternalmente com a physica e a mechanica. Patentear-lhe que o homem, favorecido pelo auxilio dos seus productos especulativos, os quaes se buscam pela alavanca fundamental da microscopia e da telescopia, corrige as vacilancias, as incertezas, os erros dos sentidos, e quasi profunda as leis que regem o maximo e o minimo!... Enraizar-lhe na mente que é d'alli que surgem florescentes todas

---

<sup>51</sup> A peor liberdade que ha no mundo é a liberdade do erro, em que cada um vive segundo a sua fantasia.

*Florilegio*, por J. Rodrigues Tocha. Lisboa, 1852, pag. 36.

<sup>52</sup> Os velhos mythos theologicos são hoje estudados comparativamente, e a sciencia deriva d'elles as vastas concepções poeticas dos cantos hymnicos, da degeneração epica, dos contos populares, e do rito cultural que levou ao drama hierático; por seu lado a Metaphysica ao tornar-se incompativel com o progresso das sciencias, dissolve-se em uma exuberante poesia, como as concepções de Schelling, de Hegel ou de Schopenauer, que inconscientemente se encontram em intimas analogias com as phantasmagorias das escholas brahmánicas e budhicas. Em vez de ter pretenções a systema de synthese deductiva, a aspiração metaphysica só deixará de ser uma manifestação doentiva, tornando-se francamente Poesia. Só assim realisaré um grande destino, servir de expressão ás mil aspirações indefinidas da nossa individualidade social.

*Parnaso Portuquez moderno*, por Th. Braga. Lisboa 1877, pag. VII e VIII.

---

as sciencias quer especulativas, quer basicas e outras com dependencia adstricta : surgem revolucionarias a anatomia, a geometria, a physiologia, a botanica, a chimica, a astronomia, a geologia, a archeologia, a geographia... Fazer-lhe ver que sómente das faiscas de verdade, desprendidas de cada uma destas sciencias em particular, mas convergindo todas para um fóco unico, é que se vai pouco a pouco formando o immenso e brilhante pharol, a univisual, incomensuravel e ustoriosa pyra, irradiando a luz do *positivo*, do *verdadeiro*, do *inconcusso*, do *real*!!!

Fazer-lhe notar que ao conjuncto synthetico, apresentado pelas leis de todas as sciencias especulativas e basicas, é ao que se deve dar o nome de *positivismo*, cujo agrupamento, e elaboração deductiva e applicada, se faz por intermedio philosophico. Fazer convencer que é necessario um elevado numero de conhecimentos para adornar aquelle que tiver o grandioso intento de querer adquirir um lugar honroso no grave recinto dos philosophos positivistas : para attingil-o, é de indeclinavel necessidade, pois, dizer-lhe que são a educação preparatoria ou a orientação, o trabalho, a persistencia e o talento, unicos apoios que levam invariavelmente o homem áquelle invejado e sublime posto...

Que é em razão dos quisitos solicitados acima que muitos contemporaneos nossos são indifferentes ou adversos ás leis emanantes, de um character intususceptivo, e ornamentarias, da *phylosophia positiva*, porque não lhe alcançam a fonte ; e não lh'a alcançam pelo simples motivo de serem ou ociosos, ou hypocritas, ou rotineiros, ou de fraca potencia intel-

lectual; eis a razão também por que os representantes daquella são em tão limitado numero e alguns pouco sufficientes para lhe sustentar a autonomia; eis a razão, afinal, porque ella é tão lenta em sua marcha, se nós tivermos em linha de conta a lenta evolução que lhe fornecem os estudiosos e os de talento, tendo em vista ainda o descoroçoamento que invade a meio caminho da jornada os mais valentes sabios.

Porém, não deveis esquecer de lhe dizer que é difficil e espinhoso aos homens o ascesso até á relativa perfectibilidade, mas que depois de alcançado, é daquelles que o alcançam que se formam as genuinas individualidades, que pelo correr do tempo se convertem em mythos, em symbolos cheios de veneração, que quasi se podem confundir com o principio creador cosmogonico, porque quasi palpam o principio do bello ideal, do grandioso, do sublime!...

E' preciso dar-lhe exemplos, pela bitola do que vos vou apresentar :

O mathematico-astronomo, munido das leis e dos instrumentos e exercendo o seu mister, quasi parece mais um *deus* do que um homem, quando pelo calculo preciso dispõe, quando determina o movimento invariavel e quando harmonisa cosmologicamente, sem outro auxilio além do da sciencia, o mundo em que habita e, n'um ambito de raio geocentrico, desde Mercurio a Leverrier, desde o sol á ultima das 93 constellações, desde a ultima destas até á quasi invisivel Nebulosa, desde esta até aos mundos fluctuantes que a circumdam, gravitando em orbitas circumscriptas lá, pela

immensidade da abobada etherea, até... até se perderem nos terminos do infinito !...

Vem a pello nesta occasião provar-lhe que o vigor das leis positivas vibra a mais fina e tensa corda da razão; que faz estremecer os pilares franzinos de *alvenaria* em que repousam as columnas que sustentam as abobadas dos *falsos templos religiosos e scientificos* <sup>53</sup>; e que é por essa razão

---

<sup>53</sup> Permitti que apresente um exemplo unico :

O sr. Lyell, firmado nas experiencias do dr. Riddle, procurou achar a idade do delta do Mississipi e

“... Sir Charles Lyell considère encore 1 00 000 ans comme une estimation très-moderée, et il pense que “l’alluvium de la Somme, qui contient des instruments de silex et les débris du mammouth et de l’hyène, n’est pas moins ancien”.

*L’homme avant l’histoire*, par Sir John Lubbock F. R. S., 1867, pag. 325.

Da mesma sorte procurando a idade formadora e a destruição das massas de greda

“... On a calculé qu’une falaise haute de 500 pieds diminue d’un pouce à peu près par siècle. Ceci peut sembler fort lent; mais il faut se rappeler que sur quelque ligne de côtes que ce soit, il y a comparativement peu de points qui soient attaqués à la fois, et que même alors qu’une falaise s’est écroulée, les débris protègent la côte jusqu’à ce qu’ils aient été enlevés par les vagues. La vallée de Wealden a 22 000 milles de largeur, et l’on a calculé que la dénudation du Weald a nécessité plus de 150 000 000 d’années”.

Ib., pag. 328.

Estes argumentos archeo-geologicos são por demais significativos, e de um

que talvez venha a soffrer o todo pela parte, o justo pelo injusto, mórmente se em tempo opportuno os competentes nessas discriminações se não prevenirem, pondo a bom recado as maculas, os abusos, os máos representantes e a sua superfluidade, que vagamundeiam ás manadas desde os extensos átrios, até aos pontos mais honrosos dos *verdadetros templos* supra-mencionados! Que é necessario quanto antes fazer a selecção entre o que ha de máo e o que ha de bom, aproveitando este e destruindo aquelle, tendo por fim que as leis da sciencia folguem com desafogo nos extensos recintos dos templos religiosos, onde nos tempos hodiernos pouquissimo agasalho tem, e reciprocamente. Dizer-lhes que é facil de demonstrar que a emissão e acceitação de profusas proposições dogmaticas, estendendo os seus preceitos a sustentar a *infallibilidade da verdade e justiça* nos actos dos humanos, a *pureza virginal* no ventre concebido...é quasi passar um diploma de *classica obtusão*, ou de *typica azinidade*, a todos os sabios representantes das sciencias em geral! E' claro que, a tão grandes desafios, e

---

poder esmagador ás implantações de fé biblicas, em relação á idade e creação do mundo que habitamos, e em relação á animalidade que o povôa.

E' nestes escolhos que abalrôa constantemente a barca do *Genesis*, e, por consequencia, a da *theologia-dogmatica*. E' pela assimilação de puros principios da sciencia que se forma uma nova *educação mental*, e que se forma diverso modo de encarar as cousas, de accordo com os preceitos da realidade inconcussa.

a tão grandes insultos a corporação scientifica oppõe tam-  
bem grandes e valentes represalias ; é assim que

Toda a vez que a sciencia positiva  
ao incognito arranca as leis que sonda  
torna um dogma illusão ;  
e em cada lei gigante que desfere,  
além de esmigalhar a hypocrisia,  
prega um dogma no chão !

Dest'arte, e progredindo esperançosa  
de encontrar novas leis e leis firmando,  
mira um novo porvir...  
e talvez chegue a um dia immenso, eterno,  
da impostura morrer e, entre os humanos,  
nem um dogma existir !

Os destroços dos dogmas derrotados  
servirão de contraste na pureza  
de outro dogma immortal...  
*espaço, luz, materia e movimento*  
serão a fé, a crença o *positivo*,  
de um culto universal !!

Mas...onde von eu parar neste arrasoado ? !... Quasi que  
me affasto do meu proposito nesta passageira *periphrasis*,  
que bastantes ampliações necessitava. Entretanto, bemdita  
seja ! que me fez esquecer por um momento o pezar de  
expôr um *desabafo*, imposto pelo inexoravel dever patrio !

Eu restabeleço á linha recta o fio, não interceptado, mas  
levemente ondulado da minha dissertação.

Está mais do que provado que, a supressão repentina de certos habitos adquiridos opéra, em quem experimenta a sua ausencia, de fórma tal como se lhe faltasse uma das necessidades vitaes; e, por conseguinte, é de simples intuição que uma pessoa, ou uma collectividade qualquer, que se veja desfalcada *abrupto* do que lhe constituia mais do que um habito, mas uma herança, póde definhar, adoecer seriamente e mesmo póde morrer. Neste caso está a supressão momentanea dos braços do trabalho n'um paiz agricola; neste caso está o aniquilamento ou desprezo ou indifferença do amor patrio favorecidos quer por lei, quer por actos demonstractivos publicos ou particulares, quer por importancia diminuta ligada a esse sentimento tão salutar, emfim quer pela corrupção desse affecto innato ao lar, e tão innato que se estende ás vezes até aos filhos de aldêa a aldêa, de villa a villa, de cidade a cidade !

Se neste seculo alguem tiver de arrostar com o indifferentismo ao amor patrio, preceito dado como imposição de sua terra natal, é bem cabido o dizer-se a seu descendente: « Filho do martyr da patria ! esconde o pranto ; esquece teu pai ; o seculo é quem te ordena esse crime !..... »<sup>54</sup> » Para as consequencias resultantes desse acto iniquo, seria insufficiente a propria magnanimidade de um coração como o de Tito :

---

<sup>54</sup> *A desmoralisação e o seculo.* Sebastião. R. e Sá. Lisboa 1843, pag. 27.

« . . . . . Sia noto a Roma,  
 Ch'io son l'istesso, e ch'io  
 Tutto so, tutti assolvo, e tutto obbligo. <sup>53</sup> »

porque a precipitação do cataclysmo seria tão rapida e tão forte, que nem a celeridade do raio para choque, nem a força da virtude para o desvio, seriam sufficientes para suspender e renovar os seus effeitos.

Agrilhoai primeiro, na escura masmorra do esquecimento ou no ergastulo do impossivel, o puro sentimento nostalgico, esse filho predilecto da vida afastada do primitivo pouso da existencia, do lar domestico, da patria; arredai por uma vez do espirito humano o mais caridoso e cruel dos seus productos — a saudade da terra natal —, que n'alma de todos os mortaes, com maior ou menor intensidade, cresce, vive e germina; que por causa della em todo o organismo, em todo o ente humano

« Hierve em sus venas la sangre  
 sin alivio de un momento,  
 acosan su pensamiento  
 mil delirios en tropel.  
 Asaltan su fantasia  
 mil impossibles antojos,  
 y llanto vierten sus ojos  
 mas amargos que la hiel.

---

<sup>53</sup> *Opere dell'abate P. Metastasio*. Tom. 4.º.— Clemenza de Tito, act. 3.º;  
 sc. Firenze 1814, ultima pag. 77.

Las drogas de los empíricos  
 no pueden con la dolencia,  
 ninguno logra la ausencia  
 de su recondito mal.  
 En vano su ciencia apuran,  
 sus elixires destilan  
 en vano, nunca aniquilan  
 aquella fiebre iafernal. ....<sup>56</sup> »;

que por seu intermedio muitas vezes o vicioso supplanta o vicio, o cobarde torna-se forte, o infame converte-se em honrado e honesto, o perdulario volve a ser economico; que é ella ainda a saudade patria, a nostalgia, que sustenta crescente o amor da familia, a tradiçãõ, a historia, a honra, o heroismo <sup>57</sup>, o bello ideal, emfim: estrangulai-a primeiro,

---

<sup>56</sup> *El desafio del diablo—leyenda tradicional*—por D. José Zorrilla. Madrid, 1845, int., pag. IX.

<sup>57</sup> ... partira Mario... preso a bordo.

Na estaçãõ em Cabo Verde, foi-lhe permittido subir á tolda, e soube então, que hia para a costa occidental da Africa.

— Tambem de lá se volta, lhe disse o animo resignado. Mas quando, encostado á amurada da corveta, punha os olhos na esteira brilhante, que o navio deixava, e que em cada momento mais o alongava de Portugal, muitas vezes sentiu desalentadas tristezas, e abanou a cabeça como quem duvida do porvir. N'aquellas longas horas, procurava-o a memoria do seu recente passado, e então fazia sobrehumano esforço para não exhalar em queixas, ou em lagrimas, a dolorosa magua que o attribulava.

*Mario* — Episodio das lutas civis poruguezas, pelo dr. A. Silva Gayo. Lisboa, 1868, pag. 84 e 85.

e depois tereis, no presente, occasião opportuna para despejar patrias aos milhões no peito de cada um dos constituintes sociaes.

Mas, olhai, sem conseguirdes, por um dos dois modos que apresentei, alterar o senso intimo da humanidade, é um arrojado inqualificavel implantar as leis, ou mesmo os prolegomenos do systema cosmocratico.

Para mim a cosmocracia só é possivel, encarando e arruando os cosmocratas debaixo de dois pontos de vista contradictorios ou oppostos, que vem a ser: ou individualidades completas, pela instrucção e educação, ou individualidades imperfeitas nos sentimentos mais intimos e naturaes. O primeiro caso é possivel; mas é lento e trabalhoso, é para elle que convergem os productos da sciencia dos grandes cerebros modernos, cuja alavanca fundamental é a nova *sciencia sociologica*; o segundo não passa de um producto de cerebros doentios, de um producto imaginario e de effeito fortuito, transitorio; não passa emfim, de uma verdadeira *utopia* no sentido estricto, mas com applicação popular — cousa irrealisavel, impossivel.

Em ultima analyse, para essa convulsão social, como eu já o disse, é de extrema necessidade educação preparatoria, instrucção e opinião ou consenso. 53

*Reæ legem instituit, sic qusque lex populum.*

---

53 V. Ex. Já ouviu fallar em Pitt, em Gladstone, em Peel, em Bright, em Russel, em Palmerston? Não ouviu. Pois foram ou são grandes estadistas, n'um paiz entre todos de liberdade e legalidade. E sabe V. Ex. o que fizeram

Ora, como eu nutro fartamente estas ideias e as acalento em meu pouso, é natural que me ponha em campo todas as vezes que as veja assediadas, insultadas ou mesmo levemente beliscadas; e se faço isto é porque não tenho outro remedio, ou senão hei de me sujeitar a ficar sem ellas porque m'as roubam, ou vel-as abatidas e sem força moral, ou doentes e inutilisadas para meu uso quotidiano. Em qualquer dos casos, são trabalhos que me acarretam, se não ponho em exercicio os mandatos da providencia; e é justamente o que faço, quando posso.

O facto presente é um dos casos em que eu patenteio a verdade do que acabo de expôr.

Julgo que o orador official do tricentenario de Camões no Rio de Janeiro não sendo portuguez, e tratando-se como se trata, de uma homenagem essencialmente portugueza e

---

e o que fazem estes estadistas? Encontravam d'um lado, leis velhas, contradictorias, oppressivas, mas leis: leis da idade media, dos Tudor, dos Stuart, catholicas, protestantes, de varios tempos, de espiritos variadissimos... mas sempre leis: do outro lado encontravam a opinião do seculo, o pensamento e o sentimento da sociedade contemporanea: encontravam uma opinião liberal, tolerante, intelligente, civilisada, mas só *opinião*.

Que fizeram os estadistas inglezes? Deixaram a *letra* e seguiram o *espirito*: interpretaram, condescenderam, deram razão á opinião. O que é a lei? é a opinião armada, nada mais. O que é a opinião? é o espirito da sociedade em que vivemos. Os estadistas inglezes são philosophos: a Inglaterra é um grande povo.

• *Carta ao Exmo. Sr. Antonio José d'Avila, Marques de Avila. Presidente do Conselho de Ministros, por Anthero do Quental. Lisboa 1871, pag. 5.*

ommemorativa da morte de um portuguez, esse acto, digo, algo que é uma violação aos direitos patrioticos, um insulto arremecado bruscamente á face do bom-senso, uma bofetada na rainha da sciencia, um tiro na dignidade e aptidão e sessenta a setenta mil portuguezes presentes, um cartel e desafio ao dever, um acoroçoamento degradante para o cidadão de qualquer povo do mundo, uma monstruosidade nqualificavel, uma coisa... uma coisa para hi sem nome por ra, porque é nova e unica entre nós !

Não sendo portuguez, qualquer homem de outra nacionalidade, ainda o mais illustrado e distincto de todos, seria ncompativel com o acto de que nos occupamos ; e, ainda nais, seria incapaz de nelle supprir o mais mesquinho dos ortuguezes pelo coração. O amor patrio não se suppre pela hetorica, pelo apparatus, pela phantasia, pela prepotencia ; nasce com o individuo, sente-se e nunca se impõe, nem se transplanta, ou transmite para outro.

Por estes principios, um cidadão brasileiro, um francez, um inglez, um italiano, um allemão, um turco, ou outro qualquer, representarão, em relação a si, uma individualidade mais ou menos considerada, conforme os seus merecimentos moraes, intellectuaes ou physicos ; mas cada um, em relação ao seu paiz natal, embora que seja o mais infimo elle, será o primeiro entre todos os outros que eu suppo ho mil vezes mais distinctos ; e é elle o primeiro alli porque representa virtualmente a sua patria. Donde se conclue ue quanto mais completas forem as individualidades ou os cidadãos de um paiz, tanto mais bem representado será por

elles n'uma necessidade eventual : é dessa forma tambem que mais sã e honradamente se eleva a patria.

Um honrado cidadão brasileiro póde ser o homem mais distincto e o mais amigo da Inglaterra, ou da França, ou da Allemanha, ou da Russia, ou de outra qualquer nação, onde viva, onde tenha familia, cabedaes e tudo, porém nunca poderá representar nenhum desses povos n'uma festa nacional ou em uma homenagem patriótica ; e nunca o poderá fazer, simplesmente porque esse acto deve de ser considerado um absurdo para elle e para os filhos do paiz !

Dispensai-me exemplos, que vós formulareis melhor e mais variadamente do que eu, pela forma seguinte: Supponde um acto commemorativo ou uma festa nacional brasileira e promovida só por brasileiros, quer seja reclamada pelas letras, quer pela sciencia, quer pela gloria da melicia, quer pela autonomia, quer por outro assumpto, que tantos tem ; supponde que, em lugar de ser o representante official nessa festa ou homenagem um cidadão brasileiro, é um cidadão portuguez, um inglez, um francez, um turco, um estrangeiro, enfim, qualquer. Dizei-me, com franqueza : podereis convencer-vos, ouvindo-o em discursos laudatorios, de que aquelle homem de paiz estranho avivente os vossos sentimentos? de que vos falle como um patricio das vossas glorias patrias? de que vos sensibilise a alma, vos deleite a consciencia, vos robusteça a verdade, vos eleve, vos arrebate, vos transporte phreneticamente em arroubos patrioticos ?...

Não, não e não !...mil vezes não ! ! Elle ha de mentir sem-

pre, embora falle um seculo, porque sempre ha de dizer o que o seu coração não sente, não tem, não alimenta, não elabora !

Não vem fóra de proposito dizer que, para analysar convenientemente o assumpto de que me occupo, é necessario suppôr o quadro concreto do tricentenário de Camões no Rio de Janeiro; depois de concebido assim, procurar com todo o escrupulo destacar os actos, destes as scenas, destas os vultes, destes os symbolos, dos symbolos a feição característica, e de cada um destes por derradeiro o ponto analytical primordial. De outra maneira estudado o caso vertente, a synthese será pobre ou deficiente no conceito.

Se desta forma o não levei a effeito condignamente, foi em razão de centenas de motivos obvios, mas com especialidade por insufficiencia.

Eu bem conheço que o melindroso e grande do assumpto que me occupou a attenção, de um modo repentino, requeria « a par de um espirito synthetico em elevado gráu, conhecimento profundo e critico; custa por certo menos ir lançando, no papel ou na tela, as impressões pessoaes, limando, cortando, cerzindo, e embonecando, para depois dizer ao publico: ahi tens um poema, um romance, um quadro <sup>59)</sup>, um livro; custa muito menos isso do que dizer: aqui tens um quadro *que te mostra o dever*, um livro *que te define o bello ideal*, um escripto *repentino* ou *momentoso que te*

---

<sup>59</sup> *Revista critica de litteratura moderna por uma sociedade de litteratos.*  
J. P. de Oliveira Martins. Porto, 1869. N. 2, pag. 9.

*synthetisa*, em concreto, a *evolução* e as consequências de um assumpto que presentemente te impressiona.

Por isso este meu trabalho será amalgamoso para alguns, para outros será uma sensaboria, para muitos, talvez, uma manifestação patriótica apresentada de um modo ferino, contraproducente, acrimonioso.....e eu hei de agoniar-me bastante com este ultimo juizo, que é injusto.. . E' facto que este escripto é filho de uma daquellas tres *mães boas* que costumam parir invariavelmente tres filhas ruins: a *verdade*, que pare o odio; muita *conversação*, que gera o desprezo; e a *paz*, que dá á luz a ocisidade. Lá diz Ferreira tambem :

« Sempre aos mais dos engenhos foy perigo  
 Escrever: os bons temem; escrevem ousados  
 Esses, que tem grã credito consigo.  
 Ditosos os que vivem bem calados  
 Metidos em si mesmos, e contentes  
 De não serem ouvidos, nem julgados. <sup>60</sup> »

« Mas socegae que no momento em que o homem se sentir homem porá de parte todas essas creações subjectivas e dirá: que me importa a mim saber como sentiste, como pensaste! Socegae que, quando a sociedade moderna houver chegado ao ponto de mira de todas as aspirações de hoje, viverá, não de vós, mas de quem a comprehendeu, de quem aspirou como ella, como ella sentiu, pensou, amou! Rirá

---

<sup>60</sup> *Poemas Lusitanos do dr. Antonio Ferreira Lisboa 1,771, vol. 2.º, liv. 1.º carta VIII, pag. 36.*

com quem lhe açoitar os vícios, enthusiasmar-se-ha com quem lhe patentear o ideal, como os gregos riam com Aristophanes, como se apinhoavam no seio do theatro gigante, delirando perante uma tragedia d'Eschylo ! <sup>61</sup>

Não será realisado certamente este desejo para nenhum dos que vivem em nossos dias; mas, com toda a probabilidade, não ultrapassará a geração dos nossos trinetos. Então a justiça, o dever, a virtude, marcharão sem impecilhos nem rodeios na corrente veloz da evolução sociologica, acarretando de todos os pontos do seu trajecto a seiva vivificadora da harmonia e engrandecimento mental dos povos.

E' infelizmente impossivel em nossos dias em virtude da sociedade estar envolvida em profunda desconfiança, em virtude de estar eivada de enganosas promessas que a levaram a desenganos multiplicados, cheia de terror, de susto, de medo na adopção do mais leve preceito, porque de todos os pontos é esbofeteada pela mão calosa da soberba ignorancia, do impio fanatismo e da astuta hypocrisia ! E' necessario muito *rigor instructivo*, muito *sangue scientifico* e muitissimo *fogo de sã moral* para abater o cóllo altaneiro destes dragões do bem real dos entes racionaes :

Sancciona-se uma lei, leve, mas parva ;  
 tem um curso apertado, e já devasta  
 nos grandes muito, e muito mais na plebe...  
 Mas, se caçar-me quer, já custa tanto...  
 oh!., tanto como a vida.....

---

<sup>61</sup> *Revista critica, op. cit. pag. 9 e 10.*



---

Formam-se partidos, alliam-se auxiliares, ordenam-se esquadros..., e ferve guerra... Busco nos homens aquelle amor devido á patria. e não o encontro : o que só lhes acho é um affecto delinquente, que com voz vulgarisada se chama *paixão nacional*...—

E, por este diapasão, se temperam milhares de queixas imperiosas contra o *pobre vulgo*, no instrumento glótico daquelles que arrogantemente o possuem e o podem incolumes desta forma barbara tanger. Mas não se lembram estes que, se o teem, é fabricado e dado de presente pelo *vulgo*, a quem só fazem ouvir os acordes dissonantes, guardando para si e para os seus sequazes as consonancias e maraviosas melodias do melindroso e afinado instrumento.

E' preciso que o *vulgo* lhes negue a posse e dominio, e aprenda a manipular-o convenientemente, para se livrar de ouvir os sons insurdecentes, de insupportavel pandorga, e possam ferir os seus ouvidos sómente as notas, os compassos, as phrases, os periodos, os trechos, as canções, as arias, os hymnos, as partituras, a harmonia universal do bello, do grandioso, *do equitativo, da igualdade*, emfim !...

Nessas circumstancias sociaes, será materia corrente que « não consiste a verdadeira nobreza em se saber de que pays somos filhos ; mas de que obras somos pays : e o certo é, que nunca foi baixo, quem as executou grandes, nem grande aquelle, que as teve vis. <sup>62</sup> »

---

<sup>62</sup> *Perfeito soldado e politica militar*, pello doctor João de Medeiros Corrêa. Lisboa 1659, preludio III, pag. 7.

Depois de elaboradas no espirito e no papel por um folego ininterrupto estas considerações, onde não ha cerzido, nem limado, porque não houve tempo (nem eu para o fazer teria bastante arte), é de meu dever appellar por ultimo, com a mesma imperfeição ou rudeza expletiva, *para os concorrentes deste acto infeliz*, e *tétrico* aos corações que tiveram nascimento e que teem verdadeiro amor patrio a Portugal:

»

Vós, senhor, que eu não conheço por outra forma senão pela fama de erudito, por fazerdes parte do aparelho director da progressão evolutiva e retentivo da manutenção firme da liberdade do Imperio do Brazil; vós, que só conheço pela constancia e hombridade para levar ao diante as ideias mais grandiosas do dominio da sociologia; vós cujos ornamentos de vossa alma dizem ser os adornos com que se enfeita e engrinalda a candida virtude: dizei-me, qual foi o motivo que vos impelliu a querer concorrer para um acto que, embora encarado pelas multiplicadas faces de qualquer prisma, se vê sempre empoeirar o jamais conspurcado e venerando rosto do meu berço natal, do meu lar primitivo, da minha terra, da minha patria ?.. Se a crueldade estivesse identificada com o vosso coração com manifestações externadas na vossa practica social; se me transpirasse um leve indicio de que ereis injusto; se a vossa educação, o desenvolvimento de vosso intellecto, o merecido e nobre lugar que occupais entre a distincta corporação estadística do Brazil, não servissem de gloria aos vossos concidãos, aos

os amigos, aos vossos parentes, a vós e a vossos benetos e respeitaveis progenitores: por certo que estaria risado a ir filiar o motivo da vossa concorrência áquelle a uma causa bem facil de encontrar. Porém vós sois, illustrado, patriota genuino, como explicar então o r que aceitastes ?...

o sei.

se alguma falta perpetrada por um patricio meu vos ste a castigal-o por aquelle tremendo meio !... Mas, se 1 fôr, deveis concordar que o castigo é *milhões* de vezes rior á culpa commettida por elle, e por consequencia 3 rigorista demais !... O que eu não acredito.

aha a origem que tiver o motivo que reclamou contra u mais portuguezes a vossa punição por aquella forma; 5 vos peço piedade na applicação do correctivo, já que vos posso pedir e obter que suspendais a sentença !!... le vós o juiz recto, inexoravel, justo, que eu por minha não vos quito a deliberação; mas supplico-vos que ao is exhorteis o paciente para que vá ao soffrimento resi-o, e cheio de tal nobreza que vos torne nobre tambem: i na vossa punição

« Bruto (*a seu filho Tito*):

.....

..... Levem meu filho á morte.

Levanta-te da terra, triste objecto,

D'horror e de ternura; ergue-te, filho,

Caro arrimo, em que a longa idade minha

A mais doce esperança tinha posto;

Vem abraçar teu pay; teu pay severo  
 Condemnar-te devia: porém sabe,  
 Que se eu Bruto não fora, te absolvera:  
 Ao fallar-te em meus olhos náda o pranto;  
 Mas tu leva, meu filho, ao teu supplicio  
 Constancia mais viril; não te enterneças;  
 Sê inda mais Romano do que é Bruto;  
 De maneira que Roma ao mesmo tempo,  
 Que se vinga de ti, de ti se espante. <sup>63</sup> »

E, por tal, serei contente de vós.

»

Vós, conterraneos meus, cujos nomes de alguns conheço aureolados pela probidade, honradez, illustração, criterio e dedicado amor á patria; vós, que fazeis parte encephalica do organismo da *colonia portugueza no Rio de Janeiro*; vós, que procurais congregar em vosso nucleo, e o tendes em parte conseguido, a flor dos migrados do vosso e meu paiz; vós, que fazeis parte dessa luz que alumia a tantos desfavorecidos da fortuna; vós, que fazeis parte da pleyade dos benemeritos da patria: porque razão concorreis para desvirtuar a pureza de quem vos forneceu o primeiro pouso, o primeiro agasalho, o primeiro beijo da luz, da crença, da graça, do bello, do amor, da vida?... Quem me podera indicar um fio que me conduzisse neste labyrintho complicadissimo de supposições á verdadeira causa de vossa

---

<sup>63</sup> *Bruto*, tragedia de snr. de Voltaire. Trad. por \*\*\* Lisboa, 1821, act. V, sc. VII, pag. 94.

discrepancia !?!.. Eu já desacoroçoei, porque o não posso encontrar de modo algum, por mais que me esforce nesse intento.

Vós, que tivestes o poder de me fazer conseguir depositar no peito as phalanges de todos os louvores e distincções, para vos saudar humildemente, depois da vossa missão honrosa, como distinctos portuguezes; porque, dizei-me, porque assassinastes todas aquellas creações discretas e piedosas, revolvendo, desmoronando, destruindo os seus aposentos para cujas ruinas no presente só correm em grossas levadas as lagrimas do meu pungir?... Porque me fizestes elevar a gratidão até as nebulosas, para depois me fazerdes precipitar no cahos a crença e o vosso merecimento patriotico?...

Antes não crear, do que, depois de dar vida, procurar destruir por violencia, ou pela prohibição lenta e geral da liberdade das funcções, a entidade creada.

Para qualquer parte que me volto, á procura de uma razão que justifique o procedimento de vosso acto, encontro accusações tenebrosas, especialmente se algumas duvidas se ligam, na inquirição que faço, á inteireza de vossa origem de verdadeiros portuguezes. Algumas occasiões pergunto-me: não circulará por ventura no coração dos promotores do tricentenario de Camões no Rio de Janeiro outro sangue além do luzitano, e outra raça, sem ser daquellas que fazem parte da dos portuguezes?

Mas nessa hypothese vejam que juizo se poderia formar de vós, a julgar por Santos Silva :

« Eis que Luzo infiel, não mero Luzo,  
 Mas sim heterogenio, sim mistiço,  
 Q'Hollandez teve o Pai, a Mãi Franceza,  
 E Corsos os Avós, segundo é fama,  
 Em Lyzia só nativo, infido, ingrato  
 A' Terra q'o gerou, e o pãõ lhe presta... <sup>63</sup>

Esta hypothese não é de modo algum admissivel, como facilmente se vê.

Outras occasiões, appello para a frouxeza do espirito, suggerida por cubiças nobiliarchicas, por altas demonstra-  
 ções de veneração a um novo ramo de familia adquirida  
 longe, por extrema amizade ao paiz onde habita sem ser  
 a patria, por temor da perca de um sincero amigo, e por  
 outras causas, dando em resultado um momentaneo e passa-  
 geiro tropeço, onde é machucado o delicado amor patrio.

Mas, nesses casos, lá vêm Camões e diz :

« Não falta com razões quem desconcerte  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antiguo se converte  
 Em desusada e má deslealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,  
 Que a propria e natural fidelidade :  
 Negam o Rei, e a patria; e se convem,  
 Negarão, como Pedro, o Deus que tem. <sup>64</sup> »

---

<sup>63</sup> *Silveira. Poema heroico*, por F. A. dos S. e Silva. Lisboa, 1809, canto I, pag. 17.

<sup>64</sup> *Luziadas de Camões*. C. 4<sup>o</sup>, est. XIII.

Ora esta hypothese tambem é impossivel de se aceitar, tendo em consideração os caracteres cheios de dignidade, e firmeza de principios, dos cavalheiros a que me refiro.

. . . . .  
E assim vagueiam as minhas inquirições na extensão quasi infinita da incerteza, sem esperanza de attingir um ponto fixo e real.

Se recorro á explicação do acto pela posição independente <sup>65</sup> de cada um (coisa que nem por graça faria), pecco, por-

---

<sup>65</sup> ... O dinheiro é, por assim dizer, um *talisman omnipotente*. Com effeito de que milagre não é capaz este *talisman*? Quem o possui muda de natureza para melhor; torna-se bello, se é feio; honrado, virtuoso, amavel, se nem honra, nem virtude, nem amabilidade tinha; o magico poder do *dinheiro* é surpreendedor, mas nem por isso menos verdadeiro. Quem ha que não tenha visto, por exemplo, vestidos de custosas galas, no meio do fausto e do luxo, olhando com soberano desprezo para a *vil* plebe, que os admira, — milhares de homens, que antes de possuirem esse *talisman* eram miseraveis, estupidos, andrajosos, e quasi proximos a expirar de fome?... Tal é a força e virtude desse portentoso *talisman*, que aquelles que se hão transformado por effeito do seu poder, são por todos respeitados e louvados; e ninguem ha que se lembre do que elles forão antes de ter dinheiro; esse esquecimento é ainda mais uma das prodigiosas maravilhas operadas pelo apreciavel *talisman*.

Quantos nobres e titulares não forão, antes de possuir *dinheiro*, homens obscuros, e de vil nascimento; e mais tarde transformados pelo *talisman* se apresentarão na alta sociedade tão cheios de orgulho e soberba, como se nunca tivessem conhecido a miseria?... Mas o poder do *dinheiro* é tal que não permite que a sociedade lhes lembre o seu passado; o *dinheiro* embota a memoria das cousas tristes, dispõe a imaginação a ver sempre quadros rissonhos, e desterra todas as ideias lugubres!!

*Arte de ganhar dinheiro*, por Philogelus. Rio de Janeiro, pags. 12 e 13,

que pareço lembrar-me que adoptam a imposição; se me lembro dos seus valiosos recursos justificativos pelo concurso do conselho de amigos que os demoveram, erro; se vou buscar dividas de gratidão, remuneradas pela escolha e convite, offendo; se busco a sua insufficiencia para não serem investidos do lugar que occupam, aggravo; se suspeito da inteireza de suas funções intellectivas no momento determinativo da escolha e convite, irritio; se os separo na communhão de ideias no acto infeliz a que me reporto, parcializo; se comparo o conjuncto de seus actos passados com o presente, disparato; se os interpello no tribunal severo dos deveres patrios, insulto; se reclamo e apello para o juizo critico dos seus mais honrados e probos compatriotas, intrigo; se digo que são indignos da nação a que pertencem, blasfemo..... a assim por ahi fóra nesta toada sem nunca poder chegar a um paradeiro!

. . . . .

Archivadas tendes algumas das hypotheses que se amontoam ininterruptamente em minha imaginação, cujo enumerado que dei espero que seja recebido como producto franco e innocente de minhas impressões, e nunca tido por uma affronta, elaborada pela minha razão e por minha consciencia, aos cavalheiros directores do Gabinete P. de Leitura. Foi induzido na sua benevolencia e descrição que tomei a liberdade de as apresentar; do contrario morreriam comigo, da mesma forma que hão de morrer as outras, tendentes ao mesmo fim, que não é necessario apresentar, nem ha proveito em dizer.

»

Como nem do vosso lado, nem da parte do illustrado e erudito cavalheiro, que vos acompanha no acto do tricentenario de Camões, encontre eu a razão de ser da *incongruencia*, *incompatibilidade*, e *insufficiencia* que vão concorrendo para a feitura desse acto, o qual deve de ser um *ramallete de perpetuas roxas* conservado com todo o esmero pela nossa mãi patria, até 1980, é por isso que a todos vós pergunto: porque desejaes que as perpetuas daquelle ramallete sejam *falsas*, depois de já serem tristes porque são *roxas*?... Se a questão é por causa de côr das flores, sómente em razão de as idealizardes negras em lugar de roxas, então, antes era melhor tingir as flores verdadeiras da côr que appetceis do que offertar um ramallete á vossa mãi patria de flores falsas ou artificiaes.

Ella, a boa patria, é complacente, e, não só por esse motivo, mas porque já está muito alquebrada pelos annos e fadigas, ha de receber o *vosso artificial* ou *falso* ramallete com o riso nos labios e com o ar habitual de bonomia, julgando a côr das flores como um producto de traquinada ou de extravagancia; e a vossa offerta passaria á posteridade como de natureza verdadeira, se vós não tivesséis uns irmãos boliçosos e perguntadores, que atormentam dia e noite a *pobre velha* com inquirições e reboliços inacreditaveis. De maneira que impreterivelmente hão de ter nas mãos o vosso ramo offertado, perguntar quem lh'o deu, examinal-o com minuciosidade, admiral-o, reverencial-o pela procedencia, e por ultimo hão de beijal-o!.. Mas, nessa ultima demonstra-

ção de apreço á offerta, é que vossos inquietos irmãos sentirão nos labios uma sensação estranha !á fornecida pelas flores naturaes; depois, applicando mais sériamente a attenção, hão de conhecer o artificio, e hão de bradar unisonos: « O' minha mãe, o ramalhete que vos mandaram os nossos irmãos do Brazil é falso! não é verdadeiro, não é natural!..»

Então, a minha, a vossa velha patria, tenho medo que exclame, cheia de indignação:

— *Filhos, vós que com artíficios enganais vossa mãe nunca podereis ser bons cidadãos!!—*

Por causa do temor que eu tenho de que ella, a minha patria, profira tão pavorosa sentença, e repudie *todos* os seus filhos, é que eu lhe envio apressadamente d'aqui estas notas repentinas, em forma de *desabafo patriótico*, para que ella tambem, usando da discriminação, restrinja a sentença, e continue a acalentar-me e a *quantos seguirem o meu exemplo* com as exhortações de carinhosa mãe.

Faço-o para que o meu sentimento não seja sem. . . . .

---

# QUESTÃO JORNALISTICA

(FAZENDO PARTE INTEGRANTE DO TEXTO)

---

## TERCEIRO CENTENARIO DE CAMÕES

### CIRCULAR A' IMPRENSA

Recebemos o seguinte :

E' cheio de ensinamentos para todo observador escrupuloso o quadro actual da sociedade humana. Emquanto as antigas religiões, desesperadas de alcançar o dominio exclusivo que todas aspiraram em seu começo, esforçam-se por manter sequer o terreno conquistado, vemos todos agglomerarem-se os elementos de uma nova synthese, relativa como a sciencia que lhe serve de dogma, mas como ella essencialmente humana e universal, portanto.

Ao lado das velhas crenças que guiaram a infancia e a menoridade de nossa especie se foram desenvolvendo os inabalaveis principios de uma nova fé. Aos poucos ascendeu o homem ao conhecimento do mundo que o domina e ao qual se deve submeter ; e assim conseguiu arrancar-se ao mesmo tempo ao fatalismo e ao capricho theologico, desvendando a modificabilidade da ordem universal.

A evolução da humanidade foi dolorosa ; mas o que é incontestevel é que hoje tocamos a méta desses esforços titanicos. No seio de uma anarchia fatal desenvolveram-se as forças de que actualmente dispomos e de cuja regulamentação dependem a paz e a felicidade sobre o planeta que nos serve de séde. Obra de todas as gerações preteritas, essa evolução resumiu-se em certas individualidades em suas phases decisivas : — *Collectiva em sua origem, toda força essencial é socialmente individual em seu exercicio*. Na celebração d'eses typos encontramos hoje os elementos de um culto que

se vai estabelecendo ao lado do velho culto theologico, como ao lado do seu dogma surgira o principio scientifico, dogma da nova religião :

Camões é um d'esses raros a quem coube a fortuna de synthetisar os esforços de muitas gerações : e hoje — tres seculos depois de sua transformação gloriosa — dois povos, que as antigas crenças foram impotentes para manter reunidos, congraçam-se-lhe em torno da figura gigantesca. Separados politicamente, os brasileiros devemos proclamar no terceiro centenario do genio immortal de nossa raça a solidariedade espiritual dos povos que na mesma lingua receberam as tradições da humanidade.

E' para commemorar este terceiro centenario que os abaixo assignados tomaram a iniciativa de uma festa, para cuja realisação contam com o apoio de V. S. E' nossa idéa tambem deixar d'esse acto um padrão immorredouro, colleccionando em volume algumas das poesias lyricas do immortal poeta, cuja edição deverá ser distribuida gratuitamente pelas bibliothecas escolares do Brazil e Portugal. Para esse fim promovemos uma subscrição.

Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1880.— *Miguel Lemos (ausente)*. — *Dr. J. E. Teixeira de Souza*. — *Alvaro Joaquim de Oliveira*. — *Cypriano José de Carvalho*. — *Godofredo José Furtado*. — *José do Patrocínio*. — *R. Teixeira Mendes*.

(*Gazeta de Noticias* do dia 1 de Março de 1880.)

### O TRISTE CENTENARIO DE CAMÕES

Na *Gazeta de Noticias* de ante-hontem li que a directoria do *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro* convidára o Exm. Sr. Joaquim Nabuco para orador das festas com que ella tenciona celebrar o centenario de Camões, e admirei a força do piparote dado assim no inepto nariz de toda a colonia portugueza !

Se o Camões do centenario a festejar é o poeta immortal dos Lusíadas ; se o *Gabinete Portuguez de Leitura* é ainda instituição puramente portugueza ; se na directoria dessa instituição não ha já quem possa ser orador da festa que vai celebrar-se ; se, emfim, não ha por ahi alguém do clero, da nobreza ou do povo da nossa colonia, com ou sem a graduacão de membro da Sociedade Geographica de Lisboa, a quem essa nossa instituição litteraria tenha

---

habilitado ao menos como *minorista*, para no projectado lauspenne fazer a simples elevação da custodia onde a hostia ethnica de Portugal encerra o corpo, o sangue, a alma e divindade do velho Camões, tão perfeita e realmente como está no céu da historia : venda-se esse palheiro e mande-se o producto acudir as misérias da patria, para que essa inutilidade sirva assim de algum proveito, e não possa mais o mundo dizer que os 100,000 portuezes existentes na provincia do Rio de Janeiro, estirados como os guardas do santo sepulchro, a resonar estupidamente ao lado da sua preciosa bibliotheca, acordão ao toque festival de uma alvorada gloriosa na desprezível condição de precisarem pedir emprestado a outra confraria quem saiba ministrarlhes a communhão nacional no jubiléo patriotico da sua irmandade !

Protesto, pois, do alto da minha insufficiencia contra a raza annullação de todos os patricios, porque conheço alguns que muito bem podião salvar-nos da vergonhosa penuria litteraria a que o proprio athepeo officialmente condemnou a colonia inteira.

E, se pela consideração e estima em que tenho os amigos censurados aqui, não posso acoima-los de perfidos aduladores, accuso-os de ridiculamente modestos e de inconvenientemente desprezadores dos seus compatriotas, que repellem o insultuoso ostracismo, embora o illustre orador escolhido seja um cavalheiro extremamente sympathico e distinctamente talentoso.

Por detestar as *moftinas* e repugnar os anonymos, assigno-me :

DR. FIGUEIREDO MAGALHÃES.

(*Jornal do Commercio* de 11 de Março de 1880.)

---

### CENTENARIO DE CAMÕES

Um artigo inserto nas *publicações a pedido* do *Jornal do Commercio* de hoje, ácerca das festas que hão de realizar-se por occasião do 3º centenario de Camões, faz-nos crêr que possão ser imperfeitamente comprehendidos os intuitos dos que as iniciárão e promovem.

Povos de origem commum, herdeiros de tradições gloriosas, separasse-os embora a sua posterior organização politica, têm nas obrigações do reconhecimento e da admiração, como na partilha de

glorias, um papel identico e commum : o que o seu enthusiasmo lhes prescreve.

Ante a commemoração do 3º centenario do mais potente genio da litteratura portugueza no seculo XVI Portugal e Brazil solvem por um tributo igual a divida commum : — a que resulta da hereditariedade que não pôde ser interrompida por factos do interesse politico dos respectivos Estados : a que perdura pela tradição dos costumes e da linguagem ; a que se não extingue jámais.

O *Gabinete Portuguez de Leitura*, iniciando o movimento das grandes festas que vão caminho de execução, bem sabe qual grande espaço lhe cumpre reservar para os que têm o direito e o dever de compartes nesta grande empreza gloriosa ; e se para os encargos onerosos já se associou a outras instituições portuguezas, o complemento da grandiosa manifestação espera-o e ha de tel-o do concurso unanime dos que cultivão e fallão a lingua do Grão-Cantor.

Chegados a este ponto, a nossa missão especial está naturalmente terminada. Teremos desaparecido como fracção minima para surgir no grande todo da grande e immensa geração dos Portuguezes contemporaneos do Camões, do Gama e do Cabral.

Se de ser esta a comprehensão da sua tarefa houvesse o *Gabinete* de dar prova, tê-la-hia no convite que teve a honra de dirigir a um dos mais bellos talentos da nova geração brasileira, ao illustre escriptor que no verdor de seus annos *teve a insigne gloria de celebrar com a publicação de seu livro « Camões e os Luziadas » o 3º centenario do immortal poema.*

A parte principalissima distribuida na festa do centenario ao illustrado Sr. Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo não é a que lhe conferio nem o nosso respeito pelos seus talentos, que é grande, nem a nossa estimação pela sua pessoa, que não é menor ; é a que lhe pertence exclusivamente como o unico escriptor da lingua portugueza que ha oito annos teve a gloria de escrever :

« Em 1859, em 1864 e 1865 a *Allemanha, a Inglaterra e a Italia* celebrarão com festas nacionaes os centenarios de Schiller, de Shakspeare e de Dante.

« *Publicando hoje estas notas, não faço mais do que fizerão homens de coração desses tres paizes, quando, deixando os campos vinhão ás cidades cobrir de flôres as estatuas dos poetas.*

« *Eu pago o tributo de uma admiração sempre crescente a Luiz de Camões no 3º centenario do seu poema.* »

» Sr. Joaquim Nabuco só não devêra esperar o convite de que foi objecto da parte dos que ignorassem esta honrosa pagina da sua historia. Quanto a nós, uma unica cousa nos poderia ser mais agraavel do que a honra do convite que lhe dirigimos : esta occasião expôr pela maior publicidade o nome do verdadeiro percursor deste grande movimento ; o d'elle, que ha tanto exclamava : *Qualquer que seja o actual eclipse, o astro se desprenderá da sombra e mará ainda algum dia sua posição no horizon'e.* »

Na ante-manhã do glorioso dia 10 de Junho de 1880 quem ha ali e se lhe anteponha no desempenho da grande missão de que á incumbido ?

Em nome da directoria do *Gabinete* peço a V., Sr. Redactor, o favor publicar estas linhas.

Muito attento venerador,

J. C. RAMALHO ORTIGÃO.

1º Secretario

Rio, 11 de Março de 1880.

(*Jornal do Commercio* de 13 de Março 1880.)

---

### O TRISTE CENTENARIO DE CAMÕES

Vemos com pezar o que escreve o inclyto patriota Dr. Magaes, referindo-se ao centenario do principe dos poetas portuезes.

É triste, é verdade, pois já não ha quem falle!!!

Onde ficam os Murgas? os Alvares? os Marios? e quejandos triotas illustres que nos cercam? Procurem-se e serão encontrados.

*Commendador Manel.*

(*Gazeta de Noticias*, de 13 de Março de 1880.)

---

### O TRISTE CENTENARIO DE CAMÕES

Prezado amigo Dr. Antonio Zeferino Candido.— Quando em fins do seculo XVII recrudescceu em França a critica aggressiva contra o merito de Homero, e Boileau muito descuidadamente jazia

calado na sua cadeira da academia franceza, o principe de Cant disse, como sabes, que iria lá um dia escrever no seu lugar — Tu dormes Bruto —, e o celebre satyrico, acordado por este beliscão, correu ao combate dos *zoilos* e matou a hydra da inveja a golpes de gargalhada descarregados sobre a samarra do abbade Perault.

Quando em fins do seculo XIX um leigo peralta tenta esfrangalhar os creditos das nossas academias, e tu jazes adormecido sobre os teus diplomas amarrotados, eu tomo a lição do bom daquelle principe, e digo tambem que irei um dia escrever na borla do teu capello — Bruto tu dormes, — para que despertes e vás batalhar em defeza da honra dos mestres que te ensinaram a ler os *Lusiadas*, onde Camões aprendeu a ler, e dos que te ensinaram a subir até o mais alto gráo academico da nossa classica Universidade, que Camões honrou tambem.

O baluarte das nossas letras patrias, que ainda existe na capital deste Imperio, como sentinella perdida a vigiar a retirada das nossas legiões litterarias, arriou a bandeira da sua nação e capitulou á falta de artilheiros disciplinados que pudessem dar as salvas de gala nas festas do centenario de Camões!

Essa cidadella da nossa litteratura viva está a transformar-se em pantheon de historia morta!

Os invalidos da sua guarnição deixaram encravar a bateria do brio patriotico! No seu páo da bandeira não tremulam mais as *Quinas* do Camões! E o capitão da guarda de horra dos *Lusiadas* veste o uniforme dos desertores da Luzitania!

Eu protesto em nome do meu patriotismo, e os assassinos dos creditos patrios respondem que não ha já um portuguez decente para ir comprimentar Camões no seu centenario!

E tu calas-te! E ninguem acórda! E as cinzas dos soldados analphabetos, que mitigavam os tormentos da luta e da fome no terrivel cerco de Colombo cantando em côro as estrophes do grande patriota, estão lá nas terras da Ceylão onde eu não posso ir buscar agora um coração estoico que fizesse as honras da casa nas festas do seu cantado camarada!

A colonia inteira é refugada a juizo de quem declina da respectiva competencia, e esta gente ruim aceita muda e queda a marca da sua degradante depreciação! E tu, vês a cimitarra de Herodes a deixar apenas em toda esta Judéa o Sr. Dr. Joaquim Nabuco

para semente de uma melhor geração litteraria; e não te moves!

Eu, que esperava um parlamentar de esse capitolio portuguez montado em polidas explicações, embora machiavelicas, que douassem a pilula e disfarçassem o veneno da injuria absoluta; que oppunha receber a honra de umas desculpas amigaveis e consadoras, dadas pelo intelligente e fino gladiador J. C. Ramalho Ortigão, esbarrei com o 1º secretario desse Gabinete... de Leitura pé; sem suspensorios, com a presilha do cós arrebrandada, de alças na mão e a penna da prosapia, que não escreve o meu nome, traz da orelha, de chuço debaixo do braço, a dar vivas á carta, norras aos Portuguezes, e a desafiar o mundo inteiro que queira bater-se com *un valiente* seu amigo, que eu tambem estimo e considero!

Cahi de costas, e dei com o fundo dellas na estupenda proclamação! Fiquei inutilizado!

Nem á transmigração das almas destes pagãos, que esperam desapparecer *como fracção minima para surgir no grande todo da grande immensa geração dos Portuguezes contemporaneos do Camões, do Vama e do Cabral*, conforme arengaram em diversos jornaes do al aziago dia 13 do corrente, eu posso responder como quizera,— antiga portugueza! Apenas posso atirar-lhes as palavrinhas com que Tertuliano zombava da metempsychose dos pytagoricos nos seguintes delicados termos: « Tem um homem medo de matar a sua vacca, porque acaso não coma alguma posta de sua avó. »

Levanta-te, pois, centurião primiliario, e vai dizer a esses deastrados: que, se não devem vestir-se de luto no dia em que, ao verem-se estrangeiros em sólo que já foi portuguez, sentirem a falta do pendão dos Gamas e Cabraes, dos Albuquerque e Pachecos, dos Bastros e Coutinhos, que precisavam para saudar bem mais alegremente o centenario do cantor destas glorias que perdemos, devem ter a delicadeza de não avivarem a magua dos que sentem esse desastre, empurrando-os como vencidos atraz dos vencedores.

Vai dizer-lhes que a festa é da familia, e que nós não podemos ser os compartes nos gastos e os comparsas nos gostos, como simples figurantes anonymos.

Mostra a esses desnaturados o que o nosso gentil poeta e brioso politico Thomaz Ribeiro acaba de escrever no *Atlantico* de 13 do

mez proximo findo, fallando á patria, que nós procuramos representar aqui :

« ... Festejamos o centenario de Camões. Haja uma expansão de vida e de justiça neste paiz arrefecido. Não consintamos que se nos avantage no pagamento deste devido e gratissimo tributo alguma nação estrangeira... »

Eu brado tambem :— Festeje-se com o maior esplendor possivel o centenario do patriarcha que escreveu a biblia da nossa religião patriotica.

Convidem-se todas as auctoridades e associações portuguezas que existam em qualquer lugar do Brazil; todos os portuguezes grandes ou pequenos; todos os nossos amigos e todos os admiradores do nosso Camões sem distincção de nacionalidade. Acerquem-nos todos aos iniciadores dos festejos, se elles não querem sujar a historia deste centenario com a falsa supposiçãõ de que já em 1880 não havia no Brazil um portuguez capaz de saber dizer ao mundo quanto foi, é e será grande o seu immortal compatriota!

E se alguem censura ou escarnece este meu legitimo brado, esse alguem, seja de que paiz fôr, não tem patria ou trafica em patriotismo.

Do teu, Zeferino Candido, não póde duvidar quem tem a honra de assignar-se como amigo afeiçoado e sincero admirador

DR. FIGUEIREDO MAGALHÃES.

Março, 17 de 1880.

(*Jornal do Commercio* de 18 de Março de 1880.)

MEU PREZADO AMIGO, DR. FIGUEIREDO MAGALHAES

Tu conheces, com certeza, uns versos do nosso Antonio Ferreira :

Ditosos os que vivem bem calados |  
Metidos em si mesmos, e contentes  
De não serem ouvidos, nem julgados.

Mas não conheces o respeito a esta tisana moral, porque vens mecher com quem dorme o somno da estupidez o mais azul de todos os sonhos.

Senhora, não monta mais  
Semear milho nos rios.  
Que queremos por signaes  
Metter cousas divinaes  
Nas cabeças dos bugios.

Aqui o bugio sou eu ; o que perde de todo o seu tempo em me querer chamar ás armas, és tu. Gil Vicente, já desconfiava de que havia de haver uma idéa no Gabinete, um Catão na Copacabana e um Bruto nesta tua casa. E Lucano pensava em ti quando disse :

*Victrix causa Diis placuit sed victa Catoni.*

Eu amo tres cousas no mundo, meu amigo : a vida, a paz e a estupidez. Cheio da ultima, custou-me a regular a primeira, para conseguir a segunda. Surgio-me a fórmula nestes tres versos antigos, mas que me vêm ao pintar :

Taes novidades este tempo traz,  
Que é necessario fingir pouco siso  
Se queres vida ter, se queres paz.

Tu tens um modo de ver e de pensar muito afastado do meu ; nem te censuro, nem me corrijo. Entretanto, na historia desta questão, que ainda está no exordio, já ha muito com que provar que eu estou mais perto da natureza. Tu já andas com os nervos por fóra de casa, e eu ainda não teria esfregado os meus olhos se tu não fosses um malvado despertador. Fica, porém, sabendo que apenas te responder volto para a minha cama, se não vier por ah algum Zé-Pereira tocar-me zabumba ao pé della. Nesta questão já tu tiveste uma prova de que os titulos academicos do nosso paiz soffrem, como os climas, a influencia das latitudes e que das cousas cada um julga na altura da analyse a que sabe sujeital-as. E vens tu fallar-me de diplomas de mestres e de academias !

Fica certo de que a festa do Centenario, que tu, a teu modo classificaste de triste, nem ha de sombrear os nossos diplomas, nem as nossas academias virão a pensar no caso, nem os nossos mestres a sabel-o. A influencia das latitudes tem essa boa reciprocidade.

E depois, eu sempre achei exagero no teu artigo e acho impor-

tunidade na tua carta. No artigo, ha o exagero de collocares tão alto essa cousa de ir o gabinete pedir a um estranho que lhe faça as honras da sua casa: na carta, a importunidade de vires recavar naquillo que devera ficar sepulto com a resposta ou declaração que de lá veio. Eu sei a força que estica o nervo da tua sensibilidade e respeito-a.

Eu por mim confesso que ainda respeito o patriotismo; e, se em tempos de agora é crime ou loucura ser a gente patriota, eu pertencço á correcção ou ao hospicio.

« A todos succede que depois de terem lido a historia das grandes mulheres, nenhuma preferem á sua mãi; a todos succede que depois de terem a historia das nações, nenhuma preferem á sua patria.»

Não só respeito, mas até louvo o fundo das tuas intenções. Mas tens a ingenuidade de pensar que a historia de Portugal se bebe, como a salsaparrilha, ou se deixa ver por dentro, como o crystal de rocha! Se a besta da fabula comprasse o diploma de *doctor in absentia* tu chamar-lhe-hias Aristoteles.

Julgas que, quando mesmo o tal censurado convite pudesse ser uma nodoa, ella viria a escorrer por cima da nossa patria, ou além mesmo das individualidades?! Cedo ou tarde, mas antes de 10 de Junho, tu havias de ver a sentença seria e digna, e a punição acabadada e cruel. O desconsono de uns, o desespero de outros, a consciencia de todos, iriam, minuto a minuto, cavando na alma esse abysmo que se não enche. A indifferença destes, a vergonha daquelles e o remorso de alguns, tudo daria á festa essa lugubre apparencia da orgia das nonas do Roberto do Diabo. Era escusado que tu viesses precipitar essa evaporação que, lenta, pacifica e continua daria um crystal em vez de um producto amorpho.

Eu, por mim, tinha forjado a tenção de entrar como comparador alegre nas bodas de Camões. Assistir ao foguetorio, despejar sobre os fogueteiros as vaias do rapazio nas nossas festas de fogo preta sobre os mordomos os urrahs e os vivas estupidos dos indifferentes. Desde, porém, que tu vieste, mudei de rumo e resolvi ficar em casa, como a gente faz quando lhe dizem que anda motim lá fóra.

Quando surgiu a explicação assignada pelo primeiro secretario do gabinete de leitura, em nome da sua directoria, confesso que

scintillar um tremorzito nervoso. Mas para logo me ageitei. » que eu, se acordar mais esperto, ainda explique aos meus cios que têm boa alma e bom sentir, as impressões que me deu um documento que já tenho ouvido julgar tão de maneira recente. Mas, se o disser a todos, hei de primeiro, dizê-lo só a elles. Elles, os que arranjarão aquelle sarapatel, são por- ezes, como eu; hão de ouvir-me, e, talvez dar-me razão. E, á, limito-me a agradecer a tua carta, pelo muito que de lison- me dizes; e enquanto ao fim della...

tando em 1799, um ajudante de campo de Bonaparte ia de mando e, oferecer a Valney a pasta do interior talvez como recom- a dos serviços prestados ao 18 Brumario, o mimoso autor das us respondeu ao medianoiro: « diga ao primeiro consul que elle nito bom cocheiro para precisar de mim no seu carro. » um abraço do teu amigo

ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

(*Jornal do Commercio* de 20 de Março de 1880.)

#### CENTENARIO DE CAMÕES E OS ORADORES DA FESTA

lêr os artigos publicados no *Jornal do Commercio* pelo Sr. Dr. eiredo de Magalhães e pelo *Gabinete Portuguez de Leitura*, a osito dos festejos que se hão de celebrar no 3º centenario do ortal cantor dos *Lusiadas*, se poderia concluir que não ha no de Janeiro um orador portuguez que esteja na altura de fa- e representar em tão solemne festividade: e radiante de pa- ismo, traduzir por meio da palavra magestosamente portu- a, sonora, rica e brilhante, o que foi no seculo XVI o canto ano e qual a sua influencia, ainda hoje, em nossa litteratura a.

ta hypothese, porem, se passou pela mente de alguem, é além ajusta mui affrontosa á dignidade dos verdadeiros portugue- porque felizmente, para honra de Portugal, ha no Rio de Ja- o ainda talentos de primeira ordem, que podem dispor da pa- e da penna para erguer um hymno condigno do genio glorioso amões, sem que as suas cinzas estremeçam na alvorada do seu iro centenario.

Não duvidamos que o Sr. Dr. Joaquim Nabuco tenha algum talento e estudo, e que seja um cavalheiro muito digno de apreço e consideração pelas suas qualidades pessoais: ninguém lhe contesta taes predicados; mas o que se contesta — é que seja elle o unico capaz de representar a alta missão de orador nos festejos a Camões: porque ha por ahi muitos moços portuguezes que podem desempenhal-a tão dignamente ou melhor do que elle, apezar de ser o Sr. Nabuco.

Querem titulos scientificos? Querem doutores portuguezes de reconhecido talento?

— Ahi estão os Srs. Zeferino Candido, Henrique Moreira, Dr. Bessa, Dr. Freire, Dr. Magalhães e outros muitos formados em direito, mathematicas, medicina, philosophia e theologia.

Querem bachareis em lettras, litteratos, moços illustrados e amantes da litteratura patria, lancem os olhos em roda de si, sem prevenções, despidos de orgulhos mal entendidos, e acharão um grupo brilhante de moços portuguezes, que pela sua modestia parecem nada; valer, mas que podem dar lições de litteratura a muitos que por ahi andam inculcando-se talentos privilegiados, quando não passam de uns copistas, condecorados pelos inchados applausos de uma turba lisongeira e inconsciente.

E não têm fundamento porque: se foi pelo seu livro escripto em apologia de Camões, é uma vergonha fallar nisso, porque não tem valor litterario, segundo a confissão do proprio auctor na sua introduccão (pag. 10).

Tambem não tem valor esthetico, porque esse estudo, segundo o pensar do sabio Latino Coelho, ainda está por fazer. Não tem valor biographico, porque nada adianta ao que já sabemos, pela investigação e criticas dos primeiros genios portuguezes e estrangeiros.

Porque pois se hade querer agora dar valor e realce a um escripto, que não passa d'uma dissertação de estudante, de um ensaio sem originalidade, sem arte, sem primor, sem estylo, e cuja inferioridade é reconhecida pelo proprio Sr. Nabuco, quando diz:

*« Este livro não tem valor... senão como notas de minhas impressões... »*

E o Sr. Nabuco tem razão, porque o seu livro está na altura de qualquer estudante do collegio de Pedro II.

mos justos e deixemo-nos de lisonjas, que o proprio Sr. Nade reproval-as no fundo de sua consciencia.

Um pois a festa como devem, e, se quizerem dar corôas ao Nabuco, façam-n'ô por outro modo, mas nunca ferindo a dignidade portugueza, nem humilhando e desdenhando os seus talentos para fazer realçar a estranhos.

sem e reflectam melhor sobre este convite: mas se teimarem em seu deslocado proposito, com falsos argumentos de commenda de litteratura e o livro do Dr. Nabuco, fiquem registadas estas linhas, como um protesto solemne para o que possa ser de calumnioso no presente e de affrontoso no futuro aos portuguezes.

20 de Março de 1880.

*Eurico.*

(*Gazeta de Noticias* de 22 de Março de 1830.)

#### CENTENARIO DE CAMÕES

Estando-me que alguém tem espalhado o boato de que o *Retirario Portuguez* retirou o officio que opportunamente deu ao Gabinete Portuguez de Leitura, communicando-lhe que continuava a fazer parte da *grande commissão dos festejos*, e-me declarar, na qualidade de presidente desta associação, que o boato é falso. O *Retiro* nunca pensou em retirar sem o officio, e conserva-se cada vez mais firme na deliberação tomada.

BAZILIO DE ALMEIDA E SILVA.

21 de Março de 1880.

(*Jornal do Commercio* de 22 de Março de 1880.)

#### O CENTENARIO DE CAMÕES

Noticia que hontem appareceu neste jornal a respeito da sessão do Gabinete Portuguez de Leitura, é menos exacta na parte que se refere ao respeito.

Eu não protestei e continuo a não protestar contra o convite da directoria d'aquella associação fez ao Sr. Dr. Joaquim Na-

buco; eu protestei e continuei a protestar contra a explicação que a mesma directoria deu ao seu convite.

ANTONIO ZEPHERINO CANDIDO.

(*Jornal do Commercio* de 23 de Março de 1880.)

### O CENTENARIO DE CAMÕES

O que diria o Sr. Camillo Desmoulins se chamassem um portu-  
guez para orador de uma festa brazileira?

Responda, Sr. *Cá-milho dos moinhos*.

(*Gazeta de Noticias* de 26 de Março de 1880.)

### CENTENARIO DE CAMÕES

Para orador o muito illustrado, verboso e honrado Sr. Henrique  
da Silva Souza Liberal.

(*Gazeta de Noticias* de 2 de Abril de 1880.)

### CENTENARIO DE CAMÕES

Dizem por ahí uns tantos Mirabeaus de praça que eu estou despeitado por me não convidarem para orador do centenario de Camões; e uns certos Loyolas de prateleira affirmam que eu accusei a directoria do Gabinete de Leitura por ter convidado um brazileiro. Os primeiros são pobres de espirito, os segundos ricos de ruins intenções. Aquelles exaltam-me quando pensam deprimir-me; estes affagam por subserviencia uma estima que nunca mereceram, promovendo-me uma malquerença que julgam aterrar-me.

E eu, que podia desprezal-os, não quero. D certo q e a ninguem convencem da sua virtude, mas podem illudir-se os que não sabem o que se passou.

Não venho explicar-me para os accusar; seria banal: venho dizer a verdade para justificar-me; é justo e é necessario.

Eu, que sou despeitado, sou o mesmo homem que procurou pelos meios mais prudentes e discretos abafar o conflicto provocado pelo convite.

No dia 12 de março, seguinte áquelle em que appor eceu naim-

prensa a censura á directoria, procurei um homem amigo do presidente d'ella e apresentei-lhe um plano facil e digno de terminar aquella pendencia, com indiscutivel vantagem para as festas do centenario. Achou perfeito o meu alvitre e abraçando-o com enthusiasmo, promptificou-se do melhor grado a apresental-o no dia seguinte áquelle cavalheiro seu amigo, ficando de me transmittir a resposta n'esse mesmo dia e no seu escriptorio, a hora determinada. Eu já estava despeitado, e fazia de juiz de paz!

No dia 13 vi nos jornaes as explicações da directoria.

Deixou-me quasi interdito aquelle documento selvagem!

Um periodo rouba á chronologia dos povos os sete seculos decorridos de 1139 a 1822: nivela na critica historica o movimento cavalleiro e religioso do seculo XII da espada e da cruz contra o alfange e o crescente com as lutas contemporaneas, que deram aos povos americanos a sua liberdade e autonomia, forçadamente extorquidas ás suas respectivas metropoles.

De um traço de penna, como o não teriam Littré ou Stuart Mill, decreta-se que a separação politica dos povos nada importa á sua separação historica.

Um rasgo de eloquencia alliança Portugal e Brazil pelas suas tradições gloriosas. A imaginação, um momento livre e desencadeada das outras faculdades, vê gravadas no marmore da historia lusa as datas 7 de setembro, 11 de julho, 1 de março, emquanto por outro lado 1139, 1640, 1820 e 1834 figuram aureolados de brilho nos archivos historicos do Brazil; Riachuelo e Aljubarrota, Torres Vedras e o Rocio estendem-se na mesma superficie.

E isto, que vem cima de 50 mil volumes, acobarda e atordôa!

Aqui, a directoria affirma que muito em breve nos vai deixar para resurgir no meio dos Gamas e dos Cabraes! Não sabe a gente se é a metempsychose de Buddha que leva a directoria, se é o circulo vicioso de Huzard que traz os navegadores de outras éras. Além, como se a auctoridade de 50,000 volumes fosse já pouco, inventou-se superlativos para qualificar merecimentos que ninguem chamara para o caso.

E quando, por fim, se entra em cheio na enumeração dos motivos que determinaram o convite, assistimos com assombro á volta dos tempos propheticos em que os santos varões de Israel revelavam

ao mundo, pelo verbo inspirado das alturas, a vinda do Redemptor, promettido aos miseros mortaes depois da sua quéda em peccado.

Fora o convidado o unico escriptor da lingua portugueza que celebrára o terceiro centenario da publicação dos Luziadas em 1872.

Parece que nos 50,000 volumes não existe um catalogo dos livros portuguezes !

Fora o convidado o verdadeiro precursor d'este movimento chamado centenario da morte de Camões.

Parece que a maior parte dos 50,000 volumes são contos de fadas ou tratados de espiritismo !

Ninguem ha ali que se anteponha ao convidado .

Parece que os 50,000 volumes ficam sobranceiros aos espaldares dos reopagistas ou aos *fauteils* dos quarenta immortaes !

Formei desde logo tenção de me afastar do conflicto que agora se me afigurava impossivel dominar pela seriedade prudente, e que eu não tinha desejo nenhum de vencer á custa do meu socego. A directoria do Gabinete, certamente, não retiraria aquelle documento, e eu nada queria de responsabilidade d'elle. Entretanto, á hora aprasada estava com o cavalheiro que aceitara a mediação, levado pelo dever antes que pela tenção de me conservar n'um posto ingrato e agora inconveniente.

O presidente da directoria do gabinete achava importuna a minha idéa ; lastimava que tantos lhe déssem conselhos e tão poucos lhe fossem Cirineus ; de dinheiro e não de conselhos precisava o Gabinete. Não obstante tinha em muita consideração a minha interferencia e tanta, que promettera ser presente alli, áquella hora, para em pessoa me ouvir. Esperei quanto pude e não quanto devia. Ainda, porém, lá estaria agora se me resolvesse a esperar a sua vinda.

De boa fé podia contar com a recusa da minha proposta, mas nunca suppôr uma desconsideração que nem o conceito do presidente da directoria, nem o nosso amigo por mim collocado na mediação, nem o meu procedimento auctorisavam.

Julgò ter demonstrado o meu despeito e justificado a minha comparencia na sessão do Gabinete de 21 de março.

Serei mais breve com relação ao assumpto do meu protesto. Elle está escripto e assignado, e foi fielmente reproduzido pela im-

Prensa ; todos veriam, lendo-o, o meu alvo e as minhas intenções. Declaro que nunca, em publico ou em particular, accusei a directoria do Gabinete de Leitura por ter convidado um homem de letras do Brazil para orador do centenario. Se alguém tem as provas com que affirme o contrario, que o faça ; se as não possui e o diz, é um calumniador, que eu tornarei responsavel pela sua calumnia, desde que tenha certeza de que espalhou o boato.

ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

( *Gazeta de Noticias* de 4 de Abril de 1880.)

#### GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Peza-me ter de declarar que não está de accordo com o facto, o que, em sua publicação de hontem, expõe o Exm. Sr. Dr. Antonio Zeferino Candido com referencia ao presidente do Gabinete Portuguez de Leitura.

Da acta da assembléa geral de 21 de Março ultimo, consta a declaração que a tal respeito fez o mesmo presidente, restabelecendo a verdade. Essa declaração, feita perante numerosa assembléa, não foi então contestada por S. Ex.

Dou esta explicação unicamente em homenagem aos deveres do cargo que exerço, e aos dignos consocios que não foram presentes á mencionada assembléa. O restante daquelle publicado tem em si mesmo a resposta.

EDUARDO LEMOS.

(*Jornal do Commercio*, de 5 de Abril de 1880.)

#### CENTENARIO DE CAMÕES

A declaração feita pelo Sr. Eduardo Lemos na assembléa geral de 21 de Março é esta : *que não comparecera no lugar e hora aprazados, porque tivera que fazer ; que o cavalheiro que eu escolhi para intermediario não soubera explicar o que eu queria.*

Eu não contestei esta declaração, é verdade ; e continuo a não a contestar. A emenda é peor do que o soneto. A primeira parte só

condemna os que aceitação compromissos que não cumprem; a segunda condemna a intelligencia do cavalheiro que servio de intermediario, que não soube explicar, ou a do Sr. Lemos, que não soube comprehender. Não me cabia a mim contestar o que todos alli tinham por certo, e a maioria da assembléa manifestou-se claramente neste ponto, quando ouvio lavrar um titulo de incapacidade a um cavalheiro bem conhecido pelos seus dotes intellectuaes.

Ora, aquella declaração não nega: 1º, que o Sr. Lemos faltou á sua promessa de comparecer na entrevista do dia 13; 2º, que o Sr. Lemos me mandou dizer que precisava de dinheiro e não de conselhos. E é isto o que eu relatei com referencia ao presidente do Gabinete.

O resto está respondido por si, na opinião do Sr. Lemos. Desse resto, pois, já o publico póde julgar em ultima instancia, porque o Sr. Lemos o deixa incontestado. Por exemplo; não se contesta a minha affirmativa que eu nunca censurei a directoria por ter convidado um Brasileiro para orador do centenario.

Que dirão a isto aquelles a quem o Sr. Lemos tenha affirmado o contrario?

Agora uma explicação. No dia 29 de Março pedi ao Sr. Eduardo Lemos que me fizesse umas declarações a respeito de factos passados na assembléa de 21. Em resposta de 30, S. Ex. recusou-se, sob o pretexto de que não estava ainda approvada a acta daquella sessão. Motivo banal; era ao Sr. Eduardo Lemos e não ao presidente da assembléa que eu me dirigia. Recusarão-se ambos; um, em nome de um direito que eu não contesto, outro com uma fraqueza que me confessou.

Agora, a mesma acta está ainda por approvar, e o presidente da assembléa julga-se autorisado a fazer uso della. Pertence ao publico julgar este acto; aos membros da assembléa pedir contas por elle, e eu me reservo o direito de o fazer.

ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

(*Jornal do Commercio* de 6 de Abril de 1880.)

---

---

 GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Insiste o Sr. Dr. Zeferino Candido em envolver-me na luta que traz consigo mesmo travada.

Repito, que está S. Ex. em erro. Não faltei como não costumo faltar ao que a mim proprio devo.

Ao respeitavel ca:alheiro que, em 13 do mez passado, me fez a honra de procurar em nome de S. Ex. e que me encontrou na sala do conselho do *Gabinete* recebendo a digna commissão de contas, sómente prometti comparecer no lugar e hora aprazados, se a missão que estava desempenhando terminasse a tempo.

Tal não succedeu, felizmente.

Levanto—apenas—a insinuação de descortezia que devolvo ao Sr. Dr. Zeferino Candido. Quanto ao mais direi unicamente que não respondo porque não devo e porque não quero. S. Ex. bem sabe porque assim procedo.

Mas desta resolução a aceitar por incontestavel quanto S. Ex. affirma, vai a distancia que medeia entre o seu empenho e a minha profunda indifferença pela questão que S. Ex. teve a infelicidade de suscitar na imprensa.

EDUARDO LEMOS.

(*Jornal do Commercio* de 7 de Abril de 1880.)

---

## CENTENARIO DE CAMÕES

Grassando por ahi a noticia, pouco lisongeira para o Retiro Litterario Portuguez, de que esta associação se desligára da grande *commissão dos festejos*, a exemplo e por seguir as pégadas da Sociedade Portugueza de Beneficencia, publico na sua integra, como energico dissolvente de taes boatos, o officio que tempestivamente dirigi ao Gabinete Portuguez de Leitura.

PEDRO SATYRO DE SOUZA DA SILVEIRA,  
ex-representante do Retiro na *grande commissão dos festejos*.

Rio, 6 de Abril de 1880. .

---

Illm. e Exm. Sr.—Em officio de 12 do corrente communicou-me a secretaria do Retiro Litterario Portuguez que :

Considerando que a directoria do Gabinete Portuguez de Leitura

nomeára o Illm. Sr. Dr. Joaquim Nabuco para orador na festa do centenário de Camões, em desabono da colonia portugueza do Rio de Janeiro, demonstrando tacitamente que no seu nucleo não havia quem desempenhasse aquella missão ;

Considerando que os socios do Retiro Litterario Portuguez em sessão de 11 do vigente, manifestarão o seu desagrado, não porque desconheção o brilhante talento daquelle distincto cavalheiro, mas sim porque, sendo esta commemoração essencialmente portugueza, não devião os iniciadores della mendigar elementos estranhos a esta nacionalidade ; tanto mais quanto é notoria a existencia desses elementos nesta capital ;

Considerando que, na sessão que os representantes das directorias das associações portuguezas celebrarão na sala do Retiro Litterario Portuguez, em 23 de Fevereiro proximo passado, se enunciára a idéa de prescindir-se de auxiliares que não fossem portuguezes, na manifestação em honra á memoria do grande épico, por isso que, a convite dessa illustrada directoria, as associações portuguezas se congregarão afim de levar a effeito, por si só, essa festa ;

Considerando ainda, e finalmente, que, não tendo sido consultadas a semelhante respeito as associações, em menosprezo dos seus brios, por intermedio dos respectivos delegados que constituem a grande commissão dos festejos ; pois, com plena certeza, se fosse cumprida, essa mera quão necessaria formalidade, obviarse-hia o desagradavel incidente que já pertence ao dominio publico :

O Retiro Litterario Portuguez, prezando, mais do que tudo, a sua dignidade, satisfaz o compromisso pecuniario que contrahio para com o Gabinete Portuguez de Leitura, mas deixa de fazer parte da grande commissão dos festejos, ficando *ipso facto* exonerado do cargo de que foi investido o seu representante.

Eis o que me cumpre levar ao conhecimento de V. Ex. ; acrescentando que, em mãos do Sr. Luiz Antonio Pimentel de Castro, thesoureiro do Retiro Litterario Portuguez, se acha a quantia de 300\$ á disposição do Gabinete Portuguez de Leitura.

Aproveito o ensejo para significar a V. Ex. os protestos da minha profunda consideração.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 15 de Março de 1880.  
— Illm. e Exm. Sr. Eduardo Rodrigues Cardoso de Lemos, *meu*

no presidente do Gabinete Portuguez de Leitura.— *Pedro Sa-  
o de Souza da Silveira*, ex-secretario da *grande commissão dos  
eijos*.

(*Gazeta de Noticias* de 6 de Abril de 1880.)

### CENTENARIO DE CAMÕES

Até que se explicou o Sr. Lemos: a montanha pario um rato!  
A gestação prolongada, pelo volume gigantesco e pelo arremesso  
Jupiter Tonante, o publico podia um momento pensar que Her-  
es ia esmagar-me. Engano. Tomou a parte pelo todo, o secun-  
do pelo essencial, e a esse nada, nada oppoz, senão as palavras  
troão.

Eu disse que elle faltára á reunião que me annunciou; confessa-o.

que faltou por que teve que fazer; nunca o contestei. Diz que  
na posto a condição de comparecer se o seu serviço o deixasse;  
ponhamos. Tudo sommado é apenas uma explicação da sua  
falta de cortezia; explicação que nada altera aquella falta, porque  
falta a hora da entrevista e persistindo o serviço, o homem  
deve mandava o seu criado prevenir os que estavam á sua espera.  
O facto mais que diz o adagio—a pontualidade é a cortezia dos  
príncipes, e o Sr. Lemos não está longe de o ser.

Eu disse que não faltou ao que deve a si proprio. Eu sei lá ou quero  
saber o que elle deve a si?! Eu ia lá accusal-o por isso?! Estou-  
apenas lembrando as faltas daquillo que deve ao seu proximo.  
Entretanto, aquella falta de cortezia é tão insignificante que eu  
nem a apontei na assembléa de 21. Foi elle quem se pôz lá a esgri-  
mear com os moinhos de vento, como o cavalleiro da Mancha. O  
Sr. Lemos nem sabe que abusou citando uma acta por approvar como  
documento sibilino, nem podia dar aquellas explicações na cadeira  
presidencia da assembléa. Trataremos disso quando a acta  
for lida.

As tudo isto são questões insignificantes, a que só dá valor quem  
*deve* nem *quer* responder ao resto. A raposa não *deve* nem *quer*  
comer o cacho: mas atira-se á folha da parra.

O Sr. Lemos desprezou uma lembrança minha que tornava solidas  
as sociedades portuguezas existentes neste Imperio na celebração  
do centenario de Camões. Fazer isto, não é desconside-

rar-me a mim, é desconsiderar todas aquellas sociedades. Elle não o contesta, porque não *deve*, nem *quer*.

O homem affirmou que eu estava despeitado por me não convidarem para a festa, eu digo-lhe e provo-lhe o motivo por que estou despeitado. Elle não contesta, porque não *deve* nem *quer*.

O homem affirmou e disse em dous jornaes que eu censurára a directoria do gabinete por convidar um Brasileiro; eu digo-lhe em presença do mundo que isto é uma calúnia. Elle não contesta, porque não *deve* nem *quer*.

O homem disse na assembléa de 21 de Março que um amigo seu, que lhe transmittio a minha idéa, lh'a não soubera explicar; eu affirmo esta insolencia do homem. Elle não contesta, porque não *deve* nem *quer*.

O homem negou particularmente áquelle seu amigo que tivesse dito tal cousa; eu preparo-me para o desmentir com o testemunho de quem ouvio. Elle não contesta, porque não *deve* nem *quer*.

Mais ainda.

No dia 21 de Março, no intervallo das duas vezes que fallei, um dos directores do gabinete veio dar-me explicações particulares do convite que se tinha feito, inteiramente em desaccordo com aquellas que eu censurára. Respondi que só aceitava aquellas explicações quando fossem dadas á assembléa onde eu accusára as de 13 de Março. Se eu publicar esta 2ª edição o publico verá a seriedade das intenções com que se fez o convite.

O homem ainda virá dizer que não responde, porque não *deve*, nem *quer*.

No dia 29 de Março, já sabedor das calumnias propaladas a meu respeito, dirigi-me em carta particular ao Sr. Lemos, pedindo-lhe que me dissesse: 1º, se eu censurára a directoria por ter convidado um Brasileiro; 2º, se dirigindo-me ao Brazil empregára algum termo descomedido ou descortez. O homem, recebendo esta carta de subito e das mãos de um amigo meu, respondeu ao portador: *que sendo atomo de um todo, a directoria, e, assim, solidario com ella, não podia responder sem a consultar*. De fórma que a resposta, em vez de ser a verdade, devia ser a conveniencia do corpo de que elle é atomo. O atomo não responderá a isto, porque não *deve* nem *quer*.

tanto está terminada a parte seria da questão. Foi a opinião  
 a que eu chamei para juiz, e esta está largamente informada.  
 : affirmã que eu travo questão commigo mesmo, o que signi-  
 ue elle a si proprio se chama —ninguem. Elle é o unico que  
 o certo aquillo que deve a si proprio.

: diz que eu sei porque elle não quer responder. Sei, com  
 , e sabe-o toda a gente que nos tem ouvido. Eu só tenho a  
 do que o publico a confissão escripta da sua fraqueza a que já

30 de Março diz-me na sua carta-resposta que não deseja  
 r um juizo que, por *severo e franco*, poderia ser mal aquila-  
 Insisti com o homem pedindo e até exigindo que dissesse,  
 por maior razão, visto que me ameaçava com um juizo se-  
 que se não dissesse provava a sua fraqueza por temer as con-  
 acias da verdade, e que, nesse caso imprevisto, eu o compel-  
 elos meios que obrigão todo o homem de character.

respondeu; chamei-o para aqui. Veio, apesar da sua *pro-  
 indifferença*. Veio e ha de ficar cá com alguma cousa agar-  
 o pelourinho. O mais, que se refere á nenhuma consideração  
 u lhe mereço, é muito secundario. Eu não vim para a im-  
 grangear a sua consideração. E depois, quem é elle e quem  
 !? Não é caso para dizer como o cardeal Moury disse a  
 ult.

os indo. O homem, apesar da sua *profunda indifferença*,  
 e vai dando de si; eu, com o meu empenho, não o largo,  
 e já me diverte este caso. Veremos, porém, quem virá a tomar  
 sas mais a sério. Eu por mim dou a victoria ao que fôr o ul-  
 o riso.

. *bien qui rira le dernier*.

ANTONIO ZEFERINO CANDIDO.

(*Jornal do Commercio* de 8 de Abril de 1880.)

### O CENTENARIO DE CAMÕES

zem que a colonia portugueza tem governadores que a diri-  
 seu bel-prazer! Não; uma população de quarenta a sessenta  
 nas, a que não faltam aptidões em todos os sentidos, vivendo

no seio de uma grande capital, e dispondo de sufficiente illustração e bom senso, não pôde ter, não tolera governadores; ha, porém, n'este grande corpo collectivo, membros proeminentes, que, dispondo de valiosissimas relações, quando todos se unem e se propõem a um fim justo, fazem verdadeiros milagres. Haja vista o exito da opera *Eurico*: e porque se conseguiu tal resultado? porque a ninguem prejudicava, e felicitava um honrado pai de familia, um artista portuguez. Como exemplo em contrario, veja-se a tentativa contra a existencia da *Revista Illustrada*: não cahio esta mui apreciável folha; pelo contrario cresceu e medrou com a perseguição! e porque? porque o empenho era iniquo. Por estes dois factos se pôde bem avaliar se a colonia portugueza do Rio de Janeiro tem ou não illustração e criterio sufficientes para, como corpo collectivo, formar opinião independente de suggestões officiosas.

O que, porém, é fóra de duvida é que não falta quem pretenda assumir para com ella o papel de director, conselheiro, etc., e de tal pretensão não são os menos sofregos aquelles que, mal conhecendo a colonia, porque entre ella não tem vivido, aqui se apresentam, impondo-se como mais sabidos, e, imaginando ter chegado a uma terra de cegos, tudo censuram, tudo querem corrigir, e... cuidado! se lhes não fazem logo a vontade, se não se curvam perante a sua sapiencia, ai da colonia! Haja vista o que se passou a respeito da exposição: leia-se a respectiva *Revista*, a pag. 134 e 135, e por fim o tal artigo da *Correspondencia*.

Ahi estamos nós agora a braços com uma estupenda questão de *lana caprina*, que ameaça inundar o jornalismo de uma caudalosa torrente de erudição! e tudo porque? Por se ter praticado um acto, que, a meu vêr, longe de importar dezar para a colonia portugueza, bem ao contrario, prova alto criterio e denota extrema delicadeza da parte de quem, tendo de festejar em terra estranha o centenario do principe dos poetas portuguezes, entendeu e muito bem:

1.º Que, aqui, o louvor a Camões seria muito mais bem cabido na bócca de um brasileiro.

2.º Que tal escolha de brador seria uma muito bem entendida prova de deferencia para com os irmãos pelo sangue e pela lingua

entre os quaes vivemos, e a quem são communs todas as nossas glorias. O contrario d'isso, é que seria grosseria.

Quem tanto se incommoda por uma tal escolha, porque não va depressa a Lisboa perguntar porque é que, havendo tantos e tão abalisados engenheiros portuguezes, não se escolheu um para levantar a torre da Casa Pia de Belém? Ora esta!

*Portuguez.*

(*Gazeta de Noticias* de 9 de Abril de 1880.)

### CENTENARIO DE CAMÕES

(A ZEFERINO CANDIDO.)

Eu dou golpes nos costumes  
E dizem que é nas pessoas.

(N. TOLENTINO.)

Tu não nasceste para commungar

Naquella estreita mesa

Onde se come bacalháo salgado

Com cebola, vinagre—o afogado

*A' boa portugueza.*

Não conheces, aposto! nem calculas

O genio nacional

Das *formigas*, das *papas*—*feijoadas*

Com tripas e chouriças, trapalhadas;

Pois olha, é o idéal.

Desses irmãos daqui, heróes subidos

Da opa e balandrão!

Se queres conviver com essa gente,

Que guarda as tradições tão nobremente,

Comerás bacalháo.

Se o teu modesto estomago não quer

Nem póde digerlr

Tão bons e *patrioticos manjares*

Demanda um outro mundo e outros ares

Ou deixa-te a dormir.

O reinado do céo que lhes pertença  
 Por toda a eternidade;  
 Mas que nos deixem—nova geração  
 Provar com a verdade o que elles são  
 Se quer por caridade.

*Um Atheu.*

(*Jornal do Commercio* de 11 de Abril de 1880.)

### O TRISTE CENTENARIO

Porque se não escolheu um engenheiro portuguez para levantar a torre da Casa-Pia de Belém? assim remata um *Portuguez*, figura que tardava em apparecer, e que não deseja ver inundar o jornalismo de uma caudalosa torrente de erudicção! e, no entanto, lá veio a erudicção, fallou em corrigendas, em censuras e cuidados, em *Eurico Revista*, e *Correspondencia*.

Mais abaixo ou mais acima, falla em mil-gres, em cégos, e mais alguma cousa; resultado? nenhum. O *Portuguez*, como figura obrigatoria que é, e em todos os tempos, lá o vemos de realejo em frente, tocando a aria mais que conhecida da calumnia, elle, o *Portuguez* não tem coragem para dizer os nomes de quem se refere e naquelle verdadeiro monte de sandices, bem se conhece que o *Portuguez* precisa que lhe desenferrugem... a penna, que, desde a euricada, se conserva inamovivel; foi infeliz até no pseudo com que o *Portuguez* escreveu; deu-se a conhecer por ganhador, e não como individuo que sente e manifesta uma opinião; a do *Portuguez* é sujeita e bem sujeita.

O nosso intento não é positivamente analysar o que disse o *Portuguez*; o nosso intento é dizermos ao Sr. Dr. Zeferino Candido, a proposito do não *devo*, nem *quero*, que S. S. não tira proveito algum da discussão que traz. S. S. é bastante conhecedor dos homens, e por essa razão não deve consentir que se pense que S. S. deixa hobrear comsigo individuos que só precisão de dinheiro e não de conselhos.

A esses individuos não convém quem lhes aponte os erros e erros de palmatoria, convém-lhes que a irmandade do elogio mutuo (unico fructo que bem *sazonado dá a colonia portugueza*) lhes diga: *Amen*; *atraz do amen vem o dinheiro*, e é delle que nós precisamos.

Para bem conhecer, Sr. doutor, o individuo que, apesar dos olhos pretos, quer ser o Appollo da colonia, basta dizer-lhe que na sua mocidade militou muito tempo no acampamento de certa *Viella da Netta* á custa das pobres vivandeiras, e que hoje, depois de rico e definidor de uma irmandade religiosa, deixa viver na indigencia e recebendo uma mesada de 5\$ uma sua sobrinha.

O outro, Sr. doutor, julga que a intelligencia é prebenda de familia, que basta o nome respeitado de um seu irmão para dar os vãos de aguia, como se julga; comtudo sabe melhor o que faz, mas emprega só em seu proveito o muito que diz saber: então em materia de patriotismo! D'alguns relatorios que tem feito e tambem pela celebre circular, bem se ajuiza o quanto é firme em opiniões. Não se persuada, Sr. doutor, quer n'um, quer n'outro, entrou o arrependimento pela injustificavel asneira que praticarão; n'isto são muito firmes, porque n'isso vai a ignorancia de um e a bajulação e o servilismo de outro. Repare, Sr. doutor, que aquelles individuos e outros directores do Gabinete parecem ignorar que ha um conselho deliberativo no mesmo Gabinete, e o qual ainda não foi ouvido sobre tantas resoluções que a directoria tem tomado.

Tornamos a repetir: deixe-se de questões, Sr. doutor; será difficil dizer que S. S. terá a victoria, e, quando a tenha, é a mesma ingloria, pelo que já dissemos. Olhe, Sr. doutor, não se metta com os chefes, não dê cavaco; deixe-os fazer; elles é que sabem, que se não precisa ir a Coimbra para saber historia e patria; recolha-se áquelle somno azul, que diz conhecer.

*A alma do malláé.*

(*Jornal do Commercio* de 12 de Abril de 1880.)

#### O RELATORIO DO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Fomos hontem receber o relatorio que informa os accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura dos principaes acontecimentos que interessarão á instituição durante o anno que findou; essa peça tem a data de 6 de Março e está subscripta pelos Srs.: Eduardo Lemos, presidente; José Joaquim Godinho, vice-presidente; J. C. Ramalho Ortigão, 1º secretario; Joaquim José de Cerqueira, 2º secretario; Albino de Freitas Castro, thesoureiro.

No relatório supra referido, a directoria, depois de fazer, como lhe approve, o historico do ultimo periodo administrativo, entendeu que devia fazer um appello á *colonia portugueza*. Era da mais alta conveniencia captar as sympathias daquelles que, por sua intelligencia, ou actividade, pudessem de qualquer modo concorrer para a prosperidade de tão util instituição, mas a directoria, tomando ares de fanfarrão litterario, entendeu que lhe era licito atirar aos motejos de uma desconsideração immerecida essa mesma *colonia* para quem appellava. Era justo ! . . .

Quem se julgou sufficiente para conferir diplomas de capacidade intellectual « *Na ante-manhã do glorioso dia 10 de Junho de 1880, quem ahi ha que se lhe anteponha no desempenho da grande missão de que está incumbido* »: quem ostentou tanta erudição indigesta bem podia tambem escrever a pagina 20 do citado relatório: « *Em regru, os portuguezes no Brazil fazem consistir a sua abnegação na pratica de beneficencia consubstanciada no hospital e na esmola. Este facto característico da nossa mentabilidade tem a força e as fundas raizes do preconceito, e, — o que é peor — a irresponsabilidade do acto inconsciente e bem intencionado.* »

A directoria do Gabinete, não sabemos em nome de que theorias pedantescas, entendeu no seu luminoso relatório que devia coarctar a liberdade do pensamento e que, pela mesma razão que elevou o Exm. Sr. J. Nabuco á categoria de *verdadeiro precursor deste grande movimento*, devia tambem vilipendiar, imprestando-lhe os epithetos de inconsciente e analfabeta: « *uma das classes mais importantes e numerosas talvez, a mais preponderante do commercio portuguez no Rio de Janeiro.* » (pag. 19).

Desnecessario é descrever aqui donde vierão e quem são os actuaes directores do Gabinete Portuguez de Leitura: o publico deve conhecer uns pantomineiros *litteratos*, que por ahi vagueião e que injurião áquelles que não estão dispostos a satisfazer-lhes todas as pretencões; pois bem, os magnates do Gabinete, sómente porque não correspondeu ao seu *desideratum*, arrogarão-se o direito de estigmatizar: « *uma classe rica e portanto poderosa e algumas outras que pôde dizer-se que são o principal sustentaculo de estabelecimentos de caridade e de muitas outras corporações, que por sua peculiar organização tem um pé no mundo social e o restante do corpo na igreja.* » (pag. 19).

A classe, que mereceu a ferula de tão illustrados *mestres*, tem-se empre avantajado em todos os commettimentos uteis: essa classe, a quem os sabichões do Gabinete appellidão inconsciente, em prestado mais serviços de utilidade publica, do que certas sumidades da laia dos actuaes directores; essa classe que, na opinião os sapientissimos directores, presta o desserviço de amparar estabelecimentos de caridade, vai até uma pobre casa da rua dos nvalidos, e ahi entrega a esmola das instituições caritativas, observando talvez a que não se prostituão umas moças pauperrimas, em ujas veias gyra o sangue do abastado presidente do Gabinete Portuguez de Leitura.

Essa classe, que não dá a minima importancia á actual directoria do Gabinete, pertence á categoria das inutilidades, só porque em coração para ver as desgraças humanas e não póde olhar com indifferentismo as casas de caridade, que tanta ogerisa merecêrão s altas capacidades que subscreverão o relatorio a que nos reprimos.

A' excepção do Sr. 2º secretario, conhecemos individualmente s signatarios do relatorio em questão; voltaremos á imprensa, inda uma ou mais vezes, se a isso formos provocados. Por hoje arminaremos lembrando aos Srs. presidente e 1º secretario aquelle phorismo que diz: *quem semeia ventos colhe tempestades*. Quanto o 2º e 5º personagens da directoria não comprehenderão o que ssignárão.

*Um accionista.*

(*Jornal do Commercio* de 12 de Abril de 1880.)

#### CENTENARIO DE CAMÕES

O senhor que no *Jornal* de hoje se assignou *A alma do mailaé*, trou o alvo no que escreveu com referencia ao *Portuguez*; e lamento isso devéras, tanto mais que não recommendei segredo, e o escriptorio da *Gazeta* facilmente saberia o meu nome, escusando-se de mimosear-me com um punhado de amabilidades, que me usaram riso, porque não me attingem.

Pois devéras, meu caro senhor, está bem convencido de que não a na colonia portugueza do Rio de Janeiro um só portuguez

capaz de formar opinião sua sobre qualquer assumpto attinente á mesma colonia e publical-a, *á sua custa*, sem ir pedir licença aos sonhados governadores !!! Que triste idéa faz o senhor dos seus compatriotas! O senhor está laborando no mesmo equívoco que deu origem a esta questão assim como a outras tantas de igual quilate: a colonia portugueza do Rio de Janeiro não é a *Lourinha*.

*Portuguez.*

11 de Abril de 1880.

(*Gazeta de Noticias* de 12 de Abril de 1880.)

#### O TRISTE CENTENARIO

Escusamos por ora saber o nome do *Portuguez*, o que estranhámos são as contradicções em que S. S. cahe. Não lhe dissemos amabilidades, nem foi positivamente o nosso intuito analysar o que S. S. disse.

No seu artigo de hoje, S. S. ajuda-nos sem lhe termos pedido: nunca felizmente julgamos da colonia, e, quando tivéssemos de o fazer, não seria como S. S. diz.

O equívoco em que laboramos é que quizeramos ver explicado, pois que no seu dizer foi o mesmo que deu origem á questão do triste centenario.

Quanto não ter a *Lourinha* a colonia no Rio de Janeiro, só dá a conhecer que não é séria a discussão intentada pelo *Portuguez*: o argumento de S. S. é de algibeira e como tal irrespondível: e quem argumenta com estes principios não gasta dinheiro nem toma tempo.

Discutiremos com S. S. logo que o queiram as suas razões.

*A alma do Mallé.*

(*Gazeta de Noticias* de 13 de Abril de 1880.)

Na secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil:

O Sr. presidente chama a attenção da secção para um assumpto que lhe parece de interesse, e em referencia ao qual a secção não deve conservar-se imparcial.

Pelos jornaes soube que a Sociedade de Geographia de Lisboa

poz-se á frente de um projecto, tendo por fim celebrar o terceiro centenario de Luiz de Camões.

Diz que por ora a secção não tem conhecimento official do respectivo programma, e mesmo pelo que se publicou não se pôde fazer d'elle uma justa idéa e nem a parte que lhe cabe em tal comemoração.

Lembra que, no Rio de Janeiro, a corporação do Gabinete Portuguez de Leitura, com mais antecedencia, pôz-se á frente de outro projecto de igual natureza, porém de maior vulto, fazendo publicar uma edição do principe dos *Luziadas* e provavelmente das outras obras do mesmo genio, e prepara-se para solemnizar esse centenario com festas ostentosas, convidando as associações litterarias da côrte.

Na hypothese de ser a secção de que é presidente, como deve acreditar, incluída n'aquelle numero, parece acertado que com antecedencia se tome uma deliberação, visto a posição especial da associação, que se compõe dos elementos das duas nações politicas. E' natural perguntar-se : iremos todos congratularmo-nos pelas glorias de um irmão que tão grande brilho deu á lingua que todos fallamos, ou iremos tão somente saudar os filhos de uma nação amiga pelo escripto de tão eminente poeta seu conterraneo ? Por outra : Camões é o poeta exclusivo de uma nação politica, ou de uma nação considerada sob o ponto de vista ethnographico ?

Esta questão, diz o Sr. presidente, parece-lhe digna de ser estudada e apreciada pela secção ; convém que se tome uma deliberação, se não r'esta, na proxima sessão, pois está proximo o dia do Centenario.

Por sua parte entende que Camões, como Homéro, Virgilio e mesmo Dante, é poeta ethnographico ; é o poeta da lingua portugueza, de todos os que a fallam. A antiga nação portugueza, outr'ora constituida um só todo, dividiu-se politicamente, mas no ponto ethnographico ainda é uma só.

Homéro, nascendo no territorio das colonias gregas, na Asia Menor, é sempre o grande épico grego ; Virgilio, posto que visse a luz na Gallia Cisalpina, era e é o poeta da Roma, da lingua do Lacio. No mesmo caso está para com Portugal o nosso Caldas, assim como Durão.

Outro tanto se dá nos paizes que têm e tiverem colonias. Milton

e Shakespeare, poetas de alto nome como Camões, pertencem a todos os que, procedendo da raça saxonica, fallam a lingua em que escreveram suas obras immortaes. Seria injustificavel *chauvinismo* fazer Camões exclusivo de Portugal, tendo sido nosso concidadão politico até 7 de setembro de 1822, ainda sendo o Brazil já ramo distincto de Portugal desde 1815. Seria ainda uma injustiça com o proprio Camões, que em tres de suas magnificas estancias commemora este pais nos brazões dos que os cultivaram e povoaram; como prolongamento da patria era uma colonia e não uma conquista.

Por outro lado, se Camões obteve da natureza, do sólo e clima patrios o éstro que ainda hoje admira o mundo, as inspirações foram por elle alcançadas na odysseá que percorreu, posto que theatro das glorias de seus conterraneos. Supprimida a viagem á India, o desterro de Macáu e as perseguições intermedias os *Lusiadas* seriam impossiveis.

Nós, n'esta secção, continúa o Sr. presidente, não apreciamos Camões sómente como o sublime epico de nossa raça, mas ainda como poéta geographo por excellencia; é neste ponto muito superior a seus predecessores, ainda f itos todos os descontos. Os *Lusiadas* contam mais de uma *Iliada* e mais de uma *Odysseá* coroando-a com a mais heroica e mais imponente de todas.

O resumo de sua geographia antiga, organizado no exilio de Macáu e sem livros, é admiravel e prova que possuia de cór Strabão e Ptolemeu.

Do Brazil, cujo litoral sem duvida viu, e cujas auras por certo respirou, pelas exigencias da navegação para a India, ha ainda uma coincidencia a notar: a sua vinda com Fernando Alvaes Cabral, o filho ou neto do descobridor; navegação singular, pois a demora em nossas costas da náu que conduzia-o, a capitania, fez permittir-lhe a navegação a éste de Madagascar e das ilhas Mascarenhas, presenciando a assombrosa magestade dos mares antarcticos, espectáculo que não pouco devera influir na imaginação aprimorada e privilegiada d'aquelle genio.

O Sr. presidente pede desculpa d'esta digressão, e sugeita á discussão o assumpto que expoz.

Entrando em discussão fallam os Srs. barão de Wildik, barão

---

de Tefé, Ramalho Ortigão, José Ricardo, Dr. Campos de Medeiros, abundando todos nas idéas expendidas pelo Sr. presidente.

O Sr. Ortigão declarou que, por fazer parte da direcção do Gabinete Portuguez de Leitura, sabe que a secção está incluída no numero das associações que têm de ser convidadas para a festa do centenario, no que é apoiado pelo socio o Sr. Eduardo Lemos.

( *Gazeta de Noticias* de 19 de Abril de 1880.)

---

(N. B.—Houve além destas algumas outras publicações de pequena importancia).

FIM



